



FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO

MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL,
ADAPTAÇÃO E ESTRESSE
ACULTURATIVO

LUCIANE PATRÍCIA YANO

©Yano, L. P., 2013

Design de Capa
Renan Meurer

Projeto Gráfico e Editoração
Poá Comunicação

Supervisão editorial
Poá Comunicação

Revisão ortográfica
Carla Araujo

Livro eletrônico

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Y24f Yano, Luciane Patrícia.
Famílias brasileiras no Japão: migração transnacional, adaptação
e estresse aculturativo. / Luciane Patrícia Yano. - 1. ed.
- Porto Alegre: Poá Comunicação, 2013.

Formato pdf

ISBN 978-85-66146-03-5

1. Psicologia Transcultural. 2. Estresse. 3. Migração. 4. Famílias
Japonesas. I. Luciane Patrícia Yano. II. Título.

CDD 158.7

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Prof^ª. Terezinha Campos Corrêa FAAO
Bibliotecária Fernanda de Oliveira Freitas – CRB 11^ª/762

A todos aqueles que ousaram transpor fronteiras e descobriram que, ao fazer isto, dividiam, inevitavelmente, seus corações.

*O amor não é algo fácil. É a única bagagem
que você pode levar.
É tudo que você não pode deixar para trás.
Se a escuridão nos separar e a luz parecer muito distante;
Se o seu coração de cristal parecer se quebrar e,
Por um segundo você pensar em voltar atrás,
Seja forte.
Siga em frente.
O que você tem, eles não podem te tirar.
[...]*

*Você está fazendo as malas para um lugar onde nenhum de nós
esteve antes.
Um lugar que deve ser visto para se crer.
Você poderia ter desistido; Um pássaro livre numa gaiola aberta
que apenas voa para a liberdade.
[...]*

*Sei que é doloroso; que seu coração parece quebrar;
Você pode aguentar.
Siga em frente.
Lar! Difícil saber quando nunca se teve um.
Lar! Não posso dizer onde é, mas eu sei que estou indo.
Lar! É onde a dor está.
[...]*

*Você tem que deixar para trás.
Toda a sua moda, seus afazeres, suas
realizações, suas perdas.
Tudo que você mediu, tudo que você sentiu.
Tudo isso, você pode deixar para trás.
toda sua razão, é apenas tempo.
[...]*

U2 - *Walk On/Siga em Frente*, 2001 [tradução do autor]

Minha eterna gratidão,

Aos professores Tadamasu Murai e Takashi Niwa
da Nagoya City University.

À Japan International Cooperation Agency e a Nippon
Foundation pelo apoio às pesquisas.

Às famílias brasileiras no Japão e aos estudantes
participantes desses estudos.

Ao meu pai, Felipe, por transcender o olhar
que eu mesma tinha sobre mim.

À minha filha, Tatiane, que já nasceu entre dois mundos.

Aos meus avós Tomie e Yoshio Yano, pela
coragem em atravessar o oceano para
encontrar o desconhecido.

À minha saudosa mãe, Mami Yano, que me
ensinou que o mundo era, de fato, muito maior
do que eu poderia imaginar.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
INTRODUÇÃO.....	10
<i>MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL: A CONSTRUÇÃO DE UM LAR IMAGINÁRIO</i>	

PARTE I

**FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO: MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL,
ADAPTAÇÃO E ESTRESSE ACULTURATIVO - CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS**

CAPÍTULO 1.....	14
<i>MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL E FAMÍLIAS BRASILEIRAS</i>	

CAPÍTULO 2.....	39
<i>ADAPTAÇÃO DE BRASILEIROS NO JAPÃO</i>	

CAPÍTULO 3.....	59
<i>RELAÇÃO FAMILIAR</i>	

CAPÍTULO 4.....	64
<i>ESTRESSE ACULTURATIVO</i>	

CAPÍTULO 5.....	78
<i>COPING E HABILIDADES SOCIAIS</i>	

PARTE II

**FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO: MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL,
ADAPTAÇÃO E ESTRESSE ACULTURATIVO - ESTUDOS REALIZADOS**

CAPÍTULO 6.....	87
<i>A MIGRAÇÃO DE FAMÍLIAS BRASILEIRAS</i>	

CAPÍTULO 7.....	92
<i>PROBLEMAS RELACIONADOS À EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS BRASILEIROS NO JAPÃO: SONHO E REALIDADE NA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS</i>	
CAPÍTULO 8.....	105
<i>ACESSANDO CARACTERÍSTICAS FAMILIARES: RELAÇÕES FAMILIARES DE BRASILEIROS NO JAPÃO</i>	
CAPÍTULO 9.....	116
<i>ESTRESSE ACULTURATIVO EM FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO</i>	

REFERÊNCIAS

PORTUGUÊS/INGLÊS	178
JAPONÊS	206

APRESENTAÇÃO

Em junho de 1988, minha mãe, na época com 36 anos, chegou até mim dizendo que iria trabalhar fora do Brasil. Eu, que fui uma adolescente encantada pela música e pela cultura norte-americana, logo perguntei: você vai para onde? EUA?! Fui preenchida por uma sensação de entusiasmo. Entretanto, ao ouvir de minha mãe como resposta que ela iria para o Japão, terra de seus pais e seu país de nascimento também, eu fiquei um pouco decepcionada. Japão?! Mas o que tem de interessante no Japão? Do Japão eu tinha as recordações passadas pelos meus avós e conhecia, na visão de neta e filha de imigrantes japoneses, da comida, da língua japonesa geracionalmente ultrapassada, da disciplina, do sofrimento e da luta que os mesmos travavam como agricultores imigrantes no Brasil.

Bom, minha mãe migrou para o Japão e, meses depois, meus avós e tios maternos, que moravam no interior do Pará, também fizeram o mesmo. Em dezembro de 1989, minha mãe retornou ao Brasil, após uma temporada de 18 meses. O dia de seu retorno foi inesquecível para mim. Ao abrir as malas - e estas eram quatro “grandes” malas, minha mãe me apresentou um novo mundo. Cada item que ela tirava das malas prendia minha atenção pelas suas formas, cheiros e cores. Se fechasse os olhos hoje, poderia jurar que conseguiria sentir, ainda, o cheiro agradável e peculiar que exalava daquelas malas. E, se como se não fosse suficiente tanta experiência, cada coisa era apresentada pela minha mãe com um brilho magnetizante no olhar e com uma fala entusiasmada como jamais havia experienciado dela anteriormente. Parecia o lugar dos sonhos; um lugar perfeito,

onde não faltavam novas tecnologias, possibilidades de melhoria financeira e onde poderíamos viver com o poder aquisitivo de uma pessoa de classe alta no Brasil. E, por falar em Brasil, era um período de hiperinflação, do *overnight*, de transição de governo, do plano Collor e da insatisfação – pelo menos para o que parecia ser a maioria, da população. A partir daquele momento, minha figura principal passou a ser o sonho de viver uma nova vida no Japão. Ao final do mês de março do ano de 1990, viajei para lá, pela primeira vez, com minha mãe e irmã, realizando naquele momento, o sonho de conhecer a terra das possibilidades tão defendida por minha mãe.

Chegamos ao Japão no início da primavera, o que potencializou as experiências agradáveis, com o cheiro e as cores das flores que tomavam todos os cantos do país. Tomei a primeira impressão com um misto de admiração, de sentimento de saudade e de esperança.

O resumo dessa história é que vivi seis anos no Japão como Dekassegui. E, anos mais tarde, já graduada em psicologia, retornei ao Japão na condição de pesquisadora, onde estudei por um período, novamente, de seis anos. Assim, vivi doze anos de minha vida no Japão. Ao longo desse primeiro contato com o país, foram muitas as idas e vindas e, a certeza de que, essas experiências me transformaram em alguém com o coração dividido e sem espaço geográfico definido.

Viver como brasileira no Japão motivou-me a levar adiante a questão de como viver como alguém entre mundos tão diferentes e, ao mesmo tempo, tão correlatos em diversos sentidos? Assim, decidi, desde o momento que entrei no curso de psicologia em 1997, que, um dia, iria estudar a vida dos brasileiros no Japão e buscar contribuir, mesmo que sutilmente, para esta comunidade a qual fiz parte e que, como experiência, atribuiu sentido importante à minha vida e mudou minha maneira de ver o mundo.

MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL: A CONSTRUÇÃO DE UM LAR IMAGINÁRIO

O processo de Globalização, influenciado pelo desenvolvimento dos transportes e da comunicação eliminou, em certo nível, as barreiras nacionais e econômicas. Contudo, não se pode dizer o mesmo em relação às diferenças étnicas e culturais. Um dos modelos de migração bastante influenciado pela Globalização é a migração transnacional. O imigrante que vive como um transnacional mantém relações sociais, econômicas e emocionais com dois ou mais países. Neste modelo, o imigrante elege um país como seu lar, o Lar Imaginário, e tende a repetir o ciclo migração, retorno ao país de origem e nova migração, desejando um dia, retornar, definitivamente.

Em 2008, ano da conclusão de minhas pesquisas no Japão, o número de brasileiros residindo no país estava acima dos 300 mil. Em 2012, este número passou ser o de aproximadamente 210 mil. A redução acentuada deste número, deve-se a dois fatores: a crise econômica que afetou, especialmente, os EUA, Japão e zona do Euro, e o crescimento econômico brasileiro.

Os brasileiros que vivem no Japão, conhecidos como “dekasseguis” palavra da língua japonesa que designa àquele que vai trabalhar em lugar fora de seu lar, são considerados por alguns estudiosos como migrantes transnacionais. Estes vivem entre Japão e Brasil mantendo relações com parentes e amigos que estão em seu país de origem. Entretanto, que tipo de influência social e emocional este

modelo de migração exerce nos mesmos? Como disse Stone (2005), se o lar é o lugar onde o coração está como fica o coração daquele que vive entre dois ou mais mundos culturais tão distintos?

A migração transnacional, em seus aspectos positivos e negativos, oportuniza conhecer uma nova cultura e aprender uma nova linguagem (biculturalismo), pois, este aprendizado, poderá contribuir para a melhoria profissional e pessoal (autoestima) do imigrante. O biculturalismo exerce um papel igualmente importante para o desenvolvimento de uma adaptação adequada. Contudo, em geral, os brasileiros que vivem no Japão não desenvolvem habilidades biculturais. Eles vivem isolados num mundo brasileiro dentro do Japão mantendo relações sociais, predominantemente, com pessoas do mesmo grupo étnico. Em outras palavras, eles não adquirem habilidade em uma nova língua por várias razões que incluem a falta de tempo, falta de motivação e por possuírem estereótipos quanto à cultura e quanto ao povo japonês.

Para muitos brasileiros residentes no Japão, retornar ao Brasil para viver permanentemente representa um sonho. Contudo, eles estendem o tempo de permanência no país por várias vezes e, como resultado, tornam-se residentes permanentes no Japão. Assim, considerando o grupo dos brasileiros no Japão como imigrantes transnacionais, possuidores de um lar imaginário e de uma identidade *dekassegui* particular e única, conseqüentemente, este grupo necessita ser visto como uma minoria peculiar, um grupo singular dentre diversas minorias étnicas no mundo.

As informações contidas neste livro são provenientes da tese de doutorado que escrevi entre 2004 e 2009, período no qual atuei como pesquisadora da Nagoya City University. Durante quase cinco anos, trabalhei numa escola brasileira na cidade de Minokamo na província de Gifu, na

região central do Japão, e foi por meio do contato obtido com os estudantes e suas famílias ao longo desses anos que este trabalho foi desenvolvido.

O tópico principal a ser abordado é a adaptação, concentrando-se nas influências deste processo na saúde psicológica, nas relações familiares e no estresse aculturativo dos participantes deste estudo. Na parte I, são apresentadas explicações teóricas sobre migração transnacional em indivíduos e suas famílias, baseando-me em resultados de pesquisas sobre o assunto, desenvolvidos no Canadá e nos EUA. Na Parte II, são apresentados resultados de pesquisas, contendo dados quantitativos, bem como, narrativas de famílias entrevistadas para a realização do trabalho final.

Dentre os objetivos que estabelecidos, a busca, por meio de estudos teóricos e práticos, pela presença de características transnacionais em brasileiros no Japão; sobre os problemas de adaptação que estas famílias enfrentam (relações familiares, situação educacional dos filhos); sobre uma possível presença de sintomas de estresse aculturativo e das estratégias utilizadas por estas famílias (coping) para lidar com o estresse durante o período de vivência no Japão, enfatizando os aspectos emocionais envolvidos em todas as situações aqui mencionadas.

Caso o leitor interessado nunca tenha passado pela experiência de ser um imigrante, que estas páginas o ajudem a entender o processo de viver tão distante e ao mesmo tempo tão emocionalmente ligado à sua origem cultural. Contudo, se o leitor foi ou é um imigrante, principalmente um *dekassegui*, provavelmente, compreenderá, um pouco melhor, o processo que, por experiência própria, vivencia ou vivenciou.

Parte I

FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO: MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL, ADAPTAÇÃO E ESTRESSE ACULTURATIVO

CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL E FAMÍLIAS BRASILEIRAS

1.1 MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL

A migração transnacional refere-se a um modelo ou tipo de migração em que o imigrante mantém vínculos econômicos (através de remessas de dinheiro, aquisição de bens e manutenção de pessoas), sociais e emocionais (manutenção de vínculos com parentes e amigos) com dois ou mais países. A migração transnacional se intensificou na era da globalização, influenciada pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e dos transportes, bem como, pela expansão de serviços em vários setores da economia. É bem mais fácil contarmos pessoas que vivem geograficamente distantes de nós nos dias atuais se compararmos às décadas passadas. De fato, a globalização parece exercer papel fundamental influenciando também na preservação dos vínculos afetivos.

O imigrante transnacional mantém vínculos emocionais com pessoas do país de origem, e, concomitantemente a isso, novos vínculos com pessoas da nova sociedade são criados. Na nova sociedade, este cria filhos, engaja-se na rotina laboral, compra propriedades e faz amigos dentro e fora da comunidade étnica, expandindo sua rede social. Para os psicoterapeutas que trabalham com famílias, as famílias transnacionais representam um novo tipo de família que surgiu nesta era de globalização. Assim, conhecer as metas de migração, posição social, relação pais e filhos e a adapta-

ção deste novo grupo familiar torna-se tão necessário.

A adaptação de uma criança que nasce em uma família transnacional, geralmente, ocorre de forma a combinar a assimilação de uma nova cultura, as características da cultura dos pais e as características inerentes à vivência como migrante transnacional. Segundo Falicov (2005), este meio de viver tão singular potencializa o desenvolvimento nestas crianças da identidade conhecida como Identidade Hifenada (ex. nipo-brasileiro). Com isso, esta criança imigrante torna-se um imigrante emocional, visto que, embora possa possuir poucas lembranças de seu país de origem, herda dos pais parte importante das experiências dos mesmos antes da migração e acompanha, em seu desenvolvimento, a descrição poética da terra natal feita por seus pais.

A adaptação de um indivíduo ou grupo em uma nova sociedade recebe muitas influências sociais de sua cultura de origem. Por exemplo, quando um imigrante possui origem em uma família com um forte senso de união e responsabilidades geracionais, a migração pode acompanhar sensações mais profundas de sofrimento emocional, vergonha e culpa, especialmente, quando a pessoa não alcança suas metas como imigrante (Smart, 2001).

Thomas (1995), em seus estudos, concluiu que a maior parte das famílias de imigrantes torna-se família nuclear após a migração. Em outras palavras, estes imigrantes podem ter vivido como família extensa, com a presença dos pais, avós, tios, primos, e outros, em seu país de origem, convivendo em mesma casa ou relativamente próximos, encontrando-se, pelo menos, em datas comemorativas.

Contudo, ao migrarem tornam-se famílias nucleares, sofrendo uma redução do número de parentes e, conseqüentemente, do número de pessoas que podem oferecer suporte familiar. A migração faz com que a família necessite ajustar-se a um novo ambiente e reestruturar suas tarefas. Assim, tarefas familiares antes adaptadas como, por exem-

plo, quem vai tomar conta do filho caçula após a escola, precisam ser revistas em um contexto social bastante distinto da situação pré-migração.

Outra situação comum às famílias de imigrantes são os pais que migram deixando seus filhos com parentes em seu país de origem. Muitos deles, especialmente no caso dos dekasseguis, podem chegar a viver dois ou mais anos longe de seus filhos. Ao se reencontrarem, pais e filhos podem experimentar conflitos como *gap* na comunicação e problemas nos meios disciplinares (Sewel-Coker et al., 1995). O que ocorre neste caso, é a necessidade de readaptação dos pais e mães às suas posições e, por outro lado, a readaptação dos filhos a uma nova situação familiar. Porém, algumas crianças e adolescentes tornam-se significativamente ligadas à pessoa que responsabilizou-se por ela enquanto os pais estavam trabalhando no Japão. Quando esta readaptação entre pais e filhos não ocorre adequadamente, problemas na comunicação entre os mesmos podem surgir, agravando riscos de distúrbio adaptacionais, tais como, dificuldades de aprendizagem, e demais distúrbios relacionados ao comportamento antissocial (por exemplo, uso de substâncias ilícitas, delinquência e associação com gangues) que podem se manifestar, principalmente, na adolescência.

Quando os pais migram para uma nova sociedade utilizam considerável parte de seu tempo no trabalho, a fim de conseguirem alcançar seus objetivos financeiros e retornar, assim, ao seu país de origem. Como resultado dessa rotina, os mesmos tendem a dedicar pouco tempo na educação e disciplina de seus filhos. Junto a esse panorama, situações como a distância cultural entre a sociedade majoritária e a sociedade de origem, famílias que apresentam padrões relacionais disfuncionais e problemas de adaptação na escola, constituem potenciais agravadores dos riscos de desenvolvimento do comportamento antissocial, principalmente, quando os dois países em questão são culturalmente tão diferentes ou contraditórios (Martinez Jr., 2006), como no caso do Japão e Brasil.

Tendo como base os estudos do antropólogo americano Takeyuki Tsuda, que desenvolveu sua tese de doutorado na província de Gunma, no Japão, estudando brasileiros ali residentes, bem como outros estudiosos nas áreas de Sociologia, Antropologia e Educação, os dekasseguis constituem uma comunidade transnacional, tendo como referência, o elo de ligação destes com e entre ambos países, Japão e Brasil (Tsuda, 2003; Linger, 2001; Roth, 2002; Takezawa, 2002). O dekassegui – que em japonês refere-se a alguém que veio de um determinado lugar com objetivo de trabalho – forma um grupo de imigrantes desterritorializado, conceito citado por Tsuda (2003), referindo-se àquele que vive sem território específico em uma situação de limbo, que aqui chamo de lar Imaginário, mantendo redes sociais no Brasil e no Japão. Para o dekassegui, o Brasil é um lugar para aliviar o estresse e o Japão, um lugar para se trabalhar e ganhar dinheiro (Tsuda, 2003; Linger, 2003).

A situação de permanência no limbo é ao mesmo tempo ansiogênica e confortável. Ansiogênica, pois é repleta de incertezas sobre o futuro como onde viver definitivamente ou sobre o que fazer para se manter financeiramente no Brasil. Confortável, porque postergar a decisão de retornar ao Brasil definitivamente evitará o confronto contra uma importante dose de sacrifício no presente, especialmente, em termos econômicos. Assim, como mecanismo de defesa emocional de evitação do estresse essa decisão tende a ser postergada muitas vezes, estabilizando-se na permanente incerteza ou às vezes, na psicopatologia, como, por exemplo, a ansiedade generalizada, visto que a incerteza pode agravar o quadro ansioso. O agravamento do quadro ansioso, que leva o indivíduo à sensação de angústia sobre onde viver definitivamente, sobre a educação dos filhos, sobre as limitações físicas, especialmente, no que se refere à adequação ao trabalho e, quanto ao envelhecimento, podem levar a pessoa ao sofrimento psicológico em padrões clinicamente

significativos.

O sociólogo Alejandro Portes, erradicado nos EUA, foi um dos pesquisadores que investigou o processo de adaptação de famílias hispânicas nos EUA. De acordo com Portes (2001), os filhos de imigrantes recebem dois importantes capitais que influenciam diretamente seu processo de adaptação: Capital Humano e Capital Social.

O Capital Humano, refere-se a todo background educacional que a pessoa possui. O Capital Social refere-se à rede de suporte existente dentro do grupo étnico. Quando um filho de imigrante possui alto Capital Humano e Social, este tende a evoluir para a Upturn Assimilation ou Assimilação Crescente, como por exemplo, o biculturalismo e o sucesso profissional e acadêmico, que é uma forma positiva de adaptação.

Contudo, quando isto não ocorre a adaptação orienta-se para a Downturn Assimilation ou Assimilação Decrescente, em que são exemplos os comportamentos correlatos à evasão escolar: a delinquência juvenil, a drogadição, a sensação conflitiva de não poder sair da situação de minoria negativa e os comportamentos antissociais, ou seja, uma forma negativa de adaptar-se. No caso dos EUA, a Assimilação Crescente é mais comum no grupo de imigrantes asiáticos e a Assimilação Decrescente, mais comum no grupo de imigrantes hispânicos.

No caso dos jovens brasileiros residentes no Japão, estes tendem a enfrentar problemas na educação e em alguns casos, problemas mais sérios na adaptação como a delinquência juvenil. Ocorre que, de maneira geral, os brasileiros residentes no Japão migram pensando em ficar por um período de tempo suficiente apenas para alcançarem seus objetivos financeiros e, talvez, alguns não desenvolvam redes sociais significativas dentro de seu grupo étnico, focalizando suas vivências nos objetivos da migração. Ainda, um possível baixo nível de educação dos pais, juntamente com

uma vida social instável, poderá estar interferindo negativamente na adaptação da segunda geração. Por exemplo, pode-se sugerir que os jovens brasileiros no Japão não se adaptam de forma a tornarem-se biculturais, pelo contrário, mas que estes podem estar apresentando problemas adaptacionais e educacionais, como a Dupla Limitação, que explicarei posteriormente.

Desta forma, pensei em como seria importante investigar o processo de adaptação deste grupo, a fim de saber como esta poderia estar ocorrendo e quais os problemas mais comumente presentes nesse processo.

Estudos relacionados à migração transnacional, geralmente apresentam os aspectos sociológicos e econômicos desse tipo de migração. Poucos deles dirigiram sua atenção aos aspectos emocionais envolvidos no processo (Onishi & Murphy-Shigematsu, 2003). Assim, procurei direcionar minhas discussões na problemática psicológica ou emocional que esse tipo de migração apresenta àqueles que a experienciam.

1.2 FAMÍLIAS BRASILEIRAS: ALGUMAS CARACTERÍSTICAS

Explicando o conceito de família através de sua estrutura e funcionamento: Estruturalmente, uma família é constituída pelo seu número de membros e a posição de cada membro dentro da família, pai, mãe, filha, filho, avós, etc. Por exemplo, uma Família Nuclear é composta pelos pais e filhos, enquanto que a Família Extensa é composta pelos membros da família nuclear e outros parentes como tios, avós, primos, vivendo todos em uma mesma casa ou não.

Quanto ao seu funcionamento, em geral, os membros da família vivem como um grupo que mantém vínculos físicos e psicológicos. Os membros da família desenvolvem um sistema de suporte mútuo e os pais demonstram, ou devem demonstrar, afeto e satisfação a seus filhos (Georgas, 2003).

As relações dentro do grupo familiar são recípro-

cas e o repertório sociocultural destes membros é formado com base nesta relações. A família, é o lugar acolhedor que provém, ou deverá prover, o desenvolvimento humano satisfatório, adaptado a uma dada realidade social, bem-estar, felicidade, proteção e satisfação material aos seus membros. A família possui uma importante função na sociedade, afetando e ao mesmo tempo sendo socioculturalmente afetada, por esta. A Globalização, por exemplo, é um fenômeno que pode modificar o funcionamento familiar, por meio de novos hábitos inseridos na sociedade. Hábitos que podem ser a condensação de alguns padrões socioculturais com a prevalência, ou não, de uma cultura sobre as demais. Contudo, não se pode dizer que a Globalização tenha alcançado de fato a homogeneização de valores e, dessa forma, estudos que abordam o relacionamento ou funcionamento familiar devem considerar sempre as características socioculturais peculiares ao grupo familiar envolvido.

Quanto às características da família brasileira, de acordo com Torres & Dessen (2006), estas apresentam uma hierarquia em que o pai assume o controle da família e, esta forma hierárquica de funcionamento exerce influência em todos os membros desta família, onde papéis de homens e mulheres são claramente definidos. Entretanto, as características da família brasileira têm apresentado mudanças nos últimos vinte anos, recebendo influências do contexto industrial e globalizado. Como resultado, a definição de família brasileira seria a de um grupo social possuidor de uma função social específica. Em outras palavras, a família teria se tornado uma instituição com a função de vincular indivíduo e sociedade, ao mesmo tempo, prover proteção e apoio uns aos outros.

Segundo os dados dos últimos censos realizados no Brasil, a família brasileira teria sofrido nos últimos anos, mudanças importantes em vários aspectos. A definição de família brasileira foi expandida atribuindo-lhe o papel social

de local de proteção e relação simbiótica. No novo Código Civil brasileiro, três novos tipos de família foram incluídos à família nuclear tradicional: família com pais solteiros, família com filhos adotivos e famílias formadas por pais que experienciam o segundo casamento (Fonseca, 2002).

O novo Código Civil visou a atender a demanda de uma nova estrutura familiar que vinha se formando no Brasil nos últimos anos. Esse novo conceito de família reforça os valores familiares baseados na relação afetiva dos parceiros. Em outras palavras, pode-se dizer que o fim do afeto que une o casal resulta no divórcio ou separação e, posteriormente, uma nova relação ou nova família é formada. Ainda, demais mudanças como, a adição do conceito de união estável e, a exclusão do termo filho ilegítimo, foram apresentadas. Demais mudanças estruturais, como o aumento de mães ou pais solteiros e chefes de família em contraste com a redução do modelo clássico de família e o aumento no número de filhos com mais de 30 anos residindo com os pais também foram observadas.

Dessa forma, percebe-se a ênfase nas relações afetivas da família, mais do que na relação consanguínea que predominava no passado.

Embora a tentativa de comparar famílias brasileiras e japonesas seja uma tarefa discutível em termos metodológicos, apenas como forma de entender algumas diferenças básicas na estrutura e funcionamento de ambas, apresentarei aqui algumas características peculiares a estas.

A família japonesa, diferenciando-se da brasileira, tende a priorizar uma relação familiar direcionada à harmonia e aos cuidados com os filhos, mais do que na relação afetiva do casal. Por exemplo, quando um casal brasileiro apresenta problemas relacionais, tende a expor seus problemas e tentar, de alguma forma, assertiva ou não, resolvê-los. Contudo, casais japoneses tendem a ignorar o

problema, a fim de evitar a desarmonia familiar. Assim, o conceito de harmonia por si pode ter significados diferentes nas duas culturas.

Segundo Rothbaum e colaboradores (2002), a família japonesa caracteriza-se por priorizar a relação não romântica, com pouca comunicação verbal e um posicionamento periférico do pai dentro da família. Contudo, a relação familiar baseada no afeto do casal, não é exclusividade das famílias brasileiras e pode ser encontrada em muitas culturas ocidentais. Essas culturas também reforçam a independência entre pais e filhos. Nas culturas ocidentais, como nos EUA, mães e filhos dormem em quartos separados desde o nascimento do filho. No Japão, entretanto, é bastante comum mães e filhos dividirem o mesmo quarto, sendo esta uma atitude considerada saudável. Assim, alguns hábitos familiares podem parecer prejudiciais ou disfuncionais em uma determinada cultura, mas não em outra.

As características da dinâmica familiar japonesa podem ser percebidas nas estruturas das casas do Japão. Uma insatisfação comum aos brasileiros que vivem no país, é de que, além do pouco espaço físico, as casas e os apartamentos não oferecem privacidade aos pais, pois não é comum haver trancas nas portas dos quartos e as paredes geralmente são pouco espessas. Alguns casais brasileiros relatam essa insatisfação e o agravamento da relação marital após a migração. Na cultura brasileira, a privacidade do casal é considerada significativa na dinâmica familiar, visto que é com base neste afeto que a relação familiar é mantida. Além disso, no caso dos dekasseguis, uma rotina laboral intensa associada aos sintomas de estresse, podem também interferir negativamente na relação marital.

Em síntese, a família brasileira tem apresentado mudanças estruturais e funcionais ao longo dos anos, recebendo influência da Globalização e do crescimento econômico do

Brasil. Essas mudanças, associadas à diversidade multicultural e à extensão territorial inerentes ao país, diversificaram os tipos familiares, tornando-se difícil encontrar uma única definição de família brasileira.

No Brasil há famílias oriundas de várias etnias, que residem em regiões culturalmente diferentes, que apresentam níveis socioeconômicos diferentes como, por exemplo, o nível educacional, às classes sociais baixa, média ou alta, etc. (Torres & Dessen, 2006).

1.3 FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO E FAMÍLIAS LATINAS NOS EUA

Os primeiros brasileiros nipo-descendentes migraram ao Japão na década de 80 com o agravamento da situação econômica do Brasil. Em 1985, o Brasil amplificou o processo de redemocratização e enfrentou um grave crise econômica, caracterizada pela hiper-inflação dos preços e pelas altas taxas de desemprego. A situação socioeconômica de muitos brasileiros, agravada com o Plano Collor de 1990, empurrou muitos nikkeys ou nipo-descendentes, para o Japão que, por outro lado, passava pela Bolha Econômica, termo utilizado pela economia para designar um período de intenso crescimento econômico. Em junho de 1990, a Nova Lei de Imigração entrou em vigor no Japão, possibilitando a residência de nikkeys¹ até terceira geração. Assim, no início da década de 90, muitos nikkeys migraram para o Japão, o fenômeno ficou conhecido como Fenômeno Dekassegui. Os dekasseguis foram considerados pelos estudiosos japoneses como Newcomers² ou os Novos Imigrantes. A grande onda do fenômeno dekassegui ocorreu, principalmente, na primeira metade da década de 90. Estima-se que, aproximadamente 85% dos dekasseguis migraram por razões financeiras.

De acordo com Tsuda (2003), no Brasil os nikkeys são

¹*Nikkey*: descendente de japoneses. Nikkey nissei, de 2ª geração; Nikkey sansei, de 3ª geração; Nikkey ionsei, de 4ª geração.

considerados “minoría positiva”. O *status* adquirido pelos nikkeys no Brasil, foi influenciado pelos estereótipos atribuídos ao grupo, que incluem honestidade, riqueza, seriedade, trabalho árduo e disciplina, especialmente, nos estudos. Um exemplo, é a nível de escolaridade dentro do grupo nikkey no Brasil que superaria os índices entre os brasileiros não nipo-descendentes.

No Brasil, o nikkey é frequentemente chamado de “japonês” ou “japa”, ocorrendo o mesmo com os nikkeys mestiços. Segundo Tsuda (2003), isso ocorre de maneira a diferenciar os nipo-descendentes de outras etnias e, a princípio, não possuiria conotação discriminatória, como o teria em outras realidades culturais (por exemplo, nos EUA). Por outro lado, é comum também que nikkeys chamem brasileiros não nipo-descendentes de Gaijin ou seja, estrangeiro, na língua japonesa.

O status positivo dos nikkeys no Brasil, também é explicado pelas imagens positivas do povo brasileiro em relação ao Japão. Os brasileiros tendem a considerar o Japão como um país sério, que ressurgiu como potência, após seu rendimento incondicional no final da Segunda Guerra Mundial. O trabalho árduo dos imigrantes japoneses no Brasil também teria influenciado para a formação da imagem positiva em torno do grupo. Ainda, os brasileiros não nipo-descendentes não diferenciariam o nikkey do japonês (Tsuda, 2003; Kawamura, 2000).

Entretanto, quando o nikkey migra ao Japão, muda seu *status* de minoria positiva no Brasil para o status de minoria negativa no Japão, tornando-se, eles mesmos, gaijins na terra de seus ancestrais. Os estereótipos presentes na imagem de minoria negativa relacionam-se ao baixo nível de escolaridade, a proveniência de um país menos desen-

²*Newcomers* significa o grupo de novos imigrantes a migrarem ao Japão. Este termo foi utilizado para diferenciá-los no contexto socioeconômico dos *Oldcomers*, que representa o grupo de coreanos, os *Zainichi Kankokujin*, que vivem no Japão.

volvido para um mais desenvolvido e a realização de trabalho não qualificado no Japão (Tsuda, 2003). No Japão, os nikkeys são considerados brasileiros e não japoneses, pois, considera-se japonês a pessoa que, não apenas nasce e vive no Japão mas, que também fala japonês, que possui fenótipo, nome e consaguinidade japonesas. Esse pensamento tem como base a Nihonjinron, uma teoria de que o Japão seria um país étnica e culturalmente homogêneo (Sekiguchi, 2003; De Carvalho, 2003).

De maneira geral, os nikkeys estão socioculturalmente adaptados ao Brasil. E, ao migrarem para o Japão necessitam adaptar-se a um novo contexto sociocultural, processo que, às vezes, é mais difícil e complexo do que se pode se imaginar.

De fato, o dekasegui precisa adaptar-se a uma situação bicultural vivendo entre Brasil e Japão e, ocasionalmente, à margem dos dois países em questão. Uma grande parte dos dekasseguis que retornam ao Brasil após o período de trabalho no Japão experienciam dificuldades de adaptação no Brasil. De acordo com o médico psiquiatra brasileiro Décio Nakagawa, uma das maiores dificuldades do dekasegui retornado no Brasil é a Síndrome do Regresso, um problema emocional que envolve sintomas como depressão, ansiedade elevada, desmotivação, despersonalização e em alguns casos, ideação suicida. Esta síndrome ocorreria em dekasseguis que retornam ao Brasil e confrontam inúmeras dificuldades socioeconômicas e culturais que divergiriam das expectativas utópicas imaginadas antes desse retorno (Meireiros, 2003).

Considerando o processo de atendimento psicológico a esse grupo, o fato deste apresentar características bastante peculiares, faz com que seja necessário que o atendimento também seja diferenciado, no sentido de sejam considerados os aspectos socioculturais, que vivenciam.

Como mencionado anteriormente, os dekasseguis

são considerados imigrantes transnacionais por alguns estudiosos, pois vivem entre dois países, mantendo vínculos afetivos, econômicos e sociais com ambos. O *nikkey* apresenta uma identidade híbrida, visto que possui em seu repertório comportamental, características inerentes aos dois países. Esta identidade híbrida, consciente ou inconscientemente, influenciaria seu comportamento e alteraria-se após a chegada do *dekassegui* no Japão. Esse processo o leva a repensar sua situação como *nikkey* e conseqüentemente, a reestruturar sua identidade (De Carvalho, 2003; Hirabayashi et al., 2002).

No início do movimento ou Fenômeno Dekassegui, muitos *nikkeys* migravam sozinhos, deixando suas famílias no Brasil. Este *nikkey*, geralmente, era solteiro e migrou a fim de tentar a sorte no Japão. Eles migravam como *target earner* que refere-se àquele que migra com um objetivo financeiro bastante específico de fazer dinheiro em um curto período de tempo. Contudo, nos últimos dez anos, a migração de *dekasseguis* em família teria crescido significativamente, alterando a forma deste movimento migratório individual para familiar. Ainda, houve aumento das famílias formadas por membros da comunidade brasileira no Japão, que realizam, essencialmente, casamento endogâmico (com pessoas do mesmo grupo étnico) durante o período de residência no Japão (Beltrão, 2006). Essas famílias podem enfrentar vários problemas ao tentarem se adaptar no Japão. Esses problemas incluem a ausência de plano de saúde, dificuldades na educação dos filhos, problemas financeiros, etc. e, ao mesmo tempo, necessitam lidar com a saudade da família que ficou no Brasil e o sofrimento decorrente desse afastamento.

Cada pessoa que migra, seja ele transnacional ou não, carrega consigo um sonho e começa a viver na nova sociedade engajando-se na sua realização.

O *dekassegui*, em geral, migra ao Japão com o sonho de comprar a casa própria ou começar um negócio próprio no

Brasil. A fim de realizar esse sonho – ou sonhos –, sacrifícios econômicos e emocionais são realizados. Econômicos, pois para a maioria, migrar para o Japão representa contrair uma dívida necessária para pagar as passagens e as despesas iniciais. Emocionais, porque ao viajar para um país tão distante, deixa-se no país de origem pessoas com quem vínculos afetivos importantes são mantidos (namorado, pais, filhos, amigos) e, essa separação, pode ser demasiadamente dolorosa. Assim, considerando todos os investimentos feitos para a realização dos objetivos da migração, o dekassegui – ou outro grupo de imigrante –, pode passar a priorizar a questão financeira de tal modo que esse objetivo passa a ser a figura de sua vivência, monetarizando vários aspectos de sua vida. Entretanto, quando os planos pré-migratórios não sucedem da maneira esperada, os resultados dessa situação estressante podem ser desgastantes para toda a família.

Quanto às metas pré-migratórias dos dekasseguis, uma situação frequente neste grupo é a mudança destas metas durante o período de residência no Japão. Por exemplo, um dekassegui, ou sua família, que havia estabelecido como objetivo a permanência no Japão de dois a três anos para comprar uma casa no Brasil, tende a estender este período após perceber que não será possível alcançar o objetivo dentro do prazo que se pensou como meta pré-migratória.

Assim, há uma tendência de que o prazo se estenda para mais dois, três anos ou mais. Contudo, à medida que o tempo passa, essas pessoas confrontam outros problemas que, naturalmente, irão surgir com a passagem do tempo, tornando-se necessário planejar questões vitais como a educação dos filhos e a previdência social. Ainda, os anos de afastamento da sociedade de origem implicam em defasagem profissional, defasagem esta, que muitas vezes, pode não ser mais possível de ser resgatada, devido aos avanços de novas práticas tecnológicas.

Do ponto de vista psicológico, considera-se que a

frustração ou o fracasso na aquisição de metas não sejam algo de fácil aceitação. Assim, como forma de ajustamento a essa condição conflitiva, a decisão de retorno ao Brasil pode estar sendo adiada várias vezes, levando-os à uma vivência com forte característica de procrastinação, o que é bastante ansiogênico.

Estima-se que parte importante dos dekasseguis no Japão não estejam inseridos em nenhum plano de seguro social. Uma das hipóteses quanto à essa situação, é que os mesmos seriam possuidores de uma consciência de permanência temporária no país. Outra hipótese, relaciona-se aos empregadores no Japão, a maioria empreiteiras, que não priorizariam a inserção do trabalhador brasileiro no plano de seguro social por razões econômicas.

Receber tratamento médico no Japão também consistiria num outro problema para o dekassegui. Considerando que a maioria dos dekasseguis não domina o idioma japonês, a comunicação entre pacientes e médicos tende a ser insatisfatórios para ambos, acarretando em desentendimentos quanto ao diagnóstico e tratamento, comprometendo a saúde como um todo. Assim, é comum que dekasseguis optem por receber tratamento médico no Brasil, seja retornando para recebê-lo ou postergando-o para quando o retorno ocorrer. Uma tendência semelhante ocorre com imigrantes latinos nos EUA, que valorizam o tratamento médico realizado por especialistas de seus respectivos países (Stone, 2005). Uma hipótese quanto a isso, é a vinculação cultural e a credibilidade naquele que está culturalmente mais próximo e que, portanto, irá não apenas compreender melhor os aspectos relacionados à saúde, mas como também, passará mais segurança à pessoa atendida. Em outras palavras, médicos brasileiros compreenderiam melhor e forneceria maior acolhimento emocional aos imigrantes brasileiros.

Outro problema no processo de adaptação do dekassegui no Japão surge na locação de uma casa ou

apartamento por conta própria. Neste momento, é comum relatos de pessoas que não conseguiram alugar por causa de sua etnia. As imobiliárias alegam precedentes negativos quando imóveis foram alugados para brasileiros. Problemas como a separação inadequada do lixo e dos materiais de reciclagem ou a utilização de som em alto volume são rotineiramente mencionados pelos locadores de imóveis em relação ao locatário brasileiro.

Já foi dito que o número de dekasseguis que migram em família ou de famílias formadas no Japão vem crescendo nos últimos anos. Contudo, praticamente não há estudos direcionados à família dekassegui. Desse modo, gostaria de apresentar estudos anteriores que tem como grupo de estudo as famílias latinas nos EUA, comparando as características dessa amostra às famílias brasileiras residentes no Japão.

Um país multiétnico, com diferenças importantes entre classes sociais como o Brasil, tende a apresentar padrões familiares distintos. Focalizar a atenção às diferenças regionais e sócio-históricas em que as famílias investigadas estão envolvidas torna-se, portanto, necessário (Souza, 2001; Minuchin, 2002). No caso dos dekasseguis, os mesmos recebem influência tanto da cultura brasileira quanto da cultura nipônica do Brasil, que também difere da cultura nipônica do Japão, lembrando que, essa potencial influência teria contribuído para a aprovação da Nova Lei de Imigração japonesa de junho de 1990, pois acreditava-se que o nikkkey poderia adaptar-se melhor à realidade e aos costumes japoneses.

Os dekasseguis fazem parte de um grupo singular que apresenta a mistura entre as culturas latinas e nipônicas, refletindo esses costumes, em seus hábitos e atitudes. Considerando a existência de alguns padrões comuns de comportamento entre latinos e dekasseguis, tecerei alguns pontos da cultura latina desses imigrantes nos EUA e que, provavelmente, devem estar presentes também nos dekasseguis. Por

exemplo, as famílias latinas tendem a desenvolver um forte senso de religiosidade, predominantemente o catolicismo, e fé; a basear suas relações maritais em vínculos afetivos; a possuir uma forte vinculação entre os membros da família e, a promover a independência de seus filhos.

A maioria dos latinos nos EUA são provenientes do México e representam 13% da população residente nesse país (Skogrand, 2005). As famílias latinas residentes nos EUA – incluindo as famílias brasileiras –, buscam na família suporte social para lidar com o estresse cotidiano (Yeh et al., 2006). Segundo Skogrand (2005), os latinos apresentam-se vinculados a três questões básicas que são: família, religião e fé e responsabilidade de gênero. As características dessas são explicadas abaixo:

a) *Família*: Prevalência da família extensa no país de origem. A rede familiar funciona de maneira que cada membro possui um papel definido. Os membros que fornecem suportes afetivo e econômico possuem papéis considerados fundamentais e, ao mesmo tempo, isso pode soar como obrigação para alguns deles, gerando tensão e acarretando em conflitos dentro do grupo. É comum nas famílias latinas a convivência geograficamente próxima uns dos outros. Contudo, duas ou mais famílias vivendo numa mesma casa é considerado uma prática inadequada. A identidade latina é formada, predominantemente, dentro da família e a definição de família para esse grupo pode incluir seus amigos e vizinhos. Baseado nessas características, os latinos compreendem como relacionamento funcional ou saudável, a família que provém suporte econômico e afetivo para todos os seus membros.

b) *Religião e Fé*: Prevalência do catolicismo. A igreja possui papel importante como um lugar de suporte para os problemas individuais dos membros da família. Entretanto, a

fé é considerada mais importante que a igreja. No caso de latinos brasileiros, atualmente, há a prevalência de católicos não praticantes, que são aqueles que seguem alguns mandamentos da igreja de forma não ortodoxa, nem praticante; demonstram fé em Deus, mas não vão à igreja ou não o fazem com regularidade. Latinos tendem a pensar que há coisas que não são possíveis de serem controladas e que, portanto, devemos deixar nas mãos de Deus, considerando-se, dessa forma, que alguns eventos na vida são determinados por Ele. Outra tendência é a crença no milagre, no poder de Deus e da fé, buscando Nele ajuda para a resolução de problemas. A influência da religião e fé no grupo de latinos pode ser percebida nas palavras, frequentemente, proferidas pelos mesmos, tais como, se Deus quiser, graças a Deus, tenha fé ou fique com Deus. Atualmente, ocorre ainda, o fenômeno do aumento de igrejas evangélicas em ambos países, EUA e Japão.

c) *Responsabilidade de gênero*: Prevalência de papéis fixos quanto aos gêneros. A mãe toma conta da educação dos filhos e o sacrifício materno é conhecido como Marianismo. O pai é a pessoa que protege a família e a prevalência do poder do pai é conhecido como Machismo.

Embora brasileiros, mexicanos, dentre outros latinos, façam parte de um mesmo grupo, é importante considerar as diferenças que existem entre os mesmos, pois tais características, citadas anteriormente, estão se modificando com a transformação social e econômica das últimas décadas, a fim de adaptar estas famílias às novas demandas. Isso inclui também as famílias de imigrantes, que ajustam seu funcionamento às demandas da sociedade onde residem, sejam elas EUA ou Japão. Embora algumas características, incluindo as metas migratórias, devam se assemelhar, a comparação desses dois grupos latinos, nos EUA e no Japão, tende a con-

ter características peculiares a ambos. Por exemplo, Japão e Brasil estão geograficamente mais distantes que México e EUA, bem como, algumas diferenças quanto ao *status* de migração, *background* educacional e a aceitabilidade por parte da sociedade majoritária, necessitam ser avaliadas.

1.4 FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO: ASPECTOS PSICOLÓGICOS

A migração é um fenômeno global em que a pessoa emigra de seu país, onde a situação econômica ou política apresenta-se instável, para outro país econômico, tecnológica e politicamente mais desenvolvido. Assim, quando uma pessoa decide migrar, ela busca essencialmente melhores condições socioeconômicas ou políticas para ela e sua família. Porém, essa escolha envolve necessidades de adaptar-se a um novo contexto, mobilizando forças internas e externas para fazê-lo. Essa adaptação altera a dinâmica familiar e alguns aspectos dessa dinâmica, como a relação marital, condições pré-migratórias, presença de família extensa na nova sociedade, sensibilidade quanto às relações interpessoais e condições socioeconômicas, podem interferir neste processo (Tummala-Narra, 2004).

A migração envolve perdas (saudade, privação da vida familiar, etc.) e ganhos (nova aprendizagem cultural, aumento do poder aquisitivo, etc.), resultando em mudanças na vida pessoal e familiar. Os imigrantes necessitam aprender a lidar com as situações adversas, inerentes ao processo de adaptação, ao mesmo tempo, que lidam com as novas demandas sociais, como a longa e árdua rotina laboral.

Quando o imigrante é membro de uma família extensa e inicia uma nova vida como uma família nuclear ocorre a necessidade de reestruturação dos papéis dos membros da família, como tomar conta totalmente dos filhos, sem poder contar com a ajuda de familiares que ficaram no país de origem. Contudo, se o imigrante trabalha por longas horas dia-

riamente, os pais não possuem tempo suficiente para estar com os filhos e assim, problemas na relação familiar podem surgir devido à ausência de comunicação efetiva e de cuidados educacionais eficazes na relação entre pais e filhos. Imigrantes membros de família nuclear podem criar uma rede de apoio dentro do grupo étnico a fim de encontrar suporte para a resolução desses problemas. Neste caso, os membros do grupo étnico, podem exercer o papel de família extensa para o imigrante (Tumala-Narra, 2004). Entretanto, como lidar com esses problemas cotidianos quando esta rede social inexistente?

Famílias de imigrantes que se apresentam isoladas dentro da nova sociedade tendem a desenvolver problemas em sua relação, o que interfere na saúde psicológica e no processo de adaptação como um todo. Isso ocorre porque o suporte social funciona como fator que protege a adaptação ao novo contexto. O sucesso na adaptação, principalmente, quando se refere a segunda geração, depende diretamente dessa rede de suporte social. Por exemplo, segundo Martinez (2006) e Kagitçibasi (2006), uma criança filha de imigrantes e que cresceu com um forte senso de acolhimento dentro de uma rede social de suporte, apresenta menos tendência a desenvolver problemas como delinquência juvenil, drogadição e evasão escolar. Uma das hipóteses quanto a isso é que, durante o período em que os pais trabalham e não tem como cuidar dos filhos, pessoas do grupo de suporte poderão atuar como observadores de um possível comportamento inadequado, por exemplo, indicando aos pais que o filho faltou à escola. Essa rede atua como aspecto preventivo e àqueles que vivem isoladamente estão à margem destes cuidados. Ainda, filhos de imigrantes que crescem em ambiente familiar funcional, em que prevalece o bem-estar de todos, têm aumentadas as chances de aquisição de sucesso acadêmico e profissional (Kagitçibasi, 2006; Martinez Jr, 2006).

No caso de brasileiros no Japão, um dos problemas emocionais em potencial que os afetariam está relacionado à sua identidade. Como explicado antes, ao migrar para o Japão os mesmos necessitam reestruturar suas identidades de minoria positiva para minoria negativa (Tsuda, 2003). Contudo, entende-se que a ocorrência de problemas correlacionados à identidade são mais comuns em *dekasseguis* *nikkeys* que apresentam fenótipo asiático, visto que, no Brasil, os mesmos eram considerados japoneses e, no Japão, são considerados brasileiros.

A ansiedade quanto ao retorno e à readaptação no Brasil também pode afetar a saúde emocional do *dekassegui*. Essa ansiedade correlaciona-se, principalmente, à defasagem profissional³, a Síndrome do Regresso e a perda do padrão de vida ao regressarem, interferindo negativamente no processo de readaptação. Quando a readaptação não ocorre adequadamente, retornar ao Japão parece ser a única saída, ou pelo menos, a saída mais fácil. Dificuldades na readaptação no Brasil reforçam o status do *dekassegui* como grupo de imigrantes com uma consciência de residência temporária, mas que, com o tempo, torna-se, de fato, “permanentemente temporário” (Beltrão, 2006).

Quanto à saúde emocional relacionada ao tipo de trabalho realizado, a maioria dos *dekasseguis* no Japão trabalham como operários de fábricas, ou seja, como trabalhadores *blue-collar*, ou seja, não qualificado. Na busca pela concretização das metas pré-migratórias, os mesmos trabalham longas horas ao dia, realizando horas-extras, a fim de melhorar sua remuneração. Muitos *dekasseguis*, que no Brasil, realizavam trabalho como *white-collar* (colarinho

³ Após viverem por um período de tempo no Japão realizando trabalho como *blue-collar* (colarinho azul; aquele que realiza trabalho não qualificado), o *dekassegui* necessitará lidar com as mudanças socioeconômicas do Brasil, o que demandará treinamento técnico e acadêmico para estar apto ao trabalho qualificado. Caso contrário, ele terá de realizar trabalho não qualificado também no Brasil, o que representaria uma considerável perda em termos salariais ou/e de *status* social.

branco ou trabalho qualificado), engajam-se no Japão a uma rotina laboral bastante distinta da realizada antes da migração, e esse trabalho é feito com objetivo puramente econômico.

Trabalhadores *blue-collar*, seriam mais suscetíveis a problemas emocionais, desenvolvendo ansiedade elevada, labilidade no humor e sintomas somáticos. De acordo com Lazarus (1999), operários de fábrica não possuem responsabilidade por seus produtos do início ao fim e a contribuição destes na produção final, é limitada. Deste modo, o trabalho é realizado, essencialmente, por ganhos secundários ou, por fins financeiros, e não primários, que seria a satisfação pelo trabalho em si. O trabalho realizado por ganhos puramente financeiros exige muito mais energia do ponto de vista emocional e físico, tornando o indivíduo muito mais vulnerável ao desencadeamento de transtornos psicopatológicos.

Como vimos até o momento, dekasseguis fariam parte de um grupo de imigrantes transnacionais e teriam a tendência à repetição do ciclo migração ao Japão, retorno ao Brasil e uma nova migração ao Japão. Essa condição, influencia na dinâmica familiar como um todo. Assim, os filhos de dekasseguis tornam-se também transnacionais como seus pais, vivendo entre Japão e Brasil, experienciando uma vivência desterritorializada num Lar Imaginário. A influência do desenvolvimento do Lar Imaginário na saúde emocional, é o de assegurar um lugar para se sentir seguro, um refúgio ao se deparar com as dificuldades de viver como um imigrante. Esse lugar ou Lar Imaginário representa seus desejos reais, que oferece conforto emocional e que possui um papel importante para a manutenção da saúde emocional dos mesmos. Em outras palavras, dekasseguis podem viver dias difíceis no Japão, experienciar problemas pelo não domínio do idioma, preocupação quanto à educação dos filhos, estresse laboral, etc., mas obtém alívio emocional ao pensarem no Lar, pois este estado os leva a um maior grau de

resiliência, porque sabem que, um dia, retornarão ao Brasil para viverem uma vida melhor.

Reconhecendo a grande influência da cultura no comportamento humano, psicoterapeutas necessitam estar conscientes das características que cada imigrante apresenta. Por exemplo, um mesmo comportamento pode ser considerado adequado no Brasil, mas não no Japão. Ainda, alguns problemas de adaptação podem ser interpretados de maneira equivocada quando não se tem posse desses conhecimentos, prejudicando o processo psicoterápico. Quando uma criança, filha de imigrantes, apresenta dificuldades de aprendizagem, é possível que ela seja diagnosticada como disléxica ou disgráfica apenas por sua performance escolar quando, de fato, a mesma pode estar sofrendo de Dupla Limitação (sobre o qual falarei mais adiante), que é um problema relacionado à adaptação. Deste modo, ignorar os aspectos de adaptação sociocultural e psicológica, baseando-se apenas nos critérios de diagnósticos convencionais, pode acarretar em diagnósticos equivocados.

Estudos relacionados ao atendimento psicoterápico a imigrantes, especialmente em sociedades com contexto multicultural e que atraem imigrantes, como os EUA, vêm crescendo substancialmente. No caso dos EUA, o crescimento de imigrantes latinos, a maior parte hispânicos, nas últimas décadas, contribuiu para a especialização transcultural na psicologia. Contudo, em uma sociedade monocultural como o Japão, esse tipo de atendimento psicoterápico praticamente inexistente. Acrescenta-se a isso o fato de haverem poucos psicólogos brasileiros ou falantes da língua portuguesa no Japão. Como resultado, o dekassegui não recebe tratamento psicoterápico quando o necessita. Quando o problema se intensifica, ele tende a retornar ao Brasil para tratamento ou permanece emocionalmente doente manifestando sintomas somáticos que prejudica sua vida social.

Galimberti (2006), que realizou pesquisa na cidade de Londrina, no Paraná, com dekasseguis retornados, investigou a situação psicológica que os mesmos apresentavam, focalizando sintomas mais comuns apresentados. De acordo com os resultados desse estudo, os sintomas mais frequentes foram os distúrbios psicossomáticos, ansiedade elevada, depressão, isolamento social, alcoolismo, agonia, drogadição, distúrbios sensoriais e delírios. Fatores como o sacrifício do lazer em prol da aquisição financeira em curto prazo, trabalho excessivo, inadequações ergonômicas no ambiente da fábrica e o engajamento em trabalho considerados 3K⁴, teriam deteriorado a condição psicológica desses dekasseguis (Galimberti em Osawa, 2006).

Outra condição social que pode afetar a saúde emocional do imigrante é a exposição ou experiência de discriminação (Berry, 1992; Asakura, 2006-2008). Se um dekassegui experiencia a discriminação por parte do grupo dominante, isso poderá afetar diretamente a saúde emocional, desenvolvendo comportamentos sensíveis à discriminação. Embora haja poucos estudos que focalizem a sensação de discriminação e sua correlação com problemas psicológicos, pode-se considerar que o desenvolvimento de hiper-sensibilidade à discriminação, seja um sintoma de estresse no processo de adaptação. O desenvolvimento de hiper-sensibilidade à discriminação pode ocorrer após a experiência de discriminação Objetiva⁵. Seus sintomas, se

⁴ São chamados trabalhos tipo 3K, os trabalhos não qualificados e que são considerados pesado (Kitsui), sujo (Kitanai) e perigoso (Kiken), em referência aos termos equivalentes na língua japonesa.

⁵ Tsuda (2003), cita em seu trabalho dois tipos de discriminação: objetiva e subjetiva. A discriminação objetiva refere-se à discriminação propriamente dita como, por exemplo, a proibição da entrada de brasileiros num determinado estabelecimento comercial. A discriminação subjetiva, refere-se a sensação de estar sendo discriminado, significando portanto, a discriminação que a pessoa relata sentir, sem contudo, termos certeza de que isso ocorrera de fato. A discriminação subjetiva pode se desenvolver após uma experiência direta ou indireta de discriminação objetiva.

relacionam a uma sensação de estar sendo discriminado frequentemente. Ou ainda, a sensação de discriminação ou discriminação subjetiva, que é a experiência interna da discriminação, quando esta não está, de fato, ocorrendo.

Como relatado anteriormente, brasileiros no Japão apresentam dificuldades na obtenção de tratamento psicoterápico, pois há poucos psicólogos brasileiros no país. De forma a suprir esta demanda, serviços sociais são oferecidos por algumas entidades por telefone, gratuitamente. O Centro Internacional de Nagoya também tem uma linha de apoio psicológico, com um número específico de sessões, em que existe a possibilidade de atendimento psicoterápico na língua portuguesa com isenção da taxa de consulta.

Alguns estudos feitos com imigrantes nos EUA, apontaram religião e saúde psicológica como positivamente correlacionados (Falicov, 2005-2007). Quanto ao grupo de brasileiros no Japão, estudos dessa natureza ainda não haviam sido realizados. Contudo, é possível observar o aumento de igrejas dirigidas por e para brasileiros nas regiões do Japão onde os mesmos se concentram. É possível hipotetizar, portanto, que no Japão, muitos dekasseguis estejam buscando suporte emocional na religião. Discutirei sobre este assunto posteriormente (Capítulo 9).

No próximo capítulo, gostaria de discutir acerca de três problemas de adaptação, apresentando algumas teorias e a situação do grupo de dekasseguis. São estes problemas a adaptação sociocultural, a adaptação psicológica e os problemas educacionais apresentados pelos jovens brasileiros no Japão.

MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL E FAMÍLIAS BRASILEIRAS

2.1 ACULTURAÇÃO PSICOLÓGICA

A primeira definição de aculturação foi a de Herkovitz (1936), que apresentou um modelo linear, em que a mesma se referia a adaptação de um grupo minoritário que assimila ou que se dissolve na cultura majoritária. Nesta compreensão entende-se que apenas o grupo minoritário é afetado pelo processo de adaptação diretamente. Contudo, atualmente, considera-se que esse modelo é apenas uma forma de adaptar-se a um novo contexto social (Collier, 2004).

Na década de 70, o psicólogo canadense John W. Berry intensificou os estudos na área de psicologia transcultural, ampliando a definição de aculturação. Nesta nova definição, aculturação - ou a adaptação propriamente dita -, é compreendida como um processo em que a adaptação do imigrante (Aculturação Psicológica) recebe influência da sociedade dominante ou majoritário, ao mesmo tempo que a influência (Aculturação Grupal). Esse modelo entende a aculturação como processo recíproco e não linear, em que os membros da sociedade que recebeu o imigrante, bem como o próprio imigrante, afetam uns aos outros. No estudo que realizei, baseei-me na definição do professor Berry sobre Aculturação Psicológica, a fim de compreender o processo de adaptação de brasileiros residentes no Japão.

Aculturação Psicológica se refere à adaptação a em nível individual (grupo minoritário), envolvendo atua-

ção comportamental, estresse aculturativo, psicopatologia e adaptação psicológica e sociocultural (Berry, 1990). O primeiro, atuação comportamental, concerne à aquisição de uma nova linguagem, a dispersão cultural, como a mudança comportamental baseada no conhecimento de novas regras sociais e no esforço cultural. O segundo, estresse aculturativo, envolve a avaliação do problema, estresse e estressores. O terceiro, psicopatologia, está relacionada aos sintomas depressivos à esquizofrenia e à crise de identidade. O quarto, adaptação psicológica, refere-se à autoestima, ao estabelecimento de uma nova identidade, à saúde mental, ao senso de felicidade e à satisfação e ao otimismo. Por último, a adaptação psicológica e sociocultural que envolve o conhecimento da cultura anfitriã como a linguagem e o contato social, as habilidades na solução de problemas e o relacionamento interpessoal, familiar e comunitário, bem como, as habilidades sociais em geral.

As adaptações psicológica e sociocultural são influenciadas pelo coping (habilidade em lidar com estresse) e pela orientação aculturativa individual. Em outras palavras, a pessoa que possui alto nível de coping aumenta a probabilidade de escolher uma orientação aculturativa adequada para se adaptar. Assim, de forma a compreender melhor os tipos de adaptação e a situação dos brasileiros no Japão, na próxima parte (2.2), irei explicar o conceito de orientações aculturativas, apresentando os resultados de uma pesquisa qualitativa que realizei com quinze jovens brasileiros no Japão.

2.2 ORIENTAÇÕES ACULTURATIVAS

O modelo de aculturação apresentado por John W. Berry é descrito como um modelo multicultural, visto que este propõe uma relação recíproca entre os grupos minoritário e majoritário. Essa relação provoca mudanças nos valores individuais, no comportamento, afeto e cognição (Cuellar et al. in

Collier, 2004). Contudo, mesmo sendo um processo multicultural e não linear, o grupo minoritário é mais voltado a receber as influências do grupo majoritário. Isto ocorre a fim de se obter informações necessárias para o processo de adaptação ao novo meio. Assim, o grupo minoritário é chamado de grupo aculturativo (Berry, 1990). O grupo aculturativo pode adaptar-se de quatro maneiras. As estratégias ou formas que o imigrante utiliza com fins adaptativos são conhecidas como Orientações Aculturativas ou Estratégias de Aculturação.

A definição de Orientação Aculturativa, compreende que há fatores sociais (diferenças entre as duas sociedades, contexto político, situação econômica, dados sobre estatística populacional e consciência de migração), individuais (idade, gênero, nível educacional, personalidade, introversão e extroversão, autoeficácia) e culturais (língua, religião, ponto de vista geral) atuando diretamente na adaptação (Pierro & Manetti, 2004; Berry, 1990-1999).

As orientações aculturativas contêm dois aspectos principais que são manutenção da cultura/participação e contato cultural. Esses aspectos são divididos em quatro orientações ou estratégias aculturativas: Assimilação, Segregação, Marginalização e Integração. Essas orientações, farão toda a diferença na vida do imigrante, pois o tipo de orientação escolhida pelo mesmo, irá influenciar sua postura e ações, movendo-o ao sucesso ou ao fracasso no processo de adaptação.

FIGURA 1: ORIENTAÇÕES ACULTURATIVAS

ORIENTAÇÕES ACULTURATIVAS OU ESTRATÉGIAS DE ACULTURAÇÃO		VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE MANTER SUA CULTURA E IDENTIDADE DE ORIGEM?	
		SIM	NÃO
VOCÊ CONSIDERA IMPORTANTE TER CON- TATO COM O GRUPO DA SOCIEDADE DOMINANTE?	SIM	INTEGRAÇÃO	ASSIMILAÇÃO
	NÃO	SEGREGAÇÃO	MARGINALIZAÇÃO

Fonte: Adaptado de Berry (1996:296)

2.2.1. ORIENTAÇÃO ASSIMILATIVA

Assimilação refere-se a um tipo de orientação aculturativa ou adaptativa em que o imigrante mantém, predominantemente, contato com o grupo dominante ou majoritário desenvolvendo vínculos superficiais com os membros da mesma sociedade étnica. A pessoa que se adapta de maneira assimilativa demonstra estar imerso ou dissolvido na sociedade dominante, assimilando a língua, padrões culturais e hábitos diários desta cultura (Berry et al., 2002; Coleman & Hendry, 1999). O Melting Pot⁶ dos EUA é um dos exemplos de aculturação assimilativa.

⁶ American Crucible ou Melting Pot, refere-se à ideia de que a sociedade estadunidense, heterogênea, formada por vários grupos de imigrantes, com o tempo, se “dissolveria” em um caldeirão tornando-se homogênea. Este termo passou a ser adotado após a peça The Melting Pot, de Israel Zangwill, no início do século XX.

Estudos consideram que a orientação assimilativa situa-se no nível médio da adaptação positiva⁷ (Castro, 2003) e que isto ocorre a fim de evitar a discriminação ou rejeição por parte da cultura dominante (Berry et al., 2002).

Ainda, considera-se que a assimilação é uma adaptação desejada em termos socioculturais, mas não em termos psicológicos. Isto deve-se ao fato de que o imigrante pode experimentar conflitos internos e externos enquanto assimila a cultura dominante (Kurman & Ronen-Eilon, 2004). Um exemplo é quando os filhos apresentam aculturação assimilativa, enquanto os pais mantêm-se ligados à cultura de origem. Se descreve este tipo de adaptação familiar como aculturação dissonante, visto que pais e filhos não seguem a mesma forma de adaptação. Em casos assim, dificuldades na comunicação entre pais e filhos tendem a surgir devido a ausência ou diminuição da comunicação e dos conflitos culturais entre os mesmos, prejudicando, assim, o relacionamento familiar (Tongu, 2003).

2.2.2. ORIENTAÇÃO SEGREGATIVA

A orientação segregativa, refere-se a uma orientação em que o imigrante evita ou não demonstra interesse em assimilar ou aprender sobre a cultura dominante, desenvolvendo vínculos sociais, predominantemente, com o mesmo grupo étnico (Coleman & Hendry, 1999; Berry et al., 2002).

A orientação segregativa, situa-se no nível médio da adaptação positiva (Castro, 2003), isto porque considera-se que quando os pais apresentam orientação segregativa, os filhos podem vir a desenvolver dificuldades de adaptação na sociedade majoritária ou a desenvolver problemas emocionais (Barankin et al., 1989; Koplou & Messinger, 1990; Minde & Minde, 1976 in-

⁷ Segundo Searle & Ward (1991), é considerada Adaptação Positiva um alto nível de adaptação psicológica e sociocultural.

Farver, Lee-Shin, 2000; Kurman & Ronen-Eilon, 2004).

A orientação segregativa, não é considerada uma forma adequada de adaptação, visto que os imigrantes que a seguem apresentam mais tendências ao desenvolvimento de estereótipos negativos quanto à sociedade dominante e, portanto, desenvolvem também mais preconceitos em relação a esta (Kurman & Ronen-Eilon, 2004). Isto explica-se, pois estes imigrantes, mantêm um distanciamento cultural do grupo dominante, mantendo quase que, exclusivamente, relações interpessoais com pessoas da mesma etnia, levando a formação de desentendimentos sobre a sociedade majoritária como erros de interpretação sobre a língua, sobre a cultura, sobre os relacionamentos, sobre a alimentação, dentre outros.

Contudo, a orientação segregativa pode atuar como um fator de proteção psicológica contra o estresse aculturativo, visto que aqui, o imigrante evita os conflitos inerentes ao contato social com a sociedade dominante. Em outras palavras, sem contato não há conflito, o que não resulta, todavia, na ausência total de conflitos.

Em geral, o imigrante que segue a orientação segregativa, não possui conhecimento ou interesse em informar-se sobre regras e comportamentos considerados desejáveis na sociedade dominante. Este imigrante pode viver anos em um país sem este conhecimento, que poderia ser fundamental para sua adaptação no local. Deste modo, conflitos como, dificuldades na relação com vizinhos e chefes também podem ocorrer. Ainda, diferenças entre a sociedade de origem e a sociedade dominante podem agravar o desenvolvimento de problemas como esses (Rego, 2002), especialmente, porque o imigrante que segue a orientação segregativa está mais sujeito à discriminação.

Imigrantes que seguem as orientações segregativa e marginalizativa tendem a se autoperceberem como minoria negativa (Castro, 2003). Contudo, situações como estas

também dependem das variáveis relacionadas ao contexto social onde ocorrem. Em sociedades etnocêntricas, a orientação segregativa tende a ser a mais escolhida entre os imigrantes. Logo, como a aculturação é um processo que afeta os dois grupos, minoritário e majoritário, a receptividade e a dinâmica da sociedade que acolhe o imigrante influencia no processo de adaptação de ambos. Seja como for, estudos anteriores enfatizam mais os aspectos negativos da orientação segregativa (Bourhis & Coworkers em Castro, 2003; Tsuda, 2003; Crocker & Major, 1989 em Castro, 2003; Snauwaert et al., 2003).

2.2.3. ORIENTAÇÃO MARGINALIZATIVA

A orientação marginalizativa refere-se a um tipo de adaptação em que o imigrante evita ou não demonstra esforços direcionados em assimilar, manter, contatar ou aprender sobre as duas sociedades, étnica e dominante. O imigrante que apresenta orientação marginalizativa, sente-se perdendo ou distanciando-se da cultura originária, ao mesmo tempo que não apresenta desejo em aprender sobre a nova cultura onde vive. Este tipo de adaptação situa-se no baixo nível da adaptação positiva (Berry, 1990; Berry & Sam, 1997).

Essa orientação, leva o imigrante a uma situação em que o mesmo sente-se frequentemente discriminado, incompreendido, rejeitado, isolado, despersonalizado e em uma posição negativa dentro de ambas sociedades, ao mesmo tempo em que a manutenção de vínculos sociais efetivos com pessoas do mesmo grupo étnico também se esvanece (Pierro & Manetti, 2004).

Dada a dificuldade de estabelecer e manter vínculos significativos dentro e fora do grupo étnico que servem como suporte social diante das dificuldades, os imigrantes de orientação marginalizativa, apresentam alto risco de desenvolvimento de psicopatologias (Grossarth-Maticek & Ey-

senck, 1990). Este tipo de orientação pode estar relacionada aos casos de suicídios entre imigrantes.

2.2.4. ORIENTAÇÃO INTEGRATIVA

A orientação integrativa é considerada a mais desejável dentre as orientações (Farver & Lee-Shin, 2000; Krishnan & Berry, 1992), situando-se num alto nível de adaptação positiva. O imigrante que se adapta de maneira integrativa, preserva a cultura de origem, enquanto demonstra interesse em contatar e aprender sobre a língua e demais aspectos da cultura dominante, desenvolvendo uma identidade bicultural (Snauwaert et al., 2003).

Dentre os imigrantes, aquele que se adapta de maneira integrativa apresenta um nível reduzido de ansiedade e conseqüentemente, apresenta menos sintomas de estresse. De fato, nesta orientação, um baixo estresse ou uma baixa sensação de estresse, aliada a estratégias de *coping*⁸ eficazes, influenciam a adaptação do imigrante, levando-o a sentir-se mais seguro em ambas sociedades. Por exemplo, imigrantes adolescentes que são integrativamente orientados apresentam menos problemas sociais, visto que os mesmos, possuem autoestima elevada e maior senso de sociabilidade e resiliência (La Fromboise et al., 1993 em Farver, Lee-Shin, 2000; Culhane, 2004; Kurman & Ronen-Eilon, 2004; Rego, 2002; Collier, 2004; Organista, 2002; Ghuman, 1997; Gil et al., 1994; Golden, 1987; Martinez, 1987; Volleberg & Huijberts, 1997 em Farver & Lee-Shin, 2000; Castro, 2003). Ainda, imigrantes integrados promovem sua adaptação através do conhecimento da cultura da sociedade dominante, fazendo desta orientação a mais funcional de todas no processo adaptativo (Kurman & Ronen-Eilon, 2004).

⁸ Habilidades e estratégias em lidar com eventos considerados estressantes (Lazarus & Folkman, 1984).

Quanto às causas que interferem na escolha da orientação integrativa, entende-se que fatores internos (características pessoais) e externos (fatores sociais) influenciem nesta escolha. Se um grupo minoritário é alvo constante de discriminação, este aspecto pode influenciar negativamente no desenvolvimento das habilidades integrativas. Por outro lado, sociedades com políticas multiculturais, como o Canadá, Austrália, EUA e alguns países europeus, aumentam a probabilidade do desenvolverem mais imigrantes integrativos ou biculturais (Berry et al., 2002).

Analisando o desenvolvimento das habilidades biculturais ou os fatores que atrapalhariam este desenvolvimento junto aos brasileiros que vivem no Japão, de acordo com Tsuda (2003), este grupo apresenta a tendência a desenvolver no Japão a contraidentidade (Counter-Identity). A contraidentidade seria uma forma de resistência, de forma a não assimilar a cultura japonesa, com o objetivo inconsciente de preservar a saúde psicológica. A contraidentidade seria representada em forma de manifestações comportamentais de orgulho da cultura de origem como preparar um desfile de carnaval), ou mesmo nacionalistas como o uso de bandeira brasileira). Como resultado da contraidentidade, a orientação segregativa seria a mais escolhida por este grupo de imigrantes.

Embora a orientação integrativa seja considerada a mais adequada, um estudo realizado na Bélgica com um grupo de imigrantes belgos-marroquinos, demonstrou que a orientação integrativa e a adaptação positiva não estariam positivamente correlacionados (Steven et al., 2004). Os participantes desse estudo foram imigrantes de orientação segregativa, que apresentaram alto nível de saúde emocional, embora tenham apresentado baixa adaptação sociocultural.

Resultados como estes levantam uma certa dúvida quanto aos benefícios da adaptação integrativa. A questão neste caso seria: é mais saudável contatar

a cultura dominante, mesmo que isso possa acarretar no aumento da sensação de estresse, ou é melhor evitar esse contato e manter a saúde emocional pela esquivada do conflito? Assim, dependendo do contexto em que a adaptação ocorre, do ponto de vista emocional individual, a orientação segregativa pode ser eficaz no sentido de manter a saúde emocional do imigrante durante o processo de adaptação.

2.2.5 ORIENTAÇÕES ACULTURATIVAS E JOVENS BRASILEIROS NO JAPÃO

No ano de 2007, realizei um estudo, como pesquisa para a tese de mestrado, com quinze adolescentes brasileiros que frequentavam uma escola brasileira na província de Gifu, no Japão. Nesta pesquisa, busquei correlacionar a orientação aculturativa e a adaptação psicológica e sociocultural.

Fora hipotetizado que a maioria dos participantes apresentaria orientação segregativa, visto que estudavam em escola brasileira no Japão e mantinham pouco contato com a cultura dominante. Os resultados desse estudo mostraram que os participantes que manifestaram adaptação positiva também apresentaram orientação aculturativa integrativa e estratégias de *coping* eficazes e, esses resultados, seguem a mesma linha de resultados anteriores. Ainda, uma correlação positiva entre orientação segregativa e adaptação psicológica fora percebido.

Neste mesmo estudo, outros resultados foram observados, tais como: dez participantes foram vítimas de *bullying* em escolas japonesas antes de se mudarem para a escola brasileira; seis participantes apresentaram, predominantemente, imagens negativas quanto seu próprio grupo étnico; cinco demonstraram preferência em viver no Japão definitivamente; treze responderam que suas famílias pensavam em retornar ao Brasil definitivamente um dia, embora não

saibam quando; oito apresentaram conflitos familiares, tais como, a separação dos pais; e onze demonstraram expectativas incertas e negativas quanto ao próprio futuro acadêmico.

Os participantes que apresentaram orientação segregativa e que responderam desejar viver no Japão definitivamente foram aqueles que nasceram no Japão ou que viveram neste país a maior parte de suas vidas, desenvolvendo laços de amizades com outros amigos também brasileiros.

Considerando que a educação possui um importante papel na qualidade da adaptação dos imigrantes, na próxima parte irei discutir acerca da situação educacional e sobre os fatores que interferem no futuro acadêmico de jovens brasileiros no Japão.

2.3 PROBLEMAS RELACIONADOS À EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS BRASILEIRAS NO JAPÃO

Os dekasseguis, após viverem no Japão por um período, tendem a retornar ao Brasil e enfrentar problemas de readaptação que os empurram novamente para o Japão. Esse estilo de vida entre dois países reforça o status dos mesmos como imigrantes transnacionais e pode afetar de forma negativa a educação de seus filhos, tendo como efeito, evasão escolar, transferências frequentes e incertezas quanto à continuidade dos estudos.

A adaptação de brasileiros no Japão envolve também a experiência de problemas na educação dos filhos. A ansiedade e a incerteza sobre o futuro acadêmico, como onde e como continuar os estudos, representam alguns desses problemas. Pelo fato da família não apresentar bases sólidas sobre onde viver definitivamente, como resultado, fazer planos para ir à faculdade, por exemplo, torna-se bastante difícil, visto que os mesmos, seguindo a tendência de seus pais, também apresentam incertezas sobre onde viver definitivamente. Filhos de dekasseguis que estão em escolas

brasileiras no Japão tendem a demonstrar ansiedade sobre a readaptação escolar no Brasil, já que, de maneira geral, ainda existe um preconceito quanto à qualidade das escolas brasileiras no Japão entre os membros da comunidade brasileira.

Conhecer a situação em que se encontram esses jovens e as dificuldades enfrentadas pelos mesmos, torna-se útil para acessar informações sobre as inseguranças que este grupo de imigrantes experienciam em sua vivência transnacional. Conhecer também a situação de seus pais, considerando suas expectativas e ansiedade, pode ser uma importante forma de compreender de que maneira os mesmos percebem a influência da imigração na educação de seus filhos.

2.3.1 A SITUAÇÃO DOS ADOLESCENTES BRASILEIROS NO JAPÃO

A adolescência corresponde a um período de mudanças sociais e biológicas e migrar nesta fase da vida pode ser mais difícil do que se imagina. Aqueles que experienciam a migração na puberdade são chamados indivíduos em Dupla Transição (Double Transition), pois os mesmos experienciam a puberdade e a migração ao mesmo tempo, se tornando mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemas na adaptação (Berry et al., 2006).

O desenvolvimento humano recebe influência importante do processo de formação da identidade psicossocial e sexual que se desenvolve na adolescência. É no ambiente social que a etnicidade é construída, por meio das relações sociais estabelecidas com familiares e amigos. Adolescentes que vivem em meio multicultural necessitam estar aptos a lidar com problemas inerentes a esse contexto social particular (Coleman & Hendry, 1999). Em geral, filhos de imigrantes são envolvidos deliberadamente no processo de migração, seguindo o sonho de seus pais. O mesmo ocorre com jovens brasileiros filhos de dekasseguis no Japão.

Durante o período que os pais estão trabalhando no Japão como dekasseguis, seus filhos estudam em escolas públicas japonesas ou em escolas brasileiras particulares. Contudo, acredita-se que um número importante de crianças não estejam frequentando nenhuma escola, passando o dia todo em casa. Aqui, gostaria de apresentar dezesseis problemas relacionados aos jovens brasileiros no Japão, apontados em estudos anteriores com este grupo (Sekiguchi, 2003; Kawaguchi, 2005; Nakagawa, 2005; Tongu, 2003, Kawamura, 2000; Maakaroun, 2005; Tobace, 2002; Yano, 2005).

(1) Dupla Limitação ou Semilíngua: refere-se a uma dificuldade de aprendizagem, em que a criança ou adolescente apresenta limitação nas duas línguas: portuguesa e japonesa (Ver 2.4.).

(2) Transferências frequentes de escola pela conveniência dos pais, que, ao priorizarem o trabalho, mudam-se de bairro, cidade ou estado dentro do Japão, em busca de melhores salários.

(3) Evasão escolar ou o não frequentamento da escola.

(4) Dificuldades na continuidade dos estudos. Após concluírem o Ensino Fundamental ou Médio, ingressam nas fábricas do Japão para trabalharem como operários. Essa condição é agravada pela falta tanto do apoio dos pais quanto da proficiência em língua japonesa.

(5) Medo e ansiedade quanto à readaptação no Brasil. A insegurança sobre conseguir continuar os estudos no Brasil, levando-os a engajarem-se em trabalho não qualificado no Japão.

(6) Influência do estresse dos pais que, por falta de tempo e motivação, não ajudam os filhos nas atividades escolares.

(7) Carga horária elevada das crianças que frequentam a escola brasileira. Muitas destas crianças, após passarem o dia inteiro na escola, frequentam a creche durante a noite, até o horário em que os pais retornam para casa. É comum que os pais façam três a quatro horas-extras diariamente. Essa carga horária estressante pode prejudicar o desempenho escolar dos filhos, levando-os à fadiga e à desmotivação para com os estudos.

(8) Jovens brasileiros que frequentam a escola japonesa desde pequenos, em geral, não desenvolvem proficiência em língua portuguesa. Como resultado, problemas relacionais dentro da família, ocasionados pela aculturação dissonante entre pais e filhos, como a dificuldade na comunicação, podem surgir. Em casos como estes, é comum a ocorrência da educação oposta, que refere-se a um tipo de relação entre pais e filhos dentro de um contexto multicultural, em que os filhos, por apresentarem maior habilidade na língua nativa, assumem o papel de educador em casa, atuando como tradutor, apresentador das regras, costumes e demais obrigações cotidianas inerentes à cultura local. A educação oposta pode ser prejudicial quando os pais perdem o controle da educação para seus filhos e, também, sua autoridade perante os mesmos. Além disso, o não domínio do idioma português dificultará na readaptação no retorno ao Brasil.

(9) Falta de profissionais da saúde, brasileiros ou falantes de língua portuguesa, que possam atender crianças e adolescentes brasileiros com dificuldades de aprendizagem, TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade) e demais transtornos comportamentais.

(10) Pouca ou nenhuma participação dos pais nas reuniões e demais atividades escolares, sob alegação de longa jornada de trabalho. Ainda, a falta de proficiência dos pais em língua japonesa pode dificultar a comunicação entre os mesmos e professores no caso de filhos que frequentam a escola japonesa. Contudo, atualmente, em escolas públicas japonesas, onde há concentração de brasileiros, é comum que haja intérpretes que auxiliam nesta comunicação.

(11) A vivência dos pais entre Brasil e Japão pode exercer influência na regularidade acadêmica dos filhos, visto que o retorno temporário dos pais ao Brasil afastam os filhos da escola, às vezes, por meses, comprometendo a performance escolar dos filhos.

(12) Em escolas brasileiras no Japão, as aulas de língua japonesa são insuficientes e, em geral, não estimulam a promoção de habilidades biculturais funcionais.

(13) Crianças brasileiras, por serem parte de um grupo minoritário em uma sociedade monocultural como o Japão, são alvo em potencial de *bullying* nas escolas públicas japonesas. Por outro lado, quando estas crianças retornam ao Brasil, também podem sofrer *bullying* nas escolas brasileiras, dada as diferenças culturais e o não domínio do idioma português.

(14) A ansiedade e a inconstância dos pais que vivem como imigrantes desterritorializados podem afetar os filhos, aumentando a ansiedade dos mesmos.

(15) Crise quanto à própria identidade: não sabe ao certo se é nikkey, brasileiro ou japonês.

(16) Por influência de todas as condições psicológicas e so-

cioeducacionais aqui descritas, estes jovens situam-se num grupo de risco para o desenvolvimento dos transtornos de conduta.

Dentre os problemas relacionados à educação de jovens brasileiros no Japão está a continuidade dos estudos. A relativa facilidade em conseguir emprego no Japão como trabalhador não qualificado e temporário incentiva muitos jovens brasileiros a abandonarem os estudos para o ingresso nas fábricas.

Para alguns adolescentes brasileiros no Japão a fábrica representa uma chance de conseguir dinheiro sem a qualificação profissional. Esta aparente facilidade possibilita ao jovem brasileiro no Japão a aquisição de bens que os mesmos consideram interessantes como, por exemplo, games, iPod, computadores, etc. Contudo, ao retornarem ao Brasil sem a qualificação profissional e diante de uma realidade socioeconômica diferenciada, onde o valor salarial está diretamente relacionado ao nível de instrução, estes jovens estarão limitados a crescerem profissionalmente e estas circunstâncias que os envolvem os empurrarão para o Japão novamente, assim como ocorre com seus pais (Yano, 2006).

[...]. Eu não sei onde vou continuar estudando. Eu nem sei se tenho chance de entrar numa faculdade. Eu quero voltar para o Brasil para estudar, mas eu não tenho certeza disso. Às vezes, eu sinto medo. Talvez eu desista de estudar e vá para a fábrica e depois eu volte a estudar quando eu me sentir mais segura. Mas, ao mesmo tempo, acho que não vou ficar satisfeita com o trabalho da fábrica. Será que é isso que eu quero para minha vida? Eu não quero passar o resto da minha vida numa fábrica. A., 14 anos. (Yano, 2006:210).

Considerando as metas pré-migratórias dos pais, é possível que os mesmos não percebam a educação de seus filhos como prioridade, e sim a aquisição da quantia necessária para retornar ao Brasil o quanto antes, visto que os dekasseguis migram ao Japão por razões, predominantemente, financeiras.

2.4. DUPLA LIMITAÇÃO (DOUBLE LIMITED)

Kawaguchi (2005), pesquisadora da universidade de Nagoya, realizou um estudo em uma escola brasileira na cidade de Ogaki, província de Gifu no Japão, região onde há concentração de famílias brasileiras dekasseguis. Esta pesquisa, que focalizou a investigação de problemas na aquisição de linguagem das crianças brasileiras que apresentavam duas características em comum: elas haviam estudado em escola japonesa antes de mudarem para a escola brasileira e apresentavam níveis insuficientes de proficiência, tanto da língua portuguesa, quanto da língua japonesa.

As crianças, embora conseguissem se comunicar verbalmente em ambas as línguas, não conseguiam acompanhar os estudos em nenhuma delas, apresentando características que sugeriam algum tipo de dificuldade ou transtorno de aprendizado.

De acordo com Cummins (1991), a aquisição de uma língua apresenta dois níveis: BICS (Basic Interpersonal Communicative Skills) e CALPS (Cognitive Academic Language Proficiency Skills). O primeiro nível, BICS, refere-se ao nível da conversação. O segundo, CALPS, relaciona-se ao desenvolvimento de habilidades para a compreensão acadêmica.

O BICS é adquirido com dois ou três anos de contato com o idioma e o CALPS ocorre em um período de cinco a sete anos de aprendizado do idioma. O desenvolvimento do CALPS requer mais tempo de estudo, visto que é mais complexa, e funciona com a integração de ambas as for-

mas, BICS e CALPS, na estrutura cognitiva. Esta integração é chamada de Common Underlying Proficiency e representa a total aquisição de uma língua ou a habilidade bilíngue.

Os estudantes pesquisados por Kawaguchi (2005), apresentavam o desenvolvimento do BICS, mas não do CALPS e, por isso, demonstravam dificuldades no desempenho acadêmico, embora conseguissem se comunicar em ambas as línguas. Este problema é chamado de Dupla Limitação, um fenômeno que ocorre quando o estudante consegue falar duas ou mais línguas, mas apresenta-se limitado quando há necessidade de interpretação de textos, por exemplo, dificultando o processo de aprendizagem (Kawaguchi, 2005).

Mudanças frequentes de escola tendem a agravar a Dupla Limitação. Especialmente, a troca de escolas de bases linguísticas e socioculturais diferentes. No caso de brasileiros que residem no Japão, discursos como: “meu filho conversa em português em casa. Por que ele não consegue acompanhar as aulas?”, são as mais comuns entre os pais de kasseguis.

No Japão, professores brasileiros e japoneses que ensinam crianças brasileiras geralmente se deparam com a Dupla Limitação. Infelizmente, a falta de informações sobre o assunto, especialmente, na língua portuguesa, limita também os professores que sentem-se incapacitados para lidar com um problema que não conseguem entender. Como resultado, muitos professores que ensinam crianças brasileiras, sentem-se cansados e desgastados, tornando-os mais suscetíveis à problemas como a síndrome de Burnout. A falta de informação também pode gerar erros de interpretação de diagnóstico. Por exemplo, quando as questões socioculturais não são consideradas no processo de aquisição linguística e educacional, a criança pode ser interpretada erroneamente como disléxica ou disgráfica.

Os efeitos psicológicos nos estudantes com Dupla Limitação envolvem o senso de fracasso no processo

acadêmico em ambos contextos educacionais – escolas japonesa e brasileira. Consequentemente, o estudante pode experimentar sintomas como falta de motivação, problemas no humor, ansiedade e baixa autoestima. Esses sintomas emocionais podem afetar toda a vida do estudante, levando-os à evasão escolar e, em alguns casos, a timidez e mudez seletiva.

Os pais de crianças com Dupla Limitação também sofrem com as consequências do problema. Os pais tendem a sentirem-se responsáveis pelas dificuldades dos filhos, sem, contudo, entenderem as causas dessas dificuldades. Alguns pais podem reagir com resistência, ignorando o problema que se passa com o filho ou até mesmo podem demonstrar agressividade contra a escola, culpando-a pelo fracasso escolar do filho. De qualquer forma, a Dupla Limitação pode trazer sérios problemas ao desempenho profissional, acadêmico e para a saúde emocional de todos os envolvidos no processo: pais, estudantes e professores.

Entre crianças brasileiras filhas de dekasseguis, as transferências de escola podem ocorrer por razões, como: mudança de emprego dos pais, dificuldades financeiras para pagar a escola brasileira – que é particular –, ou ainda, com a intenção de que o filho adquira habilidades bilíngues. Essa troca pode estar sendo facilitada por uma má-interpretação dos pais em relação à função da escola. Por exemplo, é possível que os pais percebam a escola, não como uma escola regular, mas como escola de línguas. Em outras palavras, eles podem estar interpretando o ambiente escolar como um lugar que, a qualquer momento, se pode começar do zero em termos de aquisição linguística.

Todavia, as escolas regulares, tanto a escola particular brasileira quanto as escolas públicas japonesas, não estão preparadas para receber estudantes com este perfil, pois as mesmas funcionam de maneira a ensinar conteúdos que tem como base o domínio do idioma utilizado na escola, a fim de aprofundar o conhecimento descrito na matriz

curricular, que depende, essencialmente, das habilidades de interpretação e compreensão verbal.

A Dupla Limitação é um problema importante que pode ocorrer durante o processo de adaptação dos filhos de imigrantes. As consequências da Dupla Limitação podem agravar as condições sociais dos imigrantes de kasseguis em ambas sociedades brasileira e japonesa, limitando-os duplamente. Esse problema ocorre devido a disfunções ambientais que não conseguem atender às necessidades de minorias como a de de kasseguis. Os imigrantes devem ter metas claras no momento em que decidem migrar, considerando a educação dos filhos como um investimento que pode ficar comprometido.

A aparente negligência dos pais brasileiros no Japão, ao não priorizarem a educação de seus filhos, foi, frequentemente, citada pelos professores japoneses que tendem a percebê-la de forma crítica. Durante uma palestra sobre educação de crianças brasileiras em 2006, uma das professoras japonesas que ali participavam abordou-me com a seguinte questão: Por que os brasileiros no Japão não se interessam pela educação de seus filhos? Tomei essa pergunta como base para dar prosseguimento aos meus estudos, a partir de então.

Além das metas pré-migratórias e das razões econômicas que motivaram a migração dos de kasseguis, é possível que estes estejam enfrentando algumas dificuldades em sua vivência no Japão e que essas dificuldades possam estar interferindo negativamente na educação de seus filhos e no relacionamento familiar. Desta forma, no próximo capítulo tratarei do tema relação familiar, na tentativa de compreender alguns conceitos referentes ao assunto para posterior investigação do relacionamento familiar na família de kassegui.

RELAÇÃO FAMILIAR

3.1 TEORIAS DE SISTEMAS FAMILIAR

O termo *sistêmico* na psicoterapia e em trabalhos com grupos como a família, surge da Teoria Geral de Sistemas criada por Bertalanffy (1901-1972), referindo-se a visão do grupo como um todo. Do ponto de vista sistêmico, a família é um subsistema que age integradamente como parte componente de um sistema maior que é a sociedade. Embora cada membro da família possua sua singularidade, como um sistema os membros da família tendem a seguir as mesmas regras. Essas regras são invisíveis, não claras, contudo, elas existem e influenciam todos os membros da família de alguma forma.

O sistema familiar não é completo e apresenta como característica a constante transformação e a tendência a estabilizar-se em alguns padrões de comportamento que podem ser saudáveis ou patológicos. Considerando a família como um sistema, as influências do comportamento de seus membros se dão de forma circular num processo em que o comportamento individual afeta e é afetado pelo comportamento dos outros indivíduos (Nakashima, 2003).

A abordagem sistêmica apresenta uma approach eficaz na investigação das relações familiares, considerando toda a família como um sistema que trabalha adequadamente, chamado de Família Funcional, ou inadequadamente, chamado de Família Disfuncional.

Para os membros das famílias que compõem um grupo minoritário, como os brasileiros no Japão, o sistema familiar

constitui um importante suporte para lidar com problemas de adaptação, visto que este responde às demandas ambientais internas e externas. Relações familiares funcionais em grupo de imigrantes geram indivíduos emocionalmente saudáveis, influenciando significativamente na adaptação psicológica e sociocultural dos mesmos. Em contrapartida, relações familiares disfuncionais podem influenciar negativamente na adaptação de seus membros. Famílias disfuncionais não respondem adequadamente às demandas do meio e, como resultado, tendem a desenvolver padrões inadequados de comportamento que afetam, principalmente, a comunicação familiar. As famílias disfuncionais tendem a eleger, inconscientemente, um membro da família para ser aquele que mais recebe influência desta relação disfuncional. Em outras palavras, em famílias disfuncionais há pelo menos um indivíduo que é mais afetado pelo problema da família. Este membro, portador do sintoma é chamado de Paciente Identificado (P.I.) pelos terapeutas (Frey, 2007; Benbow & Marriott, 1997).

Considera-se que a maior parte dos P.I. sejam crianças. Isto explica-se devido a dependência e passividade destas em relação a seus pais, recebendo assim, significativa influência dos mesmos. Crianças situam-se em uma posição vulnerável, pois não possuem em seu repertório comportamental habilidades e competências necessárias para julgar o comportamento dos próprios pais. Alguns estudos correlacionam as famílias com relações disfuncionais ao desenvolvimento da esquizofrenia⁹.

De acordo com a abordagem sistêmica, quando um membro da família experiencia problemas, como, doenças físicas e emocionais, desmotivação, etc., toda a família seria afetada, recebendo influência deste membro,

⁹ O antropólogo Gregory Bateson (1969) desenvolveu a Teoria do Vínculo Duplo, correlacionando a comunicação nas famílias como um importante fator no desenvolvimento da esquizofrenia. Para Bateson, a família que não se comunica de maneira efetiva, lógica e funcional, apresenta maior tendência ao desenvolvimento da esquizofrenia influenciado pela perda do pensamento lógico (Bateson, 1999).

direta ou indiretamente. Partindo desse ponto de vista, é possível identificar problemas no sistema familiar, com base no acesso às informações de um único membro da família.

O Beach Center da Universidade do Kansas - (EUA) atende e desenvolve estudos com crianças portadoras de necessidades especiais e suas famílias. Este centro desenvolveu uma escala de acesso (Family Quality of Life Scale - FQOL), a fim de investigar a qualidade de vida de famílias atendidas neste centro. Contudo, esta escala não se limita apenas a estudar famílias responsáveis por membros com alguma necessidade especial, sendo efetiva também para investigar relações familiares em geral, correlacionando dois critérios básicos: o que a família considera importante e qual o nível de satisfação dos mesmos (Hoffman, 2006). De acordo com Broderick (Broderick, 1993 apud Hoffman, 2006), os domínios ou áreas investigadas pelo FQOL, no que se refere às relações ou interações entre os membros da família, contribuem para indicar o senso de subjetividade familiar.

No Capítulo 8, apresentarei uma pesquisa que realizei com famílias brasileiras no Japão utilizando o FQOL. Nesta pesquisa, o FQOL foi aplicado a fim de identificar a qualidade de vida familiar dos participantes no que refere aos valores familiares e o grau de satisfação apresentado pelos mesmos. Considerando que a família exerce uma importante influência na adaptação dos imigrantes, esta escala foi considerada apropriada, tanto por coletar informações quanto à relação familiar, quanto para indicar possíveis problemas relacionados à adaptação.

3.2 O CONCEITO DE FAMÍLIAS FUNCIONAIS E DISFUNCIONAIS

Como mencionado anteriormente, de acordo com a teoria de sistemas familiar, há dois tipos básicos de famílias: funcionais e disfuncionais. As características destes modelos familiares seguem na Tabela 1:

TABELA 1: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DAS FAMÍLIAS FUNCIONAIS E DISFUNCIONAIS

FAMÍLIAS DISFUNCIONAIS	FAMÍLIAS FUNCIONAIS
Existência de regras firmes	Ausência de regras firmes
Existência de papéis pessoais firmes	Ausência de regras pessoais firmes
Existência de segredos em comum	Ausência de segredos em comum
Resistência em aceitar uma nova pessoa na família	Flexibilidade em aceitar uma nova pessoa na família
Seriedade extrema	Existência de senso de humor
Os membros não possuem privacidade (os limites dos membros não claros)	O respeito à privacidade dos membros da família ocorre e é estimulada
Os membros da família não possuem permissão para falar em nome desta	Os membros da família possuem permissão para falar em nome desta e escutam a opinião de pessoas de fora
Os conflitos familiares são negados ou ignorados	Os conflitos familiares são apresentados de forma clara e os membros se engajam no sentido de resolvê-los
Resistência à mudanças	Em mudança contínua
Ausência de união dentro da família que tem seus membros divididos	Senso de união

Fonte: Adaptado de Saito (1996:89)

Famílias disfuncionais adaptam-se às situações diversas de maneira patológica e mantêm padrões fixos resistentes às mudanças. Como resultado, todos os membros da família são negativamente influenciados por estes padrões. Ainda, estas condições são uma influência negativa para o processo de orientação aculturativa, visto que estes padrões exercem um importante papel na forma de se adaptar. Imigrantes que vivem em famílias disfuncionais demonstram mais dificuldades à adaptação a um novo meio, pois isto demanda mudanças e ajustamentos que, prejudicados pelas resistências, podem ocorrer de forma patológica e ausente de suporte social.

O conceito de padrões desejáveis de comportamento, depende do contexto sociocultural que a família se insere, gerando dificuldades para desenvolver uma definição geral

da funcionalidade e disfuncionalidade familiar. As condições sociais e o nível de aceitação por parte da sociedade dominante podem, também, exercer influência no funcionamento familiar. Em outras palavras, a família ou a dinâmica familiar afetam e são afetadas pelo meio. Assim, estudos anteriores que investigam padrões funcionais e disfuncionais na família necessitam considerar as peculiaridades socioculturais da família investigada. É necessário reconhecer quais os valores que a família considera como adequados ou não e correlacioná-los a um nível de satisfação familiar, a fim de identificar, com segurança, disfuncionalidades ou problemas na relação e dinâmica familiar. Esse cuidado é necessário especialmente, quando se trata de famílias de imigrantes, visto que estes apresentam, uma forma de funcionamento única, condicionada às demandas externas e internas (influências socioculturais da sociedade dominante e *background* sociocultural da sociedade de origem).

ESTRESSE ACULTURATIVO

4.1 EMOÇÃO, ANSIEDADE E ESTRESSE

Emoção, ansiedade e estresse estão correlacionados. O indivíduo desenvolve valores emocionais definindo quais situações são ansiogênicas e estressantes na relação com o ambiente.

De acordo com Lazarus (1999), raiva, tristeza, inveja, ciúme, medo, pessimismo e timidez referem-se a emoções negativas básicas e alívio, esperança, felicidade, orgulho, amor, empatia e gratidão referem-se a emoções positivas básicas. O valor atribuído a estes afetos dependerá, significativamente, do contexto sociocultural e, corresponde a um sinal de como a pessoa se relaciona com o meio (Kitayama & Markus, 1994). O reconhecimento destes afetos é desejável para o desenvolvimento das habilidades de coping.

A ansiedade é uma vivência comum do ser humano e que se manifesta através de sentimentos desagradáveis de vaga compreensão, podendo acompanhar sintomas somáticos como cefaleia, alteração das funções do sono, alteração das funções cognitivas, desconforto abdominal, inquietação, alteração no ritmo da fala, variando de acordo com cada pessoa e a forma como ela percebe sua ansiedade.

Ansiedade é, também, um sinal de alerta do corpo diante de situações que oferecem riscos, sejam reais ou fantasiosas, possibilitando à pessoa medidas em seu organismo de adaptação para enfrentamento da ameaça, diferindo-se do medo, que é um ameaça não

conflituosa de origem definida e conhecida. Logo, a ansiedade, de acordo com a vivência de cada um, faz parte de uma história em particular, vaga e de origem conflituosa, em que não se tem, ao certo, a origem da ameaça.

A ansiedade, enquanto emoção, compara-se ao medo, visto que visa à preservação da vida, alertando as funções corporais quanto aos perigos iminentes. Os sentimentos que acompanham a ansiedade, se manifestam através de respostas corporais na possibilidade do erro, do fracasso, da possível perda das pessoas significativas, do status social ou do sucesso, em situações que ameaçam a integridade da pessoa, que comprometam seu campo de atuação no meio, preparando-a para que esta tome as medidas necessárias a fim de evitar ou tentar atenuar as consequências. A ansiedade favorece à adaptação até certo ponto, até que o organismo atinja um grau de eficiência necessária para lidar como um determinado acontecimento. Contudo, considera-se que a pessoa ansiosa antecipa seu futuro, vivendo constantemente em função do que ainda poderá acontecer, acarretando em um prejuízo ou distorção da percepção do presente.

Outro ponto relacionado à ansiedade, é o estresse. O estresse, segundo Ballone (2002), se traduz na ansiedade. O estresse deve ser considerado como ocorrência fisiológica normal no reino animal, necessário à adaptação da pessoa ao seu meio. Na compreensão holística, o estresse físico e emocional pode surgir quando o organismo se expõe a uma nova situação. Portanto, o estresse também consiste num mecanismo necessário à sobrevivência.

Ao se analisar o mecanismo de ansiedade e estresse, percebe-se que nosso organismo fora beneficiado pela natureza por este mecanismo de adaptação. Ocorre que, quando o organismo não dispõe de tempo suficiente para se recompor para restabelecer a saúde, os recursos inicialmente utilizados para nosso benefício se esgotam, então, a pessoa adoece e, conseqüentemente, atinge sua

fronteira de contato prejudicando suas relações com o meio.

Do ponto de vista orgânico, os sintomas da pessoa ansiosa e estressada incluem alterações nas glândulas supra-renais, dificuldades no controle da pressão arterial, alterações no ritmo cardíaco e no sistema imunológico, favorecendo várias doenças. Do ponto de vista emocional, as manifestações de estresse e ansiedade incluem pessimismo em relação à vida, desânimo, bem como irritação e demais alterações no humor.

Quando a ansiedade excede o limite individual se tornando elevada, exercerá uma influência negativa para a pessoa, aumentando o risco de adaptação inadequada ao meio. A ansiedade elevada ou excessiva pode favorecer alguns mecanismos de defesas que levam a pessoa ao cansaço e ao sofrimento.

De acordo com Lazarus e Folkman (1984), a maneira como a pessoa lida com o excesso de ansiedade e estresse dependerá da habilidade de *coping* que a mesma apresenta em seu repertório comportamental. O indivíduo que possui um alto nível de *coping* poderá não manifestar sintomas de ansiedade, tomando iniciativas funcionais e assertivas para lidar com as causas do problema. Ao contrário, o indivíduo com uma baixa habilidade de *coping*, poderá desenvolver vários sintomas como o senso de perda da vida presente, no qual vive quase todo o tempo no futuro, percebendo de maneira inadequada as experiências presentes, ausente do contato com os próprios sentimentos. Como resultado, a vida de uma pessoa muito ansiosa pode se tornar automática e sem sentido (Lazarus, 1999).

A ansiedade elevada é tema frequente em estudos na área da psicologia, porque alguns de seus sintomas possuem comorbidades com outros transtornos (Kaplan et al., 1997). Transtornos de ansiedade relacionam-se a sintomas psicossomáticos presentes nos transtornos de ansiedade generalizada, nas

fobias, compulsões, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno do pânico, crises de hiperventilação, dentre outros.

Do ponto de vista existencial-fenomenológico, o desenvolvimento humano ocorre das experiências individuais positivas e negativas. A pessoa que demonstra pouca habilidade para lidar com experiências negativas, como as frustrações, possui maior tendência a se tornar hiper-ansioso e estressado. Esta habilidade implica a responsabilidade pela própria vivência, reconhecendo os problemas da vida como parte de um processo de crescimento em que causas internas e externas atuam. No entanto, a pessoa que vive em situação estressante por um longo período de tempo poderá sofrer as consequências dos sintomas psicossomáticos na saúde como um todo, bem como, experimentar prejuízos nas relações interpessoais. A condição de viver em constante estado de ansiedade leva a uma experiência de vida baseada num futuro incerto, excluindo a pessoa da possibilidade de usufruir do presente (Perls, 1975).

No que se refere ao contexto social, a ansiedade afetada é predominantemente afetada pelas relações familiar e laboral, exercendo um papel importante na atuação do indivíduo com seu meio. Os brasileiros que residem no Japão são, em sua maioria, trabalhadores *blue-collars* nas fábricas do Japão experienciando um novo ambiente social, engajando-se em uma rotina laboral diferente do tipo daquela exercida antes da migração. Mesmos os brasileiros que realizavam trabalhos especializados no Brasil, no Japão estes se tornam trabalhadores não qualificados e, como mencionado anteriormente, os trabalhadores não qualificados, especialmente, os trabalhos de fábrica apresentam maior tendência ao desenvolvimento da ansiedade elevada e estresse, dada a rotina mecânica e ansiogênica do ambiente de trabalho. Soma-se a isso a vivência num país bastante diferente do seu de origem, em que, por dificuldades socioculturais e de comunicação, nem sempre é possível a ocorrência de relações interpessoais funcionais, aumentando o nível de estresse.

4.2 ESTRESSE

Estresse corresponde a uma tensão como reação às demandas ambientais ou estressores (Nakashima, 2003). O estresse normal ajuda o indivíduo a adaptar a uma nova demanda ambiental, diferenciando-se do estresse patológico, em que há a ocorrência de sintomas psicossomáticos que interferem negativamente no funcionamento social do indivíduo.

Hans Selye, médico endocrinologista da Hungria, foi uma das primeiras pessoas a estudar o campo do estresse. Hans Selye desenvolveu o conceito de Síndrome da Adaptação Geral (General Adaptation Syndrome), apresentando três estágios da adaptação em seu artigo de 1936 (A Syndrome Produced by Diverse Nocuous Agents) (Neylan, 1998), correlacionando os efeitos do estresse e dos hormônios na função cerebral. Em 1975, Hans Selye apresentou também um modelo que dividia o estresse em Eustresse e Distresses. Eustresse, conhecido como “estresse bom”, refere-se ao estresse positivo que ocorre de maneira a enriquecer a vida do indivíduo de alguma forma, como por exemplo, esforçar-se excessivamente num jogo, a fim de ganhá-lo. Distresse, ao contrário, refere-se ao estresse negativo, em que o indivíduo responde às demandas do meio de forma mal-adaptativos como, por exemplo, com queda no rendimento geral e comportamentos agressivos (McCarty et al., 1996). Richard Lazarus, psicólogo norte-americano da Universidade da Califórnia Berkeley, estudou o estresse na década de 70 correlacionando-o às emoções e à habilidade de lidar com o problema ou de tipos de respostas diante dos estressores, a que chamou de *coping* (Campos, 2009).

O estresse recebe e exerce influência na vida social do indivíduo. Os fatores que influenciam no aumento da sensação de estresse são externos (condições sociais) e internos (personalidade e crenças irracionais). Como fatores externos temos as mudanças sociais como casamento, nascimento

de um filho, migração, mudança de emprego, excesso de trabalho e viagem podem ser citados. Como fatores internos, características de personalidade (p. ex. pessimismo) e crenças irracionais, como por exemplo, a percepção de que após a migração ou casamento a vida será muito melhor, negando os aspectos difíceis inerentes a estes processos, estão presentes. Em outras palavras, quando as expectativas sobre o meio social ou relacionamento interpessoal são altas, a frustração com os resultados pode ocorrer na mesma proporção ou intensidade (Lipp, 2006; Furtado et al., 2003).

Sintomas e sinais de estresse ocorrem por meio de comportamentos como dificuldades no desempenho escolar ou laboral, faltas e atrasos na escola ou no trabalho, aumento da insatisfação, interpretação equivocada dos sinais do meio, ausência de prazer, dessensibilização, desgosto e constante sentimento de apreensão. Quanto aos principais sintomas psicossomáticos correlacionados ao estresse estão a exaustão, ganho ou perda de peso sem uma razão específica, sensibilidade às baixas temperaturas, infecções recorrentes (p. ex. herpes) por baixa da resistência imunológica, aumento do colesterol, cefaleias, dores musculares, bruxismo, fibromialgia, dores no pescoço, gastrite, transtornos do humor, drogadição, uso abusivo de álcool, transtorno do pânico, crises de hiperventilação e impotência (Mental Help, 2006).

Ao correlacionar estresse e migração, percebe-se que as variáveis internas e externas também atuam neste processo. Fatores internos na migração estão relacionadas às crenças irracionais que envolvem a experiência. Fatores externos na migração, relacionam-se aos aspectos socioculturais como a aceitabilidade por parte da sociedade majoritária e as diferenças culturais entre as sociedades de origem e receptora.

No caso dos dekasseguis, as crenças irracionais podem incluir a possibilidade de ganhar muito dinheiro em um curto período de tempo ou a atitude de pensar apenas nos aspectos positivos da qualidade do ensino público japonês,

ignorando as dificuldades inerentes ao processo de adaptação de uma criança estrangeira (p. ex. *bullying* e Dupla Limitação) neste país. Ainda, a crença ou expectativa elevada quanto a retornar ao Brasil, focalizando seus objetivos em abrir uma empresa sem, contudo, ter conhecimento técnico ou experiência na área para realizá-lo. Desta forma, podemos dizer que as crenças irracionais atuam de maneira significativa na qualidade de vida do imigrante, influenciando todo o processo de adaptação. Imigrantes mais conscientes dos prós e contras da migração tendem a ter melhor adaptação e a tirar melhor proveito desta experiência.

4.3 ESTRESSE ACULTURATIVO

Imigrantes necessitam adaptar-se às demandas da nova sociedade onde passaram a residir, tais como nova linguagem, hábitos, interações sociais, leis e regras. Um dos importantes fatores que afeta a adaptação psicológica é o estresse aculturativo. A orientação aculturativa ou adaptação ocorre ao mesmo tempo que o indivíduo necessita atender às novas circunstâncias sociais. Contudo, o processo de adaptação pode se tornar uma experiência estressante para o indivíduo. O estresse relacionado às orientações aculturativas ou processo de adaptação foi denominado por John W. Berry (1990) de estresse aculturativo, podendo ser positivo - a fim de alcançar as metas pré-migratórias - ou negativo - que atrapalham a adaptação.

O estresse aculturativo refere-se ao estresse que emerge de uma situação intercultural e corresponde a um processo de adaptação negativa ou problemática. Considera-se que os sintomas de estresse no comportamento geral, e que, continuam a ocorrer após seis meses da chegada a nova sociedade, sejam sintomas da experiência de estresse aculturativo em sua forma negativa. Estes sintomas incluem transtornos do humor, senso de marginalização, senso

de perda cultural, ansiedade excessiva na experiência cotidiana como um todo, insônia, conflito de identidade, hipersensibilidade à discriminação e sintomas psicossomáticos.

A definição de estresse aculturativo pode ser confundida com o conceito de choque cultural, sendo estes conceitos, no entanto, diferentes. Atualmente, o termo estresse aculturativo, vem sendo utilizado com mais frequência do que o conceito de choque cultural, por pesquisadores da área transcultural. A razão para isso é que, primeiramente, o conceito de estresse aculturativo é mais amplo que o de choque cultural, visto que estabelece uma correlação entre a pessoa e os fatores estressores. Segundo, porque a definição de estresse considera que há estressores positivos e negativos enquanto o choque focaliza apenas os aspectos negativos da adaptação. Por exemplo, imigrantes orientados integrativamente podem experimentar alto nível de estresse, contudo, este tipo de orientação é considerada desejável, porque, ao mesmo tempo, estes imigrantes possuem em seu repertório comportamental altas habilidades de *coping*, e o estresse, neste caso, é decorrente da necessidade de alcançar objetivos adequados na experiência de migração, como, por exemplo, aprender uma nova língua (Berry et al., 2002).

FIGURA 2: FATORES QUE AFETAM A ADAPTAÇÃO E O ESTRESSE ACULTURATIVO



Fonte: Adaptado de Berry et al. (2002:376)

Segundo os autores Thomas (1995), Finch e colaboradores (2003) e Hovey (1999), que realizaram estudos com famílias latinas nos EUA, os dez mais importantes fatores que afetaram o estresse aculturativo neste grupo foram: 1) habilidades linguísticas (domínio ou não do idioma nativo), 2) situação econômica e laboral, 3) nível educacional, 4) situação como imigrante (legal ou ilegal), 5) funcionamento familiar, 6) suporte social, 7) estado civil, 8) expectativas quanto ao futuro, 9) participação em atividades religiosas e atividades relacionadas à igreja que frequenta e 10) consenso familiar quanto à decisão de emigrar. As características relacionadas a estes fatores estão descritas na tabela abaixo.

TABELA 2: FATORES DE ESTRESSE ACULTURATIVO

FATORES	ALTO NÍVEL DE ESTRESSE	BAIXO NÍVEL DE ESTRESSE
HABILIDADES LINGÜÍSTICAS	Não dominar o idioma local	Dominar o idioma local
SITUAÇÃO ECONÔMICA E LABORAL	Realizar trabalho não qualificado	Realizar trabalho qualificado
NÍVEL EDUCACIONAL	Baixo	Alto
SITUAÇÃO COMO IMIGRANTE	Imigrante ilegal e resistência à aceitação (p. ex. discriminação) por parte do grupo majoritário	Imigrante legal e aceitação (p. ex. minoria positiva) por parte do grupo majoritário
FUNCIONAMENTO FAMILIAR	Família disfuncional	Família funcional
ESTADO CIVIL	Imigrante solteiro	Imigrante casado
SUORTE SOCIAL	Suporte social insatisfatório (p. ex. ausência de amigos com quem possa compartilhar dificuldades)	Suporte social satisfatório (p. ex. ausência de amigos com quem possa compartilhar dificuldades)
EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO	Expectativas irracionais e alto nível de ansiedade	Expectativas racionais e alto nível de ansiedade
ATIVIDADES RELIGIOSAS	Não participa de atividades	Participa de atividades
CONSENSO FAMILIAR QUANTO A DECISÃO DE EMIGRAR	Um membro ou membros da família discordou/ discordaram da decisão de emigrar	Todos os membros da família concordaram da decisão de emigrar

Segundo Berry (2006), quando o indivíduo a experienciar a aculturação é um adolescente ou um idoso, este processo tende a ser mais estressante, e sujeito à maiores riscos de sofrimento, embora suas causas não sejam muito claras.

No caso de adolescentes, considera-se que estes, ao migrarem, passem pela chamada Dupla Transição, que significa a vivência do processo de puberdade concomitantemente ao processo de aculturação como mencionada antes. Por outro lado, no caso de idosos, as limitações físicas e os problemas quanto ao senso de segurança previdenciária, podem estar influeciando a adaptação dos mesmos.

Ainda, quanto à correlação entre orientações aculturativas e estresse aculturativo, primeiro, imigrantes que apresentam orientação segregativa demonstram dificuldade no domínio da língua nativa e, como resultado, podem sentir menos discriminados e investigar menos esforços, a fim de contatar pessoas do grupo dominante e, com isso, tendem a sentir menos estresse.

Segundo, imigrantes que apresentam orientação integrativa - os biculturais, aprendem a língua nativa e se esforçam no sentido de contatar pessoas do grupo majoritário e, como resultado, estima-se que os mesmos experienciem estresse mediano ou forte em seu processo de adaptação. Contudo, a orientação integrativa é considerada a mais adequada das orientações, pois, o imigrante integrativo é também possuidor de maiores habilidades de *coping* utilizando-se destas habilidades no processo de adaptação (Yunjin, 2002; Berry, 2002).

Terceiro, imigrantes que apresentam orientação assimilativa, perdem - mesmo que não completamente, a cultura de origem, assimilando a cultura da sociedade dominante e, este processo, tende a acompanhar um forte senso de estresse. Por exemplo, crianças brasileiras que frequentam as escolas públicas japonesas desde a tenra idade, se esforçam no sentido de assimilar as características culturais

de seus colegas e professores, a fim de tornarem-se mais “japonesas” e assim, serem aceitas na sociedade dominante igualmente. No entanto, esta situação pode levar a um forte senso de estresse, resultando em crises de identidade e conflitos dentro da família, principalmente quando a adaptação entre pais e filhos ocorre de maneira dissonante. Ademais, de acordo com estudos anteriores (Berry et al., 2002), quando o imigrante é excluído ou discriminado pelo grupo majoritário, ele pode desenvolver padrões de comportamento de forma a evitar a assimilação, demonstrando forte resistência à aceitação das regras impostas pelo grupo dominante, especialmente, quando o jovem é inserido numa escola japonesa, por exemplo, durante a adolescência.

Finalmente, imigrantes de apresentam orientação marginalizativa, não sentem-se confortáveis em nenhuma situação cultural – brasileira ou japonesa, apresentando graves problemas na adaptação. Estes imigrantes, tendem a desenvolver crises de identidade e sintomas psicopatológicos, resultados de uma forte sensação de estresse.

A correlação entre estresse aculturativo e orientações aculturativas, encontra-se descrita de maneira sucinta na ta-

TABELA 3: CORRELAÇÃO ENTRE ESTRESSE ACULTURATIVO E ORIENTAÇÕES ACULTURATIVAS

ORIENTAÇÕES ACULTURATIVAS	CARACTERÍSTICAS	COORELAÇÕES COM O ESTRESSE ACULTURATIVO
SEGREGATIVA	Ausência de contato social com os japoneses	Fraco
INTEGRATIVA	Integra ambas culturas – japonesa e brasileira – em sua identidade	Mediano
ASSIMILATIVA	Perda da cultura brasileira concomitantemente à assimilação da cultura japonesa	Forte
MARGINALIZATIVA	Desinteresse ou insatisfação com ambas culturas – brasileira e japonesa.	Forte

Fonte: Adaptado de Berry et al. 2002.

Ao avaliarmos a condição singular dos dekasseguis, estes tendem a alterar seus planos pré-migratórios e econômicos várias vezes durante o período que estão no Japão. Como resultado, o plano pré-migratório de ficar dois ou três anos no país é estendido para oito, talvez, dez ou mais anos. O fato de os mesmos estarem vivendo por um longo tempo no Japão – longo quando comparado aos planos pré-migratórios, estes desejam viver definitivamente no Brasil um dia, enfrentando para isso, várias dificuldades no processo de adaptação em ambos países. Além disso, estima-se que este grupo apresente uma vivência ansiogênica no Japão, dividido entre dois países e ausente de senso de segurança em ambos.

Fatores como a vivência distante do contato com parentes, a condição delicada de migração e o engajamento em trabalho não qualificado e mecânico podem deteriorar a saúde do dekassegui ao aumentar a sensação de estresse, o que geraria a hipótese de que este grupo pode estar experienciando um forte estresse aculturativo e apresentando sintomas diversos. Porém, no caso deste grupo de imigrantes, dada a ausência de estudos anteriores que confirmem ou não estas hipóteses, questões como qual o tipo de estresse experienciado e a maneira que estes lidam com o estresse aculturativo, estavam ausentes de respostas.

O instrumento técnico topográfico de psicopatologias, conhecido como Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2000), embora não apresente uma categoria única para o caso de minorias, o que é feito a partir de estudos de base psicológica clínica transcultural, indica as minorias como grupo de risco para o Transtorno do Eixo II – Transtorno de Personalidade Paranoide (TPP), que possui sintomatologia de comportamentos e pensamentos que envolvem suspeita e desconfiança persistentes, bem como, humor irritável e raiva. Os sintomas físicos envolvem tensão muscular, seriedade, incapacidade de relaxamento, pre-

conceito, ciúme e instabilidade emocional, embora as atividades profissionais não demonstrem prejuízo significativo. É possível que o TPP desenvolva-se após uma experiência de discriminação, no caso dos imigrantes, que podem ficar vulneráveis ou hipersensíveis ao tema, desenvolvendo um forte senso de discriminação subjetiva e aumento do estresse aculturativo.

De acordo com Sam (2006), a correlação entre migração e saúde recebe uma importante influência da vida pré-migração. O imigrante que, em seu país de origem, tenha vivido em situação socioeconômica precária, ao migrar para um país mais desenvolvido, possui tendência a apresentar padrões de adaptação adequadas no país que o recebeu.

Estudos na área transcultural demonstram que todos os imigrantes apresentam mudanças no repertório comportamental, após a experiência de migração, advindos do contato intercultural (Kitayama in Tweed et al., 2004). Os imigrantes utilizam o *coping* e as habilidades sociais, a fim de buscar uma forma de ajustamento na nova sociedade. Em outras palavras, o imigrante “escolhe” que tipo de adaptação irá seguir, baseando-se em suas habilidades sociais e de *coping*. Desta forma, no próximo capítulo tratarei destes dois conceitos – coping e habilidades sociais – que apresentam relação direta com a adaptação.

COPING E HABILIDADES SOCIAIS

5.1 COPING

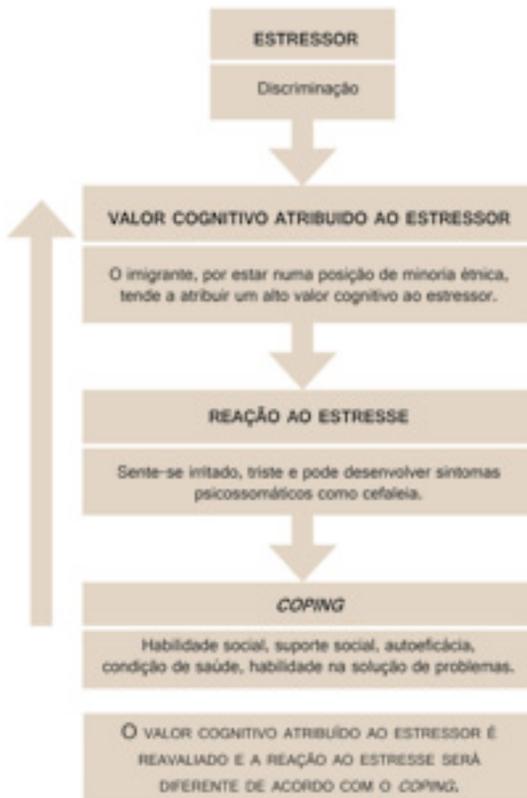
Segundo Lazarus (1999), o coping refere-se a um processo que ocorre entre o indivíduo e o meio, a fim de melhorar a habilidade de manejo do estresse. As habilidades de coping, envolvem ajustamento entre o self e demandas sociais e que afetam a cognição e o comportamento e relacionam-se com o estresse, emoção, tomada de decisões e motivação. Quando o *coping* não apresenta os resultados esperados, a emoção, a capacidade de tomada de decisões e a motivação do indivíduo podem ser afetadas, produzindo uma forte sensação de estresse.

O *coping* também envolve o manejo da cognição e do comportamento para demandas externas - coping focalizado no problema, e internas - coping focalizado na emoção, específicas, visando a redução da sensação de estresse. O coping focalizado no problema refere-se à busca de soluções construtivas para lidar com os estressores, com o objetivo de resolver o problema. É considerado a melhor estratégia de lidar com estresse. O coping focalizado na emoção refere-se aos esforços para controlar e lidar com as emoções diante de eventos estressores. Contudo, o coping focalizado na emoção, pode ocorrer em forma de ruminação, levando a pessoa à recorrência de pensamentos negativos e à não solução do problema. De acordo com Lazarus & Folkman (1984), ambas estratégias de coping ocorrem ao mesmo tempo e estão correlacio-

nadas, prevalecendo, no entanto, uma das duas formas na estratégia individual de enfrentamento dos estressores.

As habilidades de coping são influenciadas pelo reconhecimento do problema e dependem das habilidades sociais, do suporte social, da autoeficácia, das condições de saúde e das habilidades na solução de problemas como mostra o esquema abaixo, que apresenta como exemplo a situação de um imigrante que experienciou uma situação a que considerou discriminação:

FIGURA 3: ESTRESSOR, VALOR COGNITIVO E COPING



Fonte: Autor.

Quanto à correlação entre o tipo de coping e estresse aculturativo, o coping focalizado na emoção correlaciona-se a um forte senso de estresse enquanto o *coping* focalizado no problema a um fraco senso de estresse (Noh & Kaspar, 2003). A explicação para estes resultados é de que o coping focalizado na emoção representaria uma forma passiva de lidar com o estresse, ignorando os estressores até o limite pessoal do indivíduo.

A concepção de coping desejado ou adequado está diretamente ligada aos padrões sociais e culturais de uma determinada sociedade (Lam & Zane, 2004). Em outras palavras, a habilidade de coping, ou uma determinada maneira que o indivíduo lida com o estresse, pode ser considerada adequada no Brasil, por exemplo, mas pode ter conotação diferente ou inadequada quanto vista da perspectiva da cultura japonesa.

No que se refere à relação entre coping e orientações aculturativas, o imigrante que apresenta alto nível de habilidades de coping, tenderá a escolher a orientação integrativa para adaptar-se. Narrativas de imigrantes como “eu me tornei mais maduro após a migração” e “estou aprendendo a língua nativa para meu próprio crescimento”, demonstram um exemplo típico deste tipo de orientação (Tweed et al., 2004). As estratégias de coping em imigrantes podem ser acessadas por meio de estilos, sendo considerados três estilos básicos como estratégias que são, 1) por meio da religião e fé, 2) por meio da família e 3) por meio de suporte social (rede social dentro e fora do grupo étnico).

De acordo com Tweed e colaboradores (2004) e Klaassen e colaboradores (2006), religião e fé exercem importante influência interna e externa no *coping* de imigrantes e, há quatro critérios básicos a se considerar quanto a este estilo de coping. Primeiro, religião e fé diferem de acordo com a cultura e a etnicidade. Por exemplo, pessoas originárias de um país religioso como EUA, apresentam maior tendência a apresentarem este

estilo. Segundo, a frequência do uso deste estilo de *coping* aumenta com a idade. Em outras palavras, imigrantes idosos utilizam mais este estilo que imigrantes jovens. Terceiro, o estilo de *coping* por meio de religião e fé, correlaciona-se diretamente à sensação de estresse extremo. Isto quer dizer, por exemplo, se um indivíduo encontra-se em estado terminal, este terá sua visão sobre a morte eminente fortemente ligada à sua crença e, esta visão, influenciará sua maneira de experienciar esse processo. Por final, os efeitos deste tipo de estilo podem ser positivos ou negativos, de acordo com a cultura e o grupo étnico representado. Isso quer dizer que quanto maior a confiança em Deus, por exemplo, atribuindo a Ele várias necessidades pessoais, utilizando predominantemente esta estratégia de enfrentamento, maior poderá ser a insatisfação ou frustração, visto que, a responsabilidade passa a ser atribuída a algo que está além de si e que, portanto, não se pode controlar, ficando a pessoa na posição de alguém influenciado por um destino pré-estabelecido.

No caso do grupo de imigrantes de kasseguis, ocorre um aparente aumento de igrejas evangélicas em locais de concentração deste grupo étnico, o que pode levar à hipótese de que os mesmos estejam utilizando deste estilo de *coping* para lidar com os problemas concernentes à adaptação, ou que experienciam estresse extremo na experiência intercultural.

A relação familiar constitui-se também de um importante estilo de *coping*. A família, especialmente no caso de imigrantes latinos, pode exercer significativa influência positiva ou negativa na adaptação, o que dependerá da relação apresentada (Finch et al., 2003). Para o grupo latino, a noção de suporte e união familiar acompanha a noção de familismo e constitui de uma importante estratégia de *coping* para este grupo diante de situações estressantes (Chung et al., 2006). Quando um imigrante é discriminado, por exemplo, ele pode ou não receber apoio de sua família, que o ajudará ou não a lidar com o problema.

O processo de estresse é também influenciado pela dinâmica familiar, pois a experiência de forte estresse por um membro da família influenciará todo o funcionamento desta.

O suporte social representa outro estilo de coping importante para o imigrante. Por meio de sua rede de suporte social, o imigrante poderá fazer amigos e contar com estes, significativamente, recebendo apoio nos momentos de dificuldade. Ainda, esta rede social, poderá ser funcional na troca de informações sobre a sociedade de origem, bem como para determinar papéis individuais dentro da comunidade étnica. Segundo Smart (1995), quando o imigrante não dispõe de informações e notícias atualizadas sobre o país de origem, este poderá sentir-se mais ansioso e incerto sobre sua condição social e sua função dentro da comunidade étnica, pois esta falta influenciará em sua avaliação, julgamento e tomada de decisões sobre problemas em geral.

O coping é um processo e, como processo, é passível de mudança. A rede social e o desenvolvimento de habilidades sociais podem melhorar a habilidade individual de lidar com as demandas do meio. A seguir apresentarei a teoria das habilidades sociais e a maneira como ela vem sendo utilizada no trabalho com grupo de imigrantes, visando à melhoria da adaptação dos mesmos.

5.2 HABILIDADES SOCIAIS

As relações interpessoais são assunto importante, tanto na psicologia, como em outras áreas que focalizam a comunicação e o relacionamento humano, pois elas exercem importante influência no ajustamento do indivíduo ao meio. Segundo Del Prette e Del Prette:

(...). As habilidades sociais constituem uma classe específica de comportamentos que um indivíduo emite para completar com sucesso uma tarefa social. (...). (...) são comportamentos específicos exibidos em situação igualmente específicas que são julgados como competentes ou não no cumprimento da tarefa social (Del Prette & Del Prette, 2009:19)

A promoção da melhoria das habilidades sociais está relacionada à diminuição dos sintomas de ansiedade e estresse, por meio de relações interpessoais satisfatórias, melhorando a adaptação e a qualidade de vida do indivíduo. Os prejuízos sociais na vida de pessoa não socialmente habilidosa incluem riscos para a delinquência juvenil, desajustamento escolar, suicídio, problemas conjugais, depressão e esquizofrenia (Del Prette & Del Prette, 2008). A promoção da melhoria das habilidades sociais pode ocorrer em forma de treinamentos com objetivos específicos, de acordo com o que se pretende alcançar em termos de modificação e prevenção de comportamentos inadequados à situação social específica.

Imigrantes necessitam adaptar-se à nova sociedade, respondendo às demandas desta, ao mesmo tempo em que, apresentam um repertório sociocultural de sua sociedade originária e, para que isto ocorra de maneira adequada, às habilidades sociais exercem um importante papel. Os imigrantes deixam seus parentes e toda a rede de suporte social no país de origem, necessitando reconstruir este suporte na nova sociedade, o que pode interferir em suas habilidades sociais e estratégias de coping (Hovey, 2000).

Considerando a família como suporte social significativo, imigrantes e suas famílias necessitam responder a estas demandas. Quando a relação familiar é funcional, as chances de adaptação adequadas aumentam. Contudo, quando a família apresenta relação disfuncional, o controle das condições sociais torna-se difícil para o imigrante (Pasch et al., 2006; Bacallao & Smokowski, 2006; Crockett et al., 2007; Martinez, 2006). Segundo Finch et al., (2003), o sucesso na adaptação está em ter controle sobre as situações estressantes e, quando esta situação é incontrolável, o indivíduo irá sentir-se mais ansioso.

De acordo com Bhattacharya (2002), filhos de imigrantes com dificuldades na adaptação têm aumentados os riscos de se tornarem marginalizados - ou assim se

sentirem, na escola, o que pode torná-los suscetíveis ao envolvimento com grupos que apresentem dificuldades semelhantes, como ocorre na associação de gangues. Há riscos como comportamentos antissociais, como mentiras e furtos, e de drogadição presentes neste grupo. Neste sentido, treinamentos de habilidades sociais podem ser utilizados, a fim de melhorar a adaptação de jovens e aumentar as habilidades de coping dos mesmos.

O treino de habilidades sociais apresenta como objetivo geral, a redução da sensação de estresse, desenvolvimento de sentimentos empáticos e o aumento de comportamentos assertivos e socialmente adequados. Os benefícios sociais destes treinamentos incluem a melhoria das relações interpessoais, autossatisfação e melhoria da autoestima do participante.

Como dito anteriormente, cada treinamento apresenta um objetivo específico, como, por exemplo, a melhoria da relação familiar, da comunicação entre pais e filhos, prevenção e tratamento de drogadição, prevenção de evasão escolar ou melhoria das habilidades biculturais, de forma a atingir um problema em particular. Nos EUA, muitos treinamentos de habilidades sociais vêm sendo realizados junto à população estrangeira ali residente, atendendo principalmente, famílias e adolescentes hispânicos com o objetivo de reduzir a delinquência juvenil, melhorar a qualidade da relação familiar e as habilidades biculturais. São alguns destes treinamentos o Structured Learning Therapy- SLT (Reed, 1994), Bicultural Skills Training - BST, Bicultural Effectiveness Training - BET (Szapocznik et al., 1986), Famílias Unidas, “Entre Dois Mundos” - The Parent-Teen Biculturalism Project - PTBP (Bacallao & Smokowski, 2005) e Bicultural Competence Skills Program - BCSP (Schinke, 1988).

Entende-se que as competências biculturais podem atuar no sentido da redução dos riscos de sintomas de estresse aculturativo (Alegría et al., 2007). Infelizmente, no caso

do Japão, treinamentos com esses praticamente inexistem. Aliam-se a isso, a ausência de especialistas para planejamento e execução deste tipo de treinamento, bem como, que possam atuar na área de saúde psicológica são raros, especialmente, psicólogos que compreendam a dimensão e especificidades do grupo em questão. Problemas como a longa jornada laboral que acompanha os dekasseguis e outras condições sociais, podem dificultar a implementação de treinamentos nessa área. No entanto, treinamentos na área de habilidades sociais, podem representar um meio importante, a fim de melhorar a adaptação dos dekasseguis no Japão, assim como vem ocorrendo com o grupo latino nos EUA.

Parte II

FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO: MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL, ADAPTAÇÃO E ESTRESSE ACULTURATIVO

ESTUDOS REALIZADOS

A MIGRAÇÃO DE FAMÍLIAS BRASILEIRAS

6.1 OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivos: 1) investigar se as famílias de brasileiros residentes no Japão apresentam padrões de migração transnacional e 2) se o apresentam conhecer quais as características desse padrão transnacional. A amostra foi composta de 116 famílias brasileiras com crianças matriculadas no ensino Fundamental e Médio, em escola brasileira na cidade de Mino-kamo, na província de Gifu, no Japão, no período de 20 de julho a 11 de agosto de 2006. Ainda, com base em levantamento feito informalmente junto à direção da escola, a procedência dessas famílias foi dos estados brasileiros Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Goiás e Pará.

Após a autorização da pesquisa pelo Conselho de Ética da Nagoya City University, foram entregues questionários traduzidos para a língua portuguesa, baseados nos estudos realizados por Stone (2005) com imigrantes latinos residentes nos EUA. Segundo, foi solicitada permissão, junto à direção da escola, para a realização da pesquisa. Terceiro, solicitou-se aos alunos que os questionários fossem entregues aos seus pais ou a outro membro responsável pela família.

A folha de rosto do questionário continha perguntas sobre informações gerais relacionadas ao *status* familiar, número de membros na família, dentre outras. A segunda página do questionário continha treze itens relacionados ao modelo de migração transnacional nas categorias: lín-

gua falada, frequência de retorno ao país de origem, manutenção do vínculo com parentes e amigos no país de origem, meios de comunicação utilizados, preferência quanto à união matrimonial dos filhos e identidade culturais de coping ocorrem ao mesmo tempo e estão correla

TABELA 4: MIGRAÇÃO DE FAMÍLIAS BRASILEIRAS - RESULTADOS DA FOLHA DE ROSTO

A. FAIXA ETÁRIA DOS PAIS

Mais de 90% dos participantes apresentaram uma constituição familiar nuclear (pais e filhos) e a faixa etária predominante dos pais foi de 31 a 40 anos.

B. FAIXA ETÁRIA DOS FILHOS

A idade predominante entre os filhos das famílias pesquisadas foi dos 11 aos 15 anos. O total de filhos na amostragem de 116 famílias foi de 179. Dentre estes, 15 filhos estavam no Brasil sob os cuidados de parentes.

C. TEMPO DE PERMANÊNCIA

62 das 116 famílias pesquisadas, residiam no Japão entre 4 a 12 anos.

D. NACIONALIDADE DOS PAIS

Em uma das famílias participantes, o pai possuía nacionalidade japonesa. No caso das mães, três não eram brasileiras (japonesa, filipina e peruana). Entretanto, a grande maioria, 97,4% da amostra, foi de brasileiros com casamentos endogâmicos.

E. NÍVEL EDUCACIONAL DOS PAIS

Na amostra de 116 pais (pai ou mãe), 44% concluíram o ensino médio. Ainda, 15,7% iniciaram a faculdade, mas não a concluíram. Esta evasão poderá estar relacionada à migração.

6.2 ASPECTOS QUE SE RELACIONAM DIRETAMENTE AO TRANSNACIONALISMO

Um dos aspectos relacionados à migração transnacional é o biculturalismo linguístico, que se caracteriza pela mistura de duas ou mais línguas na conversação cotidiana. Na amostra pesquisada, o percentual de famílias que apresentou este padrão foi de 48,2%, com o uso das línguas japonesa e portuguesa na conversação, sendo a língua portuguesa a dominante na conversação familiar. Entretanto, esse padrão provavelmente não está relacionado ao biculturalismo, visto que, neste caso, o que ocorre é uma forma híbrida de conversação, com a mistura na mesma sentença das duas línguas em questão. Frases exemplos como, hoje vou fazer zangyou (hora-extra) são comuns na conversação e, não representam, todavia, a aquisição e domínio da língua japonesa.

Embora a distância geográfica seja significativa entre os dois países, Brasil e Japão, quanto ao retorno das famílias brasileiras pesquisadas aos seus países de origem, 69% dos participantes retornaram ao Brasil pelo menos uma vez durante o período que residem no Japão.

Mais de 99% dos pesquisados informaram utilizar regularmente telefone e e-mails como formas de comunicação com parentes e amigos que estão no Brasil e 72,5% respondeu assistir a programas brasileiros e noticiários pela TV via satélite no Japão, ao mesmo tempo em que, uma parcela importante também demonstrou interesse em acessar informações sobre a sociedade local, ou seja, o Japão.

A rede social dos participantes ocorre, predominantemente, dentro do mesmo grupo étnico e 87% relataram utilizar a língua portuguesa na conversação com seus amigos.

Em relação à preferência étnica na união matrimonial dos filhos, 44% responderam ter expectativas de que o filho ou filha case-se com pessoa de nacionalidade brasileira,

apresentando, assim, preferências endogâmicas. Todavia, 46% responderam não saber responder a esta questão, o que pode estar relacionado às características culturais brasileiras que, neste caso, tende a valorizar os relacionamentos baseados nos afetos, mais do que em demais características, tais como, os aspectos étnicos. Ainda, no que concerne ao tema, união matrimonial, alguns participantes escreveram:

[...].mesmo que eu e meu marido digamos não, é meu filho quem irá decidir com quem quer se casar.
(A, brasileira, 34 anos).

[...].nossos filhos são livres para tomar as próprias decisões.
(B, brasileira, 33 anos).

[...]. nosso filho é livre para escolher.
(C, brasileira, 40 anos).

Dos entrevistados, 78,5% demonstraram não ter assimilado a cultura japonesa em suas identidades. O Gap cultural, especialmente diferenças culturais nos hábitos cotidianos e a barreira da linguagem podem estar interferindo neste contato.

6.3 CONCLUSÃO

Se a proximidade geográfica, como existe entre EUA e México, pode ser fator de estímulo para o padrão transnacional de viver entre dois países, na mesma lógica, a distância geográfica poderia ser uma variável a dificultar este mesmo padrão em grupo de brasileiros no Japão. Contudo, ao comparar os brasileiros no Japão e latinos nos EUA, foram percebidos padrões semelhantes de comportamentos nos dois grupos, tais como, o uso predominante da língua materna na conversação diária, o desenvolvimento de fra-

ses híbridas que envolvem a mistura de ambas as línguas, os retornos regulares ao país de origem, a manutenção de contato com familiares e amigos que estão no Brasil, via telefone e e-mail, a aquisição de informações sobre o país de origem por TV via satélite e o interesse, ao mesmo tempo, das notícias locais. Ainda, a preferência ou predominância de rede social composta por membros do mesmo grupo étnico, certa preferência pela endogamia à exogamia e, a manutenção – ou a tentativa de manutenção –, da identidade étnica original. Essas características apresentadas na amostra pesquisada são correlatas a padrões de migração transnacional.

Quanto à diferença entre o padrão de migração transnacional entre latinos nos EUA e brasileiros no Japão, essa também foi identificada. De acordo com os estudos de Stone (2005), os latinos residentes nos EUA demonstraram reforçar a liberdade na escolha do companheiro, diferenciando-se da amostra pesquisada dentro a comunidade brasileira no Japão.

Concluiu-se que o grupo pesquisado apresentou, em geral, os mesmos padrões de migração transnacional que sugeriram os estudos anteriores, embora seja preciso se lembrar que a investigação aqui descrita é baseada em uma amostra específica, tanto de latinos residentes nos EUA, como de brasileiros residentes no Japão. Embora esses cuidados devam ser considerados, é possível assumir que a migração transnacional é padrão de mobilidade e de comportamentos migratórios correlatos aos brasileiros residentes no Japão.

JOVENS BRASILEIROS NO JAPÃO: SONHO E REALIDADE NA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS

7.1 PROBLEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Brasileiros no Japão experienciam a migração transnacional vivendo entre dois países sem, contudo, estabelecerem-se em nenhum deles. Esse tipo de vivência pode levar a alguns problemas, especialmente, no que se refere à educação de seus filhos, que têm dificultada as possibilidades em continuar seus estudos em ambos ambientes, seguindo o mesmo padrão de imigração apresentado por seus pais. Um exemplo disso são os brasileiros que estão em escola brasileira no Japão. Em geral, eles não possuem proficiência na língua japonesa, o que atrapalha seu ingresso em instituição de ensino superior no Japão. Estar em escola japonesa é opção de seus pais que, ao possuir consciência temporária da migração, desejam facilitar a continuidade dos estudos e, conseqüentemente, a readaptação dos mesmos, no Brasil. Contudo, muitos desses pais, por razões diversas, têm postergada a decisão de retornar ao Brasil. Dentre essas razões está a dificuldade de readaptação que os “empurra” novamente ao Japão, dando continuidade ao um círculo vicioso em que seus filhos, também são significativamente envolvidos. Com isso, os filhos de brasileiros no Japão situam-se em condição de risco para a continuidade acadêmica, que evolui para uma tendência à evasão escolar e o ingresso como mão de obra não qualificada, em fábricas no Japão. Ao mesmo tempo, considerando o fato de que os mesmos

não se qualificaram, essas mesmas dificuldades são por eles confrontadas em seu retorno ao Brasil, especialmente, no momento de entrada ao mercado de trabalho brasileiro.

A fim de investigar esse problema com mais detalhes, apresentarei uma pesquisa feita com brasileiros estudantes da escola brasileira no Japão, na cidade de Minokamo, província de Gifu, onde desenvolvi meus estudos como pesquisadora.

A cidade de Minokamo apresentava uma característica peculiar no período em que lá atuei: aproximadamente 7% (3.701 pessoas - ref. 2006) de seus residentes eram de nacionalidade brasileira, de acordo com os registros da prefeitura local. Essa concentração peculiar tornou a cidade de Minokamo, um ambiente propício para estudar os processos inerentes à adaptação de imigrantes, dado o caráter quantitativo e qualitativo da coleta de dados que o local possibilitava. Ainda, mais uma vez, uma pergunta direcionada a mim, como representante da área de pesquisa da comunidade brasileira na região de Chubu (Centro do Japão), num dado encontro sobre educação, inquietou-me: - Por que as crianças brasileiras não têm sonhos?, referindo-se à formação profissional dos mesmos. Na época, empiricamente, respondi: eles possuem sonhos. O que eles não possuem são metas. E assim, iniciei minha busca pela validação - ou não -, dessa verdade. Refleti, posteriormente, sobre minha resposta, que foi dada sem aprofundamento, baseada na experiência pessoal que tive através do meu contato com os alunos. Seria isso mesmo?

Assim, dois simples objetivos foram delimitados para pesquisa: 1) correlacionar sonho e realidade quanto à continuidade dos estudos dos jovens brasileiros entrevistados. Para conhecer o problema “realidade”, um estudo *follow-up* foi feito com a mesma amostragem meses após a primeira coleta de dados; 2) conhecer, quanto à continuidade dos estudos dos mesmos, quais os sonhos tornaram-se realidade.

Os participantes deste estudo foram, no total, 40 estudantes brasileiros, divididos em duas amostras, A (22 estudantes) e B (18 estudantes), matriculados no 8º ano do Ensino Médio em escola brasileira no Japão. A divisão objetivou conhecer a evolução acadêmica de duas turmas distintas, classe de 2005 e classe de 2006. A escola era credenciada pelo Ministério da Educação e Cultura do Brasil para Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e seu ano letivo seguia o calendário acadêmico brasileiro, janeiro a dezembro, diferenciando-se do calendário japonês, abril a março.

A coleta de dados da amostra A foi feita em novembro de 2005, um mês antes da conclusão do Ensino Fundamental dos participantes. O *follow-up* foi realizado em julho de 2006, nove meses após a primeira coleta.

A coleta de dados da amostra B foi feita em novembro de 2006, um mês antes da conclusão do Ensino Fundamental dos participantes. O *follow-up* foi realizado em fevereiro de 2007, três meses após a primeira coleta.

Aos participantes das amostragens foi solicitado o preenchimento de um breve questionário na primeira coleta e, no *follow-up*, todos foram submetidos a uma entrevista. O questionário foi composto por três perguntas: 1. Você deseja concluir seu Ensino Médio? Você deseja ingressar em uma faculdade? Quanto aos seus estudos, por favor, escreva seus planos para o próximo ano.

7.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Amostra A - Dos 22 estudantes entrevistados na amostra A, 20 responderam que sim, desejam concluir o Ensino Médio e 19 responderam que sim, desejam ingressar em uma faculdade. Em relação à terceira pergunta, as respostas estão descritas abaixo, contendo a situação dos mesmos com o *follow-up*, 9 meses após a coleta de dados:

TABELA 5: AMOSTRA A - SOBRE SONHO E REALIDADE NA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS

GÊNERO E IDADE	SONHO PLANOS DOS PARTICIPANTES EM NOVEMBRO DE 2005	REALIDADE SITUAÇÃO EM JULHO DE 2006
A, SEXO MASCULINO, 15 ANOS	Quero concluir o ensino fundamental agora e ir para o ensino médio ano que vem.	Aluno do 1o ano do ensino médio na mesma escola brasileira.
B, SEXO FEMININO, 15 ANOS	Quero ser bióloga ou veterinária. Ano que vem, vou trabalhar de dia e estudar à noite.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
C, SEXO MASCULINO, 15 ANOS	Vou trabalhar de dia e ir para escola à noite.	Trabalhando em fábrica em cursando o ensino médio em outra escola brasileira na cidade de Minokamo no turno da noite.
D, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero voltar para o Brasil e fazer o ensino médio lá. Quero entrar na faculdade de Artes. Depois que eu me formar, quero voltar para o Japão, juntar dinheiro e abrir meu próprio atelier no Brasil.	Estava vivendo no Brasil com seus pais e cursando o ensino médio.
E, SEXO MASCULINO, 16 ANOS	Quero voltar para o Brasil e fazer ensino médio para poder entrar na faculdade.	Estava vivendo no Brasil com seus pais e cursando ensino médio.
F, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero estudar e trabalhar no Japão. Se eu voltar para o Brasil, eu só vou estudar. Quero fazer faculdade de Direito e ser juíza.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola.
G, SEXO FEMININO, 13 ANOS	Quero trabalhar ano que vem. Quero guardar dinheiro e voltar para o Brasil para estudar.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.

Fonte: Própria.

TABELA 5: AMOSTRA A (CONTINUAÇÃO I)

GÊNERO E IDADE	SONHO PLANOS DOS PARTICIPANTES EM NOVEMBRO DE 2005	REALIDADE SITUAÇÃO EM JULHO DE 2006
H, SEXO FEMININO, 15 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite. Acho que o estudo é algo muito importante na vida.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
I, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite. Não tenho planos de ir para a faculdade. Não sei que curso vou fazer.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
J, MASCULINO, 14 ANOS	Quero estudar.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
K, SEXO FEMININO, 13 ANOS	Não quero trabalhar no Japão; quero voltar para o Brasil, terminar o ensino médio e, um dia, ser uma advogada.	Poucos dias após esta coleta de dados, ela evadiu da escola, por problemas financeiros e começou a trabalhar nas fábricas. Não concluiu o ensino fundamental.
L, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Ainda não sei.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
M, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite. No futuro, quero ser psicólogo.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
N, SEXO FEMININO, 13 ANOS	Preciso trabalhar ano que vem. Se der, vou para a escola à noite, mas, eu não sei se vou aguentar. Se não der para estudar, quero voltar para o Brasil e estudar lá. Quero ser médica ou psicóloga um dia.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.

TABELA 5: AMOSTRA A (CONTINUAÇÃO II)

GÊNERO E IDADE	SONHO PLANOS DOS PARTICIPANTES EM NOVEMBRO DE 2005	REALIDADE SITUAÇÃO EM JULHO DE 2006
O, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos. Relatou estar ajudando os pais a pagarem uma dívida que os mesmos haviam contraído no Brasil.
P, SEXO MASCULINO, 13 ANOS	Quero voltar para o Brasil em julho. Até lá, vou ficar fazendo algum 'bico' em casa.	A família decidiu prorrogar os planos de retorno ao Brasil. Estava cursando o ensino médio na mesma escola.
Q, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite. Quero guardar dinheiro para pagar meus estudos no Brasil.	Recebeu bolsa integral da direção da escola e continuava a estudar na mesma escola.
R, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite.	Havia retornado ao Brasil e estava cursando o ensino médio.
S, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite. Mas, não sei se vou dar conta de trabalhar e estudar. Se ficar pesado para mim, vou deixar a escola e, se um dia eu voltar para o Brasil, quero ser uma estudante normal, com uma vida normal de um estudante.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
T, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
W, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Quero trabalhar até julho e, depois, vou tentar entrar no curso técnico da Toyota.	Estava trabalhando na fábrica. Ele não apresentou planos de entrar no curso técnico da Toyota.
U, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero trabalhar de dia e estudar à noite.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.

Amostra B - Dos 18 estudantes entrevistados na amostra B, 18 responderam que sim, desejam concluir o Ensino Médio e 15 responderam que sim, desejam ingressar em uma faculdade. Em relação à terceira pergunta, as respostas estão descritas abaixo, contendo a situação dos mesmos com o *follow-up*, três meses após a coleta de dados:

TABELA 5: AMOSTRA B - SOBRE SONHO E REALIDADE NA CONTINUIDADE DOS ESTUDOS

GÊNERO E IDADE	SONHO PLANOS DOS PARTICIPANTES EM NOVEMBRO DE 2006	REALIDADE SITUAÇÃO EM FEVEREIRO DE 2007
A, SEXO MASCULINO, 14 ANOS	Ainda não sei. Meu pai quer me mandar para a escola japonesa, mas eu quero ficar na escola brasileira.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
B, SEXO FEMININO, 15 ANOS	Eu quero continuar a estudar mas, eu não sei se meus pais vão me apoiar. Então, não sei responder isso agora.	A mãe mudou de ideia sobre mandá-la para a fábrica, após solenidade de conclusão do ensino fundamental. Ela estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
C, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero continuar a estudar.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
D, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero ir ao Brasil ano que vem. Quero ir para faculdade, e também quero estudar inglês e espanhol.	Retornou ao Brasil com seus pais e estava cursando o ensino médio.
E, SEXO FEMININO, 13 ANOS	Quero entrar para o ensino médio e voltar para o Brasil em 2008.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
F, SEXO MASCULINO, 16 ANOS	Ainda não tenho planos.	Estava trabalhando na fábrica Deixou os estudos.
G, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Quero voltar para o Brasil para estudar.	Estava trabalhando na fábrica Deixou os estudos.

TABELA 5: AMOSTRA B (CONTINUAÇÃO I)

GÊNERO E IDADE	SONHO PLANOS DOS PARTICIPANTES EM NOVEMBRO DE 2005	REALIDADE SITUAÇÃO EM JULHO DE 2006
H, SEXO MASCULINO, 15 ANOS	Vou para o Brasil mês que vem. Quero estudar ciência da computação, tecnologias ou astronomia em alguma faculdade no Brasil. Também quero fazer curso de inglês e de computação.	Voltou ao Brasil com seus pais e estava cursando o ensino médio.
I, SEXO MASCULINO, 16 ANOS	Por mim, quero ir para a faculdade. Mas, meus pais, querem que eu comece a trabalhar na fábrica. Meus pais querem que eu junte dinheiro para, eu mesmo, pagar meus estudos no Brasil, planos de ir para a faculdade. Não sei que curso vou fazer.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
J, MASCULINO, 14 ANOS	Quero estudar mas, provavelmente, vou começar a trabalhar na fábrica no ano que vem. Meus pais dizem que é melhor fazer ensino médio no Brasil.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
K, SEXO FEMININO, 16 ANOS	Ainda não sei. Estou pensando em voltar para o Brasil e estudar lá.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
L, SEXO FEMININO, 15 ANOS	Quero estudar ano que vem. Se meus pais concordarem, volto para o Brasil e termino meu ensino médio lá.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
M, SEXO FEMININO, 15 ANOS	Quero começar a trabalhar ano que vem. Um dia, quando eu voltar a estudar, largo o trabalho.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
N, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Não sei ao certo mas, talvez, eu termine só o primeiro ano do ensino médio aqui e, depois, comece a trabalhar meio período. Só que eu acho difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.

TABELA 5: AMOSTRA B (CONTINUAÇÃO II)

GÊNERO E IDADE	SONHO PLANOS DOS PARTICIPANTES EM NOVEMBRO DE 2005	REALIDADE SITUAÇÃO EM JULHO DE 2006
O, SEXO MASCULINO, 13 ANOS	Eu quero estudar e trabalhar ano que vem. No futuro, quero ser engenheiro mecânico ou músico.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
P, SEXO FEMININO, 13 ANOS	Quero terminar o Segundo ano do ensino médio aqui e, depois, voltar para o Brasil e me preparar para entrar na faculdade. Sobre a faculdade, ainda não sei o que vou fazer mas, de qualquer forma, eu quero terminar o ensino superior.	Estava cursando o ensino médio na mesma escola brasileira.
Q, SEXO FEMININO, 14 ANOS	Meus pais não querem que eu vá para o ensino médio. Por mim, eu queria ir.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos.
R, SEXO FEMININO, 15 ANOS	Quero trabalhar e fazer um curso de japonês no Kumon (curso de língua japonesa), para tirar o nível 3 no exame de proficiência ano que vem.	Estava trabalhando na fábrica. Deixou os estudos na escola brasileira e estava matriculada em um curso de língua japonesa para prestar o exame de proficiência na em dezembro de 2007.

Fonte: Própria.

A maioria dos participantes demonstrou desejo em continuar seus estudos no Ensino Médio e ingressar na faculdade. Entretanto, parte significativa não sucedeu satisfatoriamente em seus desejos. Apenas 45% dos participantes do total das duas amostras progrediu para o Ensino Médio. Esse percentual, quando comparado à realidade local, em outras palavras, com os jovens japoneses da mesma faixa etária da região de Minokamo, é baixo. De acordo com os dados locais do ano de 2006, 98,8% dos jovens japoneses concluintes do Ensino Fundamental ou Junior High School da cidade de Minokamo progrediram para o Ensino Médio.

Dentre os participantes da pesquisa, dos que intencionavam conciliar trabalho e estudo, verificou-se a tendência em abandonar os estudos, provavelmente, por questões de limitação física, pela fadiga laboral. Ainda, o sentimento de não apoio dos pais foi verificado no discurso de alguns dos jovens pesquisados. Esse apoio, portanto, pode ser considerado um fator de peso para a tomada de decisão de continuar ou abandonar os estudos.

Na comparação entre as duas amostras, a classe de 2006 apresentou um índice de continuidade de estudos maior que a de 2005. Sobre essa diferença, questionei a direção da escola sobre o assunto e obtive uma resposta que achei curiosa: a turma de 2006 teve colação de grau; a turma de 2005, não. A participação dos pais na cerimônia de colação de grau da turma de 2006 pode ter atuado como uma variável que influenciou essa evolução? Refletindo acerca disso, os pais brasileiros que trabalham no Japão, devido à longa jornada laboral, destinam pouco tempo para o acompanhamento da vida acadêmica de seus filhos. Assim, a solenidade em si, pode ter servido como um fator simbólico que os fez refletir sobre a importância da aquisição da formação acadêmica e, conseqüentemente, levando-os a repensar suas prioridades. Ainda assim, não há garantias de que os que deram continuidade em seus estudos, assim o

mantiveram até a conclusão do Ensino Médio. Assim como não há como garantir que àqueles que evadiram da escola não mais recomeçaram seus estudos um dia. Este foi um retrato de uma realidade, numa época específica. Entretanto, retrato que apresentou uma situação preocupante em relação à situação de risco que se encontram esses jovens brasileiros quanto à sua formação profissional. Em outras palavras, esses jovens encontraram-se sujeitos a tornarem-se mão de obra não qualificada em fábricas japonesas. E retomar os estudos, após a evasão, pode ser uma tarefa muito difícil por diversos motivos como casamento, razões econômicas, etc., o que exigirá um forte desejo, aliado a uma força de vontade importante, para realizá-lo.

7.3 CONCLUSÃO

Com base nas duas amostras pesquisadas, chegou-se, de maneira geral, a três conclusões: Primeiro a de que muitos jovens brasileiros estudantes em escola brasileira no Japão desejam progredir para o Ensino Médio, mas poucos conseguem realizá-lo. Segundo, a de que jovens brasileiros estudantes em escola brasileira no Japão necessitam vencer inúmeros obstáculos pessoais e sociais para chegarem ao Ensino Superior. Embora estejam em escola brasileira, com o intuito de readaptarem-se melhor à realidade brasileira em seu retorno, muitos seguem a mesma tendência migratória dos pais, tornando-se, eles também, dekasseguis no Japão. Esses jovens, já nascem dentro de uma perspectiva limitada em suas possibilidades de escolha pela situação de seus pais. Assim, embora eles tenham sonhos, como qualquer estudante brasileiro, em geral, teria, as chances de realizar esses sonhos são poucas. Terceiro, a de que ser um jovem, filho de imigrantes, dividido entre dois países - situação inerente à migração transnacional - , pode ser uma condição negativa para a aquisição de uma carreira acadêmica. A situa-

ção de incerteza diante de onde viver e com quem viver é ansiogênica também quando se trata da escolha da formação profissional. Assim como essa experiência pode ser uma forma de ampliar os horizontes, por outro lado, pode limitar duplamente àquele que a experiência.

Para os jovens brasileiros que estão em escola brasileira no Japão, letrados na língua portuguesa e adaptados ao sistema educacional brasileiro, a maneira mais viável de continuar seus estudos no Ensino Superior é regressando ao Brasil. Mas, essa decisão, necessita do apoio dos pais e nem sempre, as têm. Assim, parece tornar-se mais fácil ingressar em uma rotina laboral mecanizada, em que não se exige qualificação profissional, do que esperar por uma decisão, diversas vezes, procrastinada por seus pais. Alguns pais tentaram a readaptação no Brasil sem sucesso e retornaram ao Japão. Essa condição instável da família dos dekasseguis alcança, também, a próxima geração, que, não possuindo uma base segura para fazer planos futuros, demonstrara desmotivação para lutar por seus sonhos.

Considera-se também que jovens brasileiros em escola brasileira no Japão desenvolvem repertório cultural predominantemente brasileiro – ou dekassegui –, contrastando com a situação local. Em geral, eles têm poucas experiências no Brasil embora sejam brasileiros nacional e culturalmente. Alguns deles nasceram e viveram grande parte de suas vidas no Japão. Assim, é compreensível a insegurança desses jovens em regressarem, sem seus pais, para um país que é “seu”, mas que pouco o conhecem.

Um dos momentos que me chamou a atenção como educadora em escola brasileira no Japão, foi quando percebi que estava, em um dado momento, falando de História do Brasil para uma classe formada por alunos que não sabiam descrever, com suas próprias experiências, seu país de origem, a não ser pelas experiências de seus pais e pelas idas irregulares e de curta permanência que faziam ao Brasil.

Questões como essas podem gerar alguns conflitos de identidade, o que não aprofundei teoricamente, mas que senti marcadamente através da relação com os alunos, ao longo de cinco anos de convivência.

Concluindo, para alcançar suas metas educacionais, o jovem brasileiro no Japão necessita de uma gama de estratégias pessoais aliadas à coragem para vencer os desafios e de suporte social. Pode parecer que são requisitos para qualquer ser humano, em qualquer ambiente social, contudo, somam-se a essas questões, as limitações da própria condição de imigrante.

Por final, considerando o papel da família como um importante agente de suporte social, decidi investigar a qualidade de vida dessas famílias brasileiras, a fim de saber quais os maiores problemas confrontados e que poderiam estar interferindo em seu processo de adaptação como um todo.

ACESSANDO CARACTERÍSTICAS FAMILIARES: RELAÇÕES FAMILIARES DE BRASILEIROS NO JAPÃO

8.1 PROBLEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Famílias brasileiras no Japão experienciam alguns problemas na adaptação, tais como, a educação de seus filhos, os problemas de identidade, o tratamento médico, dentre outros. Esses problemas podem afetar a qualidade de vida da família. Contudo, algumas questões culturais precisam ser cuidadosamente consideradas ao acessar dados de imigrantes. Por exemplo, um padrão familiar de um grupo cultural A pode ser considerado patológico à luz da família cultural B. Se a forma de vinculação entre mãe e filho numa determinada cultura for disfuncional para outra, pode ser algo considerado normal. A família é uma instituição social e os estudos que abordam o tema precisam considerar essas variáveis. Uma abordagem para acessar a dinâmica familiar é oferecida pela Teoria de Sistemas, que considera a família como um sistema dinâmico, em que os membros possuem papel específico e afetam uns aos outros.

Considerando a família como um sistema, os valores familiares são aspectos importantes para conhecer sua dinâmica. A partir dos dados fornecidos por um dos membros do grupo, é possível discorrer sobre a qualidade de vida familiar e sobre possíveis padrões patológicos manifestados pelo sistema, pois a insatisfação de um membro irá influenciar todo o sistema em questão.

A Universidade de Kansas, nos EUA, desenvolveu por meio do Beach Center on Disability, uma escala de acesso às informações sobre as relações familiares chamada de Family Quality of Life Scale (FQOL). Os participantes são pessoas com necessidades especiais na família. Essa escala foi validada por Hoffman e colaboradores (2006), que concluiu que ela pode ser usada em contextos diversos. No caso deste trabalho, possibilita verificar características singulares das famílias, correlacionando o que uma dada família considera relevante e o nível de satisfação quanto ao problema em questão.

[...]. A escala de Qualidade de Vida do Beach Center possui o potencial para servir como importante instrumento para explorar algumas dimensões da dinâmica familiar. “Ainda, ela pode mensurar e apresentar questões que podem ser úteis nos serviços e medidas políticas direcionadas a este grupo”. [tradução do autor]. (Hoffman et al., 2006:1.080).

A escala FQOL focaliza cinco domínios da vida familiar: 1) interação familiar, 2) parentalidade, 3) bem-estar emocional, 4) bem-estar físico e material e 5) apoio às necessidades especiais. Nesta pesquisa, realizei a tradução supervisionada do inglês para a língua portuguesa, do questionário FQOL e excluí o quinto domínio, apoio às necessidades especiais, visto que os participantes foram famílias de imigrantes. Objetivou-se em relação aos itens desses domínios que os participantes: famílias brasileiras no Japão atribuíssem valor a importância e a satisfação, numa escala tipo likert com as respostas, correlacionando-os posteriormente, a fim de conhecer a qualidade de vida dos mesmos. Os participantes foram famílias da província de Gifu no Japão, residentes das cidades de Kani, Minokamo, Tajimi, Seki, Mizunami e Kakamigahara, com filhos matriculados em escola brasileira. O período de realização da coleta de

dados foi de 5 a 21 de julho de 2007. Após as devidas autorizações do Conselho de Ética da Nagoya City University, bem como, da diretoria da escola, 219 questionários foram distribuídos às famílias, convidando-as a participar da pesquisa. Para investigar a correlação entre a importância e a satisfação atribuída a cada item dos quatro domínios foi realizada análise cruzada, em que os critérios de Spearman foram aplicados. A baixa correlação foi relacionada à disfunção familiar e à baixa qualidade de vida, caracterizando uma relação não salutar em família.

Os itens dos quatro domínios da FQOL, foram: Domínio A - Interação familiar: A1) Gostamos de passar o tempo juntos; A2) Falamos abertamente uns com os outros; A3) Resolvemos problemas de maneira unida; A4) Apoiamos uns aos outros a alcançar objetivos; A5) Demonstramos afeto e preocupação uns com os outros; A6) Estamos preparados para lidar com os bons e maus momentos da vida. Domínio B - Parentalidade: B1) Ensinamos nossos filhos a serem independentes; B2) Ajudamos nossos filhos nos estudos e demais atividades extraescolares (p. ex. esportes, eventos sociais, etc.); B3) Ensinamos nossos filhos como se comportar diante das pessoas; B4) Ensinamos nossos filhos a fazer boas decisões; B5) Conhecemos outras pessoas que se relacionam com nossos filhos (p. ex. professores, colegas, etc.); B6) Temos tempo para cuidar das necessidades individuais de nossos filhos. Domínio C - Bem-estar emocional: C1) Temos o suporte que precisamos para aliviar o estresse; C2) Temos amigos e/ou outras pessoas que nos apoiam; C3) Temos tempo para satisfazer nossos interesses; C4) Contamos com algum tipo de ajuda fora da família para atender às nossas necessidades especiais (p. ex. em caso de separação, aniversário, perdas, etc.) e necessidades individuais. Domínio D - Bem-estar físico e material: D1) Podemos obter tratamento médico quando precisamos; D2) Podemos obter tratamento dentário quando precisamos; D3) Contamos com transporte

sempre que precisamos (p. ex. Para ir ao médico, escola, supermercado, etc.); D4) Estamos conseguindo sanar nossas despesas; D5) Sentimos segurança em casa, na escola, no trabalho e com nossa vizinhança (no Japão).

8.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 219 questionários distribuídos, 147 famílias, 67% da amostra, os devolveram devidamente preenchidos e possíveis de serem utilizados. Ainda, destas 147 famílias, 53 apresentaram informações de contato para entrevistas futuras.

Em se tratando dos resultados e da discussão de cada item, divididos nos quatro domínios, seguem abaixo, as informações que considerei como de maior relevância, com base nos objetivos:

DO DOMÍNIO A - INTERAÇÃO FAMILIAR

A1) Gostamos de passar o tempo juntos: 84,7% considerou muito importante e 57,3% respondeu estar muito satisfeito. A baixa correlação verificada, apontou para uma situação não satisfatória. Considerando que as metas migratórias são, essencialmente financeiras, no grupo pesquisado, os brasileiros no Japão tendem a investir longas horas do dia em atividades laborais, o que implica pouco tempo para compartilhar com a família.

A2) Falamos abertamente uns com os outros: 72% dos participantes considerou muito importante e 60% respondeu estar muito satisfeito. O índice de correlação apresentado aqui foi mediano, caracterizando assim, um padrão relativamente funcional ou satisfatório de comunicação.

A3) Resolvemos problemas de maneira unida: 74% considerou muito importante e 57,3% respondeu estar muito satisfeito. O índice de correlação apresentado aqui foi mediano, o que caracterizou um padrão relativamente funcio-

nal e de suporte familiar.

A4) Apoiamos uns aos outros a alcançar objetivos: 82,7% considerou muito importante e 67,3% respondeu estar muito satisfeito. O índice de correlação mediana foi apresentado, indicando, dentre muitas discussões, que a comunicação poderia apresentar-se mais funcionalmente, caso os mesmos tivessem mais tempo para usufruir com seus filhos em família.

A5) Demonstramos afeto e preocupação uns com os outros: 72,7% considerou muito importante e 57,3% respondeu estar muito satisfeito. Neste item, a correlação apresentada foi elevada e pode estar associada às características afetuosas e de calor humano, que são características do modelo de relação familiar no Brasil. Na família brasileira, há uma tendência em enfatizar a demonstração clara de afeto como expressar amor verbalmente, o contato físico em forma de manifestações afetivas, como beijos e abraços. A pessoa que não apresenta tais comportamentos tende a ser considerada como uma pessoa fria, representando um modelo inadequado ou disfuncional de comportamento em família.

A6) Estamos preparados para lidar com os bons e maus momentos da vida: 60,7% considerou muito importante e 42% respondeu estar muito satisfeito. O índice de correlação deste item, que se relaciona ao suporte social, foi mediano, o que caracteriza uma inadequação ou insuficiência das estratégias adaptativas.

DO DOMÍNIO B - PARENTALIDADE

B1) Ensinamos nossos filhos a serem independentes: 68,7% considerou muito importante e 45,3% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi mediano. Um ponto para essa discussão que destaquei refere-se a uma característica atribuída às famílias brasileiras quanto ao estímulo à independência dos filhos (Braz et al., 2005).

A falta de tempo dos pais, devido ao seu engajamento nas funções laborais, pode ter influenciado nos resultados.

B2) Ajudamos nossos filhos nos estudos e demais atividades extraescolares (p. ex. esportes, eventos sociais, etc.): 70,7% considerou muito importante e, 49,3% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentada foi mediano. As escolas brasileiras no Japão, no período desta coleta de dados, estavam adaptadas à atender aos horários de trabalho dos dekasseguis nas fábricas. As escolas ofereciam transporte escolar casa-escola, bem como, para atender aos estudantes em casos de atividades extra-escolares como educação física ou demais eventos sociais. Assim, a escola responsabiliza-se não apenas por oferecer educação mas também em atender a outras necessidades que se façam presentes e que os pais, por questões das características laborais, não têm como atender. Ainda, pelo fato de que crianças brasileiras no Japão, matriculadas em escola brasileira, em geral, não dominam o idioma local e sentem dificuldades no deslocamento pela utilização dos serviços públicos de transportes no Japão que, embora sejam considerados de alta qualidade, podem se tornar enigmáticos quando não se domina o idioma.

B3) Ensinamos nossos filhos como se comportar diante das pessoas: 86% considerou muito importante e 65,3% respondeu estar muito satisfeito e o nível de correlação apresentado foi baixo.

B4) Ensinamos nossos filhos a fazer boas decisões: 80% considerou muito importante e 57,3% respondeu estar muito satisfeito, resultando em correlação elevada.

B5) Conhecemos outras pessoas que se relacionam com nossos filhos (p. ex. professores, colegas, etc.): 65,3% considerou muito importante e 42% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentada foi mediano. Conhecer as pessoas que se relacionam com os filhos, no caso de imigrantes, torna-se essencial, pois essas pessoas

acabam exercendo o papel de família extensa, bem como, pode ser fator que contribui para a melhoria da relação entre pais e filhos. Esta rede social pode auxiliar a adaptação familiar no contexto social.

B6) Temos tempo para cuidar das necessidades individuais de nossos filhos: 67,3% considerou muito importante e 32,7% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi mediano. Este resultado apresenta a insatisfação dos pais quanto aos cuidados ou quanto ao desejo dos mesmos em melhorar os cuidados em relação aos seus filhos.

DO DOMÍNIO C - BEM-ESTAR EMOCIONAL

C1) Temos o suporte que precisamos para aliviar o estresse: 60% considerou muito importante e 22% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi baixo. Chamo a atenção aqui para a percepção do Japão como sendo considerado um local de trabalho pelo dekassegui. Ao manter essa percepção, associada a longa jornada de trabalho, o alívio do estresse pode não ser considerado prioridade na rotina familiar. Ao trabalharem pelas empreiteiras com remuneração baseada por horas trabalhadas, sem o direito aos benefícios previdenciários e férias, deixar de trabalhar representa não produzir, resultando em perdas monetárias que implicarão inquietação emocional. Assim, estar ausente do trabalho pode representar uma preocupação, muito mais do que um momento de relaxamento.

C2) Temos amigos e/ou outras pessoas que nos apoiam: 58,7% considerou muito importante e 38% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentada foi mediano. O suporte social satisfatório, dentro e fora da comunidade étnica, consiste em uma importante estratégia de desenvolver a adaptação sociocultural e psicológica, melhorando as estratégias de coping e, conseqüentemente,

a saúde como um todo. Nesta amostragem, o percentual de participantes que considerou este item como muito importante, foi relativamente pequeno. É possível levantar hipóteses como dificuldades nos relacionamentos com outros brasileiros ou, com japoneses, levando-os a buscar apoio dentro do núcleo familiar.

C3) Temos tempo para satisfazer nossos interesses: 51,3% considerou muito importante e 20,7% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi muito baixo.

C4) Contamos com algum tipo de ajuda fora da família para atender às nossas necessidades especiais (p. ex. em caso de separação, aniversário, perdas, etc.) e necessidades individuais: 44% considerou muito importante e 22% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi mediano.

DO DOMÍNIO D – BEM-ESTAR FÍSICO E MATERIAL

D1) Podemos obter tratamento médico quando precisamos: 69,3% considerou muito importante e 45,3% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi baixo. O resultado pode estar relacionado ao fato de muitas famílias brasileiras não estarem inscritas em planos de saúde.

D2) Podemos obter tratamento dentário quando precisamos: 68,7% considerou muito importante e 44% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi baixo.

D3) Contamos com transporte sempre que precisamos (ex. Para ir ao médico, escola, supermercado, etc.): 63% considerou muito importante e, 52,7% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentado foi mediano. Em geral, dadas as dificuldades dos dekasseguis quanto ao domínio da língua japonesa, as agências japone-

sas disponibilizam serviços de transportes aos trabalhadores brasileiros, do mesmo jeito que as escolas brasileiras providenciam transporte para o deslocamento dos estudantes.

D4) Estamos conseguindo sanar nossas despesas: 79,3% considerou muito importante e, 56% respondeu estar muito satisfeito. Este item correlaciona-se às condições socioeconômicas pré-migração. Por exemplo, se uma família experienciava situação econômica desfavorável antes de migrar para o Japão, mesmo que as metas econômicas não estejam sendo alcançadas, o parâmetro comparativo exerce influência satisfatória na percepção de satisfação.

D5) Sentimos segurança em casa, na escola, no trabalho e com nossa vizinhança (no Japão): 80,7% considerou muito importante e 52% respondeu estar muito satisfeito. O nível de correlação apresentada foi mediano. Em relação à violência, o Brasil é menos inseguro que o Japão. Entretanto, o senso de segurança está além da violência física, inclui o sentido de estabilidade em vários aspectos da vida social, como a segurança no trabalho. Embora o Japão não seja considerado um país violento, pode ser considerado instável no sentido de segurança social (p. ex. previdenciário). O senso de segurança é fator importante que atua na decisão de viver em um determinado local. É possível que o Japão seja sentido como um lugar seguro quanto aos aspectos físicos, mas inseguro quando se considera o senso de adaptação correlato às questões laborais, previdenciárias e do senso de liberdade que pode estar presente quando se domina a língua nativa.

Demais resultados, quando considerados os fatores Importância e Satisfação, bem como, sua correlação, foram constatados:

- Com exceção do item C4 - Contamos com algum tipo de ajuda fora da família para atender às nossas necessidades especiais (...), os demais itens foram considerados muito importantes para as famílias participantes.

- Os itens que apontaram maior índice de insatisfação foram as do domínio C - Bem-estar emocional.
- Os itens que apresentaram maior correlação entre importância e satisfação e, portanto, maior funcionalidade familiar, foram: A5 - Demonstramos afeto e preocupação uns com os outros e B4 - Ensinamos nossos filhos a fazer boas decisões.
- Os itens que apresentaram menor correlação entre importância e satisfação e, portanto, menor funcionalidade familiar, foram: A1 - Gostamos de passar o tempo juntos; B3 - Ensinamos nossos filhos como se comportar diante das pessoas; B6 - Temos tempo para cuidar das necessidades individuais de nossos filhos; C1 - Temos o suporte que precisamos para aliviar o estresse; D1 - Podemos obter tratamento médico quando precisamos; e D2 - Podemos obter tratamento dentário quando precisamos.

8.3 CONCLUSÃO

Com base nos resultados, concluiu-se que, a longa jornada dos pais interfere na qualidade de vida familiar, bem como, na educação e nos aspectos disciplinares. Os participantes também demonstraram problemas na ordem do cuidado com as necessidades específicas de seus filhos e, ainda, não se sentem seguros em relação à sua rede de apoio social. Insatisfação em relação ao acesso ao tratamento médico e odontológico também foram observados, bem como, o senso de carência de oportunidades para aliviar o estresse diário.

Os participantes demonstraram também que reforçam os laços familiares baseados no afeto e amor e contudo, não dispõem de tempo para usufruírem do contato familiar quantitativamente. Famílias imigrantes necessitam do apoio uns dos outros na adaptação ao novo meio. O suporte familiar consiste em importante *coping* coletivo com função

auxiliar no processo adaptativo, através do engajamento conjunto na resolução de demandas adaptativas, levando-as a desenvolverem orientação aculturativa desejável e que resulta no bem-estar físico, emocional e no sucesso do processo de imigração.

Os participantes dessa pesquisa demonstraram insatisfação, especialmente nos itens B6 e C3, caracterizando *coping* familiar insatisfatório. Considera-se a importância do *coping* familiar no contexto adaptativo, uma vez que este auxilia na redução do estresse no indivíduo (Tietjen, 1994; Wong et al., 2006; Yeh et al., 2006).

Levanta-se aqui a hipótese de que essas famílias podem estar experienciando um alto nível de estresse aculturativo. Para investigar essa hipótese, uma pesquisa qualitativa poderia ser empregada, a fim de conhecer a condição de saúde emocional, a qualidade da relação conjugal, a relação parental, fatores correlatos à qualidade do funcionamento familiar. Problemas adaptacionais nos filhos podem receber influências disciplinares e da qualidade relacional com seus pais (Braz et al., 2005; Kagitçibasi, 2006).

Dentre outras condições que exercem influência nos padrões adaptativos, citam-se as variáveis socioculturais e econômicas pré-migratórias e questões conjugais. Estudos anteriores, por exemplo, correlacionam divórcio e migração (Padilla & Borrero, 2006).

Assim, com o propósito de investigar a qualidade de vida da família brasileira no Japão e seus padrões adaptativos, segue a próxima pesquisa como parte final desta etapa dos meus estudos.

ESTRESSE ACULTURATIVO EM FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO

9.1 PROBLEMÁTICA E OBJETIVOS

9.1.1 PROBLEMÁTICA

Os brasileiros no Japão encontram-se em condições sociais e emocionais ansiogênicas, longe de seus amigos e parentes, trabalhando em condições instáveis, incertos quanto aonde viver definitivamente e sem fixar residência em nenhum dos dois países, Japão e Brasil. Deduz-se, assim, que essas condições os predisõem a vivenciar forte sensação de estresse. Assumindo-se que os mesmos passam por essas experiências: como eles lidaram com o estresse? Quais os sintomas predominantes no grupo? Que tipo de *coping* foi utilizado? São questões como essas que foram levantadas neste estudo. todo o sistema em questão.

9.1.2 OBJETIVOS

- a) Estrutura familiar: caracterizar a composição familiar.
- b) Migração transnacional: compreender a percepção dos participantes quanto a migração transnacional.
- c) Sistema familiar: conhecer as características da dinâmica familiar apresentadas pelos participantes.

d) Estresse aculturativo: identificar os eventos estressores na percepção familiar e de que maneira lidam com os referidos eventos. Ainda, identificar possíveis sintomas correlatos ao estresse aculturativo.

e) *Coping*: investigar os estilos de coping utilizados pelos participantes.

9.2 METODOLOGIA

9.2.1 DOS PARTICIPANTES

Famílias brasileiras residentes no Japão que participaram dos estudos descritos no Capítulo 8. Dentre a amostra total, foram selecionadas 30 famílias, dentre as 53 que preencheram a folha de rosto, voluntariando-se para uma possível futura entrevista.

9.2.2 DA CONTEXTUALIZAÇÃO DE FAMÍLIA

A definição de família usada neste estudo se baseou na Teoria de Sistemas Familiar, que considera que o acesso a um único membro da família poderá apresentar informações importantes sobre os aspectos dinâmicos e o reconhecimento do sistema familiar como um todo.

9.2.3 DAS QUESTÕES ÉTICAS

Este estudo foi previamente submetido e aprovado pelo Conselho de Ética da Nagoya City University - Graduate School of Humanities and Social Sciences.

9.2.4 DA DURAÇÃO E LOCAL DAS ENTREVISTAS

Cada entrevista teve a duração de 90 a 120 minutos. Das 30 entrevistas, 29 ocorreram na residência dos participantes e 1, no local de trabalho.

9.2.5 DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados ocorreu no período de agosto a dezembro do ano de 2007.

9.2.6 DA APROXIMAÇÃO UTILIZADA PARA ENTREVISTAS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma matriz de entrevista semiestruturada. Optou-se por esse modelo, pois nele o contexto da entrevista se torna vital, uma vez que permite uma interação mais aberta entre entrevistador e entrevistado. Cuidou-se aqui para que as aproximações se dessem por perguntas gerais até tópicos mais específicos, à medida que o vínculo entre entrevistador e entrevistado – ou entrevistados –, se fortalecia.

O modelo semiestruturado também permite o surgimento de questões não descritas *a priori* na matriz e, ainda, permite-nos ir além dos conteúdos manifestados, transcendendo informações que podem ser fundamentais para o conhecimento da problemática.

Demais vantagens da entrevista semiestruturada incluem, ser menos invasiva, fortalecer o *rapport* entre entrevistador e entrevistado, a oportunidade de obter mais informações do que o planejado e a possibilidade de uso nas entrevistas individual ou em grupo. A fim de melhorar a coleta de dados da entrevista, cuidados como evitar expressar opiniões pessoais e utilizar abordagem fenomenológica no processo, são sugeridos e foram seguidos nesse trabalho.

9.2.7 DA APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA

A abordagem fenomenológica foi utilizada visando a potencializar o *rapport* entre entrevistador e entrevistado. Durante as perguntas, buscou-se afastar intervenções que levassem a respostas reducionistas e permitissem conhecer o que, como ocorreu, quando aconteceu, evitando-se o uso do por que, e centralizando a entrevista na pessoa ou nas pessoas entrevistadas e não na matriz seguida.

9.2.8 DA ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O processo de análise das entrevistas seguiu os cuidados abaixo:

1) As entrevistas foram realizadas na língua portuguesa, gravadas em fita após a anuência dos participantes e, posteriormente, as informações foram transcritas, literalmente, para a língua japonesa, a fim de registrá-las na tese em elaboração.

2) A normatização da definição de estresse aculturativo baseou-se nos estudos anteriores sobre o tema, considerando os critérios: baixo nível de proficiência em língua japonesa; ausência ou suporte social insatisfatório; poucos anos de escolaridade; relato de experiência de ansiedade elevada; características disfuncionais na família; *status* de imigração (legal ou ilegal); crenças pré-migratórias; não manifestação de fé; não participação em atividades religiosas (considerado suporte social em estudos anteriores) e; orientações aculturativas assimilativas e marginalizativas. Correlacionou-se esses fatores com o estresse aculturativo seguindo os indicadores: Presença de 1 a 3 fatores=baixo nível de estresse aculturativo; presença de 4 a 5 fatores=nível mediano de estresse aculturativo; presença de 6 a 11 fatores=alto nível de estresse aculturativo.

3) Sintomas somáticos, como perda de cabelo, bruxismo, exaustão, manifestações infecciosas recorrentes, variação súbita de peso, cefaleias, enxaqueca e insônia, foram correlacionadas a sintomas potenciais de estresse aculturativo.

9.2.6 DA MATRIZ E HIPÓTESES PARA AS ENTREVISTAS

A matriz de entrevista fora preparada com base em estudos anteriores (Berry et al., 1990, 2002; Stone et al., 2005; Hovey, 1999, 2000; Noh et al., 2003; Haase, 2006; Finch et al., 2003; Thomas, 1995) e foi composta de 33 itens divididos em 5 domínios: Domínio A (Estrutura Familiar), Domínio B (Migração Transnacional), Domínio C (Sistema Fa-

miliar), Domínio D (Estresse Aculturativo) e Domínio E (Coping). Hipóteses para cada uma das questões foram desenvolvidas com base no referencial teórico (Berry et al., 1990, 2002; Stone et al., 2005; Hovey, 1999, 2000; Noh et al., 2003; Haase, 2006; Finch et al., 2003; Thomas, 1995; Yano, 2006; Portes, 2001; Fonseca, 2002; Lipp, 2001; Falicov, 2005; Nakagawa, 2004).

9.3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Domínio A – ESTRUTURA FAMILIAR

A1: ESTRUTURA FAMILIAR – NUCLEAR OU EXTENSA

Das 30 famílias entrevistadas, 28 eram famílias nucleares formadas por pais e filhos e 2 famílias apresentaram características de família extensa e eram formadas pelos pais, filhos, tios e avós. A maioria das famílias eram formadas por pais com 2 filhos. Essas características seguiram os mesmos padrões observados nas famílias latinas residentes nos EUA (Stone et al., 2005). Ainda, em 15 famílias, a mãe era nipo-descendente; em 1 delas, o pai era nipo-descendente e em 5, pai e mãe eram nipo-descendentes. A maioria das famílias vivia no Japão com todos os filhos e, alguns deles, nasceram e cresceram no Japão. Em 5 das famílias entrevistadas pelo menos 1 dos filhos estava vivendo no Brasil.

Domínio A – ESTRUTURA FAMILIAR

A2: IDADE DOS PAIS

Em se tratando da faixa etária da mãe, nas famílias entrevistadas: em 1 família, dos 20 a 25 anos; 3 famílias, dos 26 a 30 anos; em 5 famílias, de 31 a 35 anos; em 2 famílias, 36 a 40 anos; em 11 famílias, a faixa etária materna foi de 41 a 45 anos; em 7 famílias foi acima dos 45 anos. Quanto a faixa etária do pai: em 2 famílias compreendeu dos 26 à 30

anos; em 5 famílias foi de 31 a 35 anos; em 8 famílias, de 41 a 45 anos; em 6 famílias foi acima dos 45 anos. Com base nesta amostragem, a faixa etária materna, de maneira geral, foi maior que a paterna.

Domínio A – ESTRUTURA FAMILIAR A3: ATIVIDADE PROFISSIONAL DOS PAIS

A maioria dos pais nas famílias participantes trabalhava em linhas de montagem de fábricas de peças automotivas ou em fábricas de componentes eletrônicos no Japão. Foram contratados através de agências de emprego terceiradas e não possuíam, antes da migração, experiência laboral como operários de fábrica. Do total de 57 participantes, considerando pai e mãe em cada família, 1 trabalhava como cabeleireiro, 2 como cozinheiros, 1 como cuidador em creche brasileira, 1 como professor de escola brasileira e 53 como operários de fábrica.

Domínio A – ESTRUTURA FAMILIAR A4: IDADE E ESCOLARIDADE DOS FILHOS

Do total das 30 famílias entrevistadas, o número total de filhos foi de 54. Em relação a amostragem total N=54, a faixa etária dos filhos foi: de 0 a 5 anos = 9; de 6 a 10 anos = 8; de 11 a 15 anos =19; de 16 a 20 anos=9; de 20 a 25 anos=4; e mais de 26 anos=5. Com base nestes resultados, conclui-se que a maioria da amostra foi de adolescentes. Dos filhos em idade escolar, a maioria estava matriculada em escola brasileira; em 2 famílias, 1 dos filhos estava matriculado em escola pública japonesa. Ainda, filhos menores estavam sendo cuidados em creche administrada por brasileiros. Duas famílias apresentaram filhos que trabalhavam na fábrica meio período, a fim de ajudar financeiramente a família. Uma das famílias com 2 filhos que estavam no Ensino Médio

manifestou o desejo de encami-nhá-los ao Brasil para progressão ao Ensino Superior.

Contudo, esta resposta não foi padrão, uma vez que um relato comum entre os pais em situação semelhante, com filhos adolescentes e no Ensino Médio, foi de receio em mandar o filho sozinho ao Brasil para cursar o Ensino Superior. Ainda, 2 famílias, possuíam filhos que abandonaram os estudos para trabalhar na fábrica. Percebeu-se em uma família que 1 dos filhos que era da quarta geração – ionsei, e com idade acima de 18 anos, foi impossibilitado de acompanhar a família ao Japão, uma vez que, a obtenção do visto de residente de longo termo no Japão, para nipo-descendentes, restringia-se a brasileiros até 4ª geração com idade inferior a 18 anos.

Domínio A – ESTRUTURA FAMILIAR

A5: ESTADO CIVIL E EXPERIÊNCIA MARITAL

Na amostragem total de 57 participantes, pais e mães, 47 deles vivenciavam a primeira união marital e 10 possuíam experiência de casamento anterior e divórcio no Brasil ou no Japão. Ainda, das 30 famílias investigadas, 5 formaram-se no Japão, após a experiência de migração. Considera-se, com base em estudos das famílias latinas nos EUA, que a experiência de migração expõe o casal ao risco de divórcio. Entretanto, esse padrão não foi verificado nesta amostragem que, inclusive, esteve abaixo da média nacional brasileira (Fonseca, 2002).

Domínio A – ESTRUTURA FAMILIAR

A6: NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS

Na amostragem total de 57 participantes, pais e mães, 4 não haviam concluído o Ensino Fundamental; 8 possuíam Ensino Fundamental completo; 2 possuíam Ensino

Médio incompleto; 32 concluíram o Ensino Médio; 5 Ensino Superior incompleto e 6 completaram o Ensino Superior. A formação mais elevada foi de ensino superior em 10,5% da amostra. Este resultado esteve acima da média nacional brasileira no período investigado.

Domínio B – MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL

B1: TEMPO DE RESIDÊNCIA E EXPERIÊNCIA DE RETORNO AO BRASIL

Um comportamento padrão percebido aqui foi o de retorno ao Brasil, pelo menos uma vez, no período de 4 anos, seguindo a tendência de repetir o ciclo migração – retorno ao Brasil – repetição da migração. Das famílias entrevistadas, 11 relataram ter retornado ao Brasil, pelo menos uma vez, para permanência definitiva no país e que, por problemas na readaptação, foram “empurrados” ou escolheram retornar ao Japão. Em uma das famílias, foi relatado 6 retornos “definitivos” no período de 15 anos e, que todos eles fracassaram.

Dentre os problemas relacionados a readaptação no Brasil, o mais citado foi a diferença salarial entre os dois países. Os participantes relataram dificuldades em manter padrão de vida familiar equivalente ao que vivenciavam no Japão. Essas dificuldades foram, essencialmente, dificuldades materiais. Viver no Japão, mesmo que não estivessem conseguindo poupar como imaginaram antes de migrar, representa certa estabilidade financeira e, em comparação às experiências anteriores à migração, um maior poder aquisitivo em relação ao que tinham no Brasil. Ainda, alia-se a isso, o processo readaptativo no Brasil, que significa o “começar do zero” e o investimento, mais uma vez, de uma série de sacrifícios pessoais como encontrar uma nova fonte de renda, ajustar a educação dos filhos, garantir o plano de saúde da família, dentre outros. Essas variáveis, tendem a empurrar as famílias, mais uma vez, para o Japão. Outra variável que

interfere diretamente na fonte de renda, e que foi, bastante citada pelos entrevistados, foi a defasagem profissional. Pais com alguma formação técnica ou acadêmica em nível superior, relataram a dificuldade em conseguir trabalho em suas áreas no Brasil, pelo fato de estarem afastados destas durante todo período de residência no Japão como trabalhador *blue-collar*.

Domínio B - MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL B2: MANUTENÇÃO DOS VÍNCULOS COM PARENTES E AMIGOS QUE FICARAM NO BRASIL

Os participantes relataram manter contato com familiares e/ou amigos que permaneceram no Brasil, por telefone, pelo menos uma vez a cada quinze dias. Ainda, expressaram o desejo de preservar estes vínculos, especialmente, os vínculos familiares, mesmo a distância, através do contato regular. Entretanto, o discurso dos mesmos incluiu o sentimento de tristeza por perceberem que a qualidade destes sofre em razão da distância e do passar dos anos. Esta rede social influencia a readaptação, uma vez que garante o suporte social no retorno. Dentre outros aspectos expressados pelos entrevistados, sobre a aproximação com os parentes que estão no Japão, a dedicação de muitas horas ao trabalho foi variável a atrapalhar na frequência desse contato. Outro ponto foi a descrição do papel da internet (e-mail e redes sociais) como ferramentas que os ajudam a manter os vínculos afetivos com aqueles que estão distantes, fazendo com que o Brasil pareça geograficamente mais próximo.

Domínio B - MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL B3: INTENÇÃO DE RESIDÊNCIA

Os pais relataram que não intencionam viver no Japão definitivamente, desejando retornar ao Brasil algum dia.

Percebeu-se, ainda, que essa intenção não correlaciona-se diretamente ao tempo de residência no Japão. Independente do tempo que os mesmos estão no país, este desejo parece permanecer. Para eles, o Japão possui um sentido de local de residência temporária, um local para se trabalhar e não um local para se morar. Entretanto, quando esta intenção é sobre o desejo dos filhos, as respostas divergem. Percebeu-se nos filhos, por relato direto ou indireto (relato dos pais) uma tendência ao desejo de viver no Japão definitivamente.

Mesmo que estes jovens estejam matriculados em escola brasileira no Japão, em geral, não dominam o idioma local e mantêm uma rede social com amigos brasileiros nas mesmas condições, ou seja, filhos de dekasseguis no Japão. Soma-se a isso, o fato de que eles possuem pouca experiência de vida no Brasil, o que faz do país, um ambiente estranho.

Domínio B – MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL

B4: VIVENDO ENTRE DOIS PAÍSES – PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS

A maioria significativa dos participantes relatou sua condição de vivência entre dois países como algo difícil. Para estes, o que faz essa experiência difícil, é o fato de não estar junto com os parentes, expressando sua vinculação emocional por meio de telefone e internet e, ao mesmo tempo, não poderem compartilhar de momentos importantes para a família, como as festividades de final de ano, comemoração de aniversários e apoio em situações de crise. O medo da perda de pessoas queridas e a impossibilidade de estarem próximos nos momentos de necessidade também foram relatados como sofrimento. Destaco que este item em particular emocionou muitos dos participantes, que o relataram com lágrimas nos olhos.

Retornar ao Brasil, ou pensar em retornar ao Brasil,

traz à tona sentimentos de perda em relação às experiências vivenciadas no Japão e dos laços criados no país.

Os participantes, mais especificamente os pais, relataram a sensação de divisão, material e emocional, especialmente, entre o senso de segurança material no Japão e o desejo de retornar ao seu lar de “coração”, o Brasil. Um outro conflito refere-se ao desejo dos pais em regressar ao Brasil para que os filhos continuem seus estudos – uma vez que estão em escola brasileira, e ao desejo dos filhos em viver no Japão, país onde eles viveram parte significativa de suas vidas ou onde nasceram.

De acordo com Falicov (2005), filhos de imigrantes herdaram de seus pais a descrição sobre o país de origem. De fato, quantitativamente, o Brasil foi pouco experienciado para ser tomado como referência para os filhos. Para estes, o Brasil é conhecido pelas visitas esporádicas, pelo saudosismo e esperança de seus pais, pela internet, pela televisão (TV via satélite), mas pouco por experiência direta.

Se por um lado viver entre dois países pode oportunizar a ampliação dos horizontes pessoais e da rede social, dependendo das circunstâncias, essa condição pode diminuir ambas. Se a rede social no país de residência – o Japão –, não for satisfatória e, ao mesmo tempo, os vínculos originais que estão no Brasil se enfraquecem, tem-se uma condição oposta que é a de reduzir a rede social e, com isso, reduzir a rede de suporte social.

TABELA 6: VIVENDO ENTRE DOIS PAÍSES - PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS

FAMÍLIA 1	Para mim é difícil adaptar no Japão.
FAMÍLIA 2	O Japão é familiar para mim.
FAMÍLIA 3	O Japão é parte de mim agora, mas...
FAMÍLIA 4	Quero me readaptar no Brasil.
FAMÍLIA 5	Me sinto triste por estar longe dos meus parentes no Brasil.
FAMÍLIA 6	Quero rever minha família que tá no Brasil.
FAMÍLIA 7	Não tenho amigos no Japão.
FAMÍLIA 8	Sinto saudade da minha família que está no Brasil.
FAMÍLIA 9	Me acostumei a viver no Japão.
FAMÍLIA 10	Nossos filhos gostam de viver no Japão.
FAMÍLIA 11	Eu comprei uma casa no Brasil mas daí, tive que voltar para o Japão.
FAMÍLIA 12	É doloroso ficar longe da família que ficou no Brasil.
FAMÍLIA 13	É difícil viver separada do meu filho que ficou no Brasil.
FAMÍLIA 14	Sinto que a relação com o pessoal de lá (Brasil) tá enfraquecendo.
FAMÍLIA 15	Eu me sinto isolado no Japão.
FAMÍLIA 16	É complicado ficar separado da família que está no Brasil.
FAMÍLIA 17	Eu me sinto bem no Japão, mas eu me preocupo com os estudos dos meus filhos.
FAMÍLIA 18	O Japão é um país seguro. Mas o Brasil é o meu país.
FAMÍLIA 19	Eu tenho os dois: a alegria dos brasileiros e a seriedade dos japoneses.
FAMÍLIA 20	Graças a Internet e ao telefone, eu me sinto pertinho dos parentes no Brasil.
FAMÍLIA 21	Quando não damos conta de pagar nossas despesas no Brasil, voltamos para o Japão. O Japão se tornou, sei lá, uma porta mais fácil de abrir na hora do "aperto".
FAMÍLIA 22	Quero fazer dinheiro no Japão e me aposentar no Brasil.
FAMÍLIA 23	Todos os dois países têm coisas boas e ruins.
FAMÍLIA 24	A vida no Japão é difícil para mim, porque eu não falo japonês.
FAMÍLIA 25	Quando estamos no Japão, temos saudade do Brasil. Quando estamos no Brasil, sentimos saudade do Japão.
FAMÍLIA 26	Eu me sinto bem no Japão, mas não consigo tirar o Brasil da minha cabeça.
FAMÍLIA 27	Meu coração ficou no Brasil.
FAMÍLIA 28	Eu me acostumei com o Japão, mas eu quero morar no Brasil.
FAMÍLIA 29	Eu me lembro de muita coisa que passei no Brasil mas, eu consegui muita coisa vindo para o Japão.
FAMÍLIA 30	O que me preocupa é minha família que ficou no Brasil.

.....
Fonte: Recortes do autor

Domínio B – MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL

B5: ONDE O LAR ESTÁ?

Os participantes relataram que sentem o Brasil e, ao mesmo tempo, onde suas famílias estão, como “lar”. Mesmos aqueles que adquiriram uma casa no Japão demonstraram intenção de, um dia, regressar ao Brasil. A aquisição, neste caso, de bem material no país, baseia-se na noção de investimento, mais do que o símbolo de uma intenção de permanência definitiva. O desejo de retornar e viver “uma vida feliz” no Brasil, foi um relato predominante. E, no sentido de fazer com que esse desejo se realize no futuro, o sacrifício, é visto como uma ponte – uma longa ponte –, necessária a se atravessar no presente. Ainda, percebeu-se a importância atribuída à família e à relação desse afeto com o sentido de lar. Assim, o lar, muito mais que um território, foi descrito como o lugar da vivência dos laços afetivos.

Domínio C – SISTEMA FAMILIAR

C1: A COMUNICAÇÃO ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA

A comunicação entre os membros da família, quantitativamente, 15 famílias relataram pouca oportunidade de conversar em razão do pouco tempo. Contudo, também foi frequente a expressão da valorização destes momentos, que, embora sejam poucos, são significativos para os membros. O valor atribuído pelas famílias ao quesito comunicação foi elevado. É possível sugerir que a vivência como grupo minoritário, isolado, dentro da sociedade japonesa e com rede social limitada, motive as famílias a se unirem e a buscar em seu núcleo a resolução para os problemas cotidianos, tornando-se, assim, o grupo de suporte predominante para esses imigrantes.

TABELA 7: COMUNICAÇÃO ENTRE OS MEMBROS DA FAMÍLIA

FAMÍLIA 1	Ultimamente, temos feito horas-extras até as 21h. Não tenho como aproveitar com a família como eu queria. Quando chego em casa já estão dormindo. Trabalho até aos sábados.
FAMÍLIA 2	Conversamos pouco, apenas sobre coisas básicas. Não temos tempo.
FAMÍLIA 3	Conversamos muito.
FAMÍLIA 4	A gente conversa durante o jantar.
FAMÍLIA 5	Meu turno não coincide com o do meu marido. Quando eu volto para casa, nos vemos um pouco, daí ele sai para trabalhar.
FAMÍLIA 6	Sempre conversamos sobre nosso relacionamento.
FAMÍLIA 7	Não tenho tempo para falar com minha filha. Faço 4 horas-extras por dia. Quando eu chego em casa, ela tá dormindo. Pela manhã, a pessoa da creche vem em casa buscá-la bem cedo.
FAMÍLIA 8	Conversamos muito, rimos muito. Tempo não é problema para a gente. A gente cria.
FAMÍLIA 9	Não temos tempo para conversar todo dia, então nos falamos pouco.
FAMÍLIA 10	Faço 3 horas-extras todo dia. Fica difícil arrumar tempo para conversar.
FAMÍLIA 11	Meu filho conversa muito comigo. Talvez, porque a gente viveu separado por um tempo quando eu e o pai dele viemos para o Japão e ele ficou. Minha filha já não é muito de conversar.
FAMÍLIA 12	Faço horas-extras todos os dias. Não sobra tempo para nada.
FAMÍLIA 13	Hoje foi meu dia de folga, mas eu trabalho muito todos os dias e não tenho tempo para ficar com minha família.
FAMÍLIA 14	Só dá para conversar no final de semana, porque na semana trabalhamos muito.
FAMÍLIA 15	Como a minha mulher não está trabalhando agora, a gente tem mais tempo para conversar.
FAMÍLIA 16	A gente só fala de coisas bem básicas, porque não dá tempo para ficar com a família.
FAMÍLIA 17	A gente conversa muito. Mesmo quando não temos tempo nós criamos esse tempo.
FAMÍLIA 18	Eu chego da fábrica cansada. Minha filha chega da escola cansada. Não conversamos.
FAMÍLIA 19	Conversamos e brigamos (risos), muito.
FAMÍLIA 20	Conversamos muito, inclusive, todos os dias com a minha filha que ficou no Brasil pela Internet.
FAMÍLIA 21	Eu converso com minha filha, mas ela não me escuta. Ela parece estar num lugar distante todo o tempo. Tenho dificuldades em entender minha filha.
FAMÍLIA 22	Um dia desse minha filha (que está no Brasil) me disse: a gente conversa mais agora quando estívamos juntas no Brasil. Converso muito com meu filho que vive comigo também.
FAMÍLIA 23	Quando temos tempo, procuramos conversar. Quando estou na fábrica, ligo duas vezes por dia para meus filhos para checar se está tudo bem com eles.
FAMÍLIA 24	Eu e meu marido fazemos muitas horas-extras e assim, não temos tempo para conversar.
FAMÍLIA 25	Meu marido e eu trabalhamos na mesma fábrica, assim, a gente passa muito tempo juntos e conversamos bastante durante os intervalos.
FAMÍLIA 26	Durante os dias de trabalho fica difícil conversar. Fico na fábrica, o dia todo, ouvindo as outras pessoas falando da novela e isso me deixa entediada e mais cansada. Quando eu chego em casa, não quero ouvir nada nem ninguém. Só quero descansar do longo dia.
FAMÍLIA 27	Acho a comunicação em casa muito boa. Converso muito com meus filhos.
FAMÍLIA 28	Raramente conversamos. Eu e meu marido fazemos muitas horas-extras e não temos tempo.
FAMÍLIA 29	Não conversamos. Meu marido faz muitas horas-extras.
FAMÍLIA 30	Falamos quando é possível. Em geral, não temos tempo nem disposição para isso.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio C – SISTEMA FAMILIAR

C2: O SUPORTE FAMILIAR NA DIVISÃO DE TAREFAS

A grande maioria das famílias relatou compartilharem as funções de casa. Entretanto, a maior parte das atividades domésticas são executadas pelas mães e pelas filhas adolescentes. Nesse caso, as mães assumem as duas funções, a do cuidado com a casa e o trabalho na fábrica. A explicação mais comum entre os relatos apresentados é a de que o pai passa mais tempo na fábrica realizando horas-extras. Assim, os cuidados da casa, essencialmente, são assumidos pela mãe. No que se refere ao apoio quanto à educação dos filhos, na ajuda quanto às tarefas de casa da escola, por exemplo, a maioria das famílias alegou ausência de tempo para atender a essa demanda.

Domínio C – SISTEMA FAMILIAR

C3: AS CONDIÇÕES ECONÔMICAS

Os participantes apresentam como padrão conseguir manter as despesas sob controle, mas não conseguir economizar e poupar dinheiro para o retorno ao Brasil. Em geral, acreditaram que, em período mais curto que o imaginado, conseguiriam juntar economias no Japão para retornar ao Brasil. O fato de estarem no Japão, em família, dificultou a tão sonhada poupança para o retorno mais breve. Assim, estenderam a permanência no Japão por muito mais tempo do que imaginado antes de migrar. Duas famílias relataram, ainda, estarem pagando, após meses no Japão, as despesas com as passagens aéreas junto à agência que os contratou. Assim, encontravam-se endividados no Brasil – o que provocou a migração –, agora estavam endividados no Japão também. As despesas familiares foram citadas como “no limite”. Para compensar essa situação, a realização de longa jornada laboral tornou-se uma saída para manter as despe-

sas de casa. As condições laborais incluíram a realização de muitas horas – ou busca –, de horas-extras e arbeit (refere-se, no Japão, a trabalho de meio-período ou temporário), não recebendo bônus ou outro auxílio para descanso remunerado como férias. Ao se considerar as questões subjetivas desta situação, percebeu-se que elas recebem influência direta das crenças pré-migratórias. Em outras palavras, quanto pior era a situação no Brasil, melhor tende a ser vista a vida no Japão.

TABELA 8: AS CONDIÇÕES ECONÔMICAS

FAMÍLIA 1	Estamos conseguindo manter nossas despesas, mas a gente não consegue economizar para atingir nossas metas.
FAMÍLIA 2	Bom, as despesas estão sob controle, mas no limite, para coisas básicas.
FAMÍLIA 3	Gastamos muito com tratamento médico e ainda não conseguimos juntar nada para voltar.
FAMÍLIA 4	As despesas estão ok., mas a gente não consegue juntar dinheiro.
FAMÍLIA 5	Para se manter, tá tudo bem...
FAMÍLIA 6	Não conseguimos juntar dinheiro.
FAMÍLIA 7	Não temos nenhum problema financeiro hoje.
FAMÍLIA 8	No Japão, depende da época. Quando fazemos muitas horas-extras tiramos bem. Mas, quando a produção da fábrica não está boa, recebemos mal. Então é muito instável.
FAMÍLIA 9	As despesas estão bem, mas a gente ainda está pagando a passagem para cá (há quase 2 anos no Japão).
FAMÍLIA 10	As despesas estão Ok. Estamos dando conta. Mas juntar dinheiro não.
FAMÍLIA 11	Estamos conseguindo viver, mas ainda temos dívidas no Brasil.
FAMÍLIA 12	Estamos conseguindo pagar as contas.
FAMÍLIA 13	Está dando para viver.
FAMÍLIA 14	Dá para se manter.
FAMÍLIA 15	As contas estão pagas, mas a minha mulher não está trabalhando, ficou bem apertado agora.
FAMÍLIA 16	As contas estão pagas.
FAMÍLIA 17	A gente consegue manter as despesas.
FAMÍLIA 18	Meu filho parou de trabalhar para tirar carta de motorista. Nesses 3 meses, estamos vivendo no limite.
FAMÍLIA 19	As despesas estão estáveis.
FAMÍLIA 20	A gente consegue pagar, mas para isso, trabalhamos muito. Aqui, se temos saúde, as despesas ficam controladas.
FAMÍLIA 21	A gente ainda não conseguiu pagar as passagens, porque voltamos para o Japão há 1 ano.
FAMÍLIA 22	As contas estão sendo pagas, mas não economizamos.
FAMÍLIA 23	A gente não consegue poupar. A gente gasta mais de 100 mil ienes em educação para os meninos.
FAMÍLIA 24	A gente consegue juntar bem pouquinho.
FAMÍLIA 25	Conseguimos pagar as contas.
FAMÍLIA 26	As despesas estão controladas.
FAMÍLIA 27	Graças a Deus, a gente tá conseguindo pagar as contas.
FAMÍLIA 28	Pagar contas sim. Juntar não.
FAMÍLIA 29	As despesas este mês ultrapassaram nosso limite, porque tivemos que pagar a conta da maternidade.
FAMÍLIA 30	Meu marido ficou deprimido e voltou para o Brasil por um tempo para receber tratamento. Por isso, as condições financeiras hoje não são boas.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio C – SISTEMA FAMILIAR
C4: CONCORDÂNCIA E DISCORDÂNCIA QUANTO À
DECISÃO DE MIGRAR

Das 30 famílias entrevistadas, 20 relataram decisão consensual quanto à migração. As famílias com membros que discordavam da migração apresentaram algum tipo de tensão em suas relações. A concordância em família quanto à decisão de vir ao Japão correlacionou-se ao maior suporte familiar e pareceu estimular a adaptação funcional da família ao ambiente, uma vez que todos os membros parecem se engajar, juntos, na resolução dos problemas. Quando isso não ocorre, aquele que escolheu migrar torna-se o responsável pelos resultados do processo, levando-o a experimentar alto nível de estresse. Em se tratando dos filhos, percebeu-se aqui três situações: 1) apresentam alguma resistência quanto à decisão de migrar, a relação entre pais e filhos pode ser afetada (família 11); 2) pais e filhos são separados pelo processo de migração, o reencontro deles também tende a ser delicado e envolverá uma reestruturação familiar; 3) os filhos que nasceram no Japão tendem a discordar dos pais quando há decisão de retornar ao Brasil definitivamente e o desejo dos filhos pareceu exercer grande influência na decisão dos pais em prolongar sua permanência no país.

TABELA 9: CONCORDÂNCIA E DISCORDÂNCIA QUANTO À DECISÃO DE MIGRAR

FAMÍLIA 1	Não queria vir para o Japão, mas meu marido não conseguiu emprego no Brasil.
FAMÍLIA 2	Todos concordamos em vir.
FAMÍLIA 3	Nós (pais) decidimos juntos vir para o Japão.
FAMÍLIA 4	Nós (pais) decidimos. Nossos filhos eram muito pequenos.
FAMÍLIA 5	Eu dei a ideia (mãe) e os outros concordaram.
FAMÍLIA 6	Nós (pais) decidimos juntos.
FAMÍLIA 7	Minha ex-mulher (divorciou-se no Japão) não queria vir, pelo menos no início. Depois ela concordou.
FAMÍLIA 8	A primeira vez eu concordei (mãe). Da segunda vez não.
FAMÍLIA 9	Família constituída no Japão.
FAMÍLIA 10	Família constituída no Japão.
FAMÍLIA 11	Nós decidimos vir (pais), mas nossos filhos não. Eles vieram obrigados para o Japão e até hoje falam disso.
FAMÍLIA 12	A primeira vez que eu vim para o Japão, minha mulher concordou comigo.
FAMÍLIA 13	Eu (mãe) não queria vir para o Japão. Tinha medo da viagem, de andar de avião. Mas eu resolvi enfrentar o medo.
FAMÍLIA 14	Eu não concordei (mãe). Minha filha ainda era um bebê e eu a deixei no Brasil com minha irmã (choro). Foi muito difícil me separar dela (após um ano, a filha se juntou aos pais no Japão).
FAMÍLIA 15	Minha esposa concordou comigo. No Brasil não estávamos conseguindo pagar nossas despesas e não tínhamos outra escolha a não ser vir trabalhar no Japão.
FAMÍLIA 16	Meu marido decidiu e eu concordei com ele. Foi bem difícil, meus filhos eram pequenos.
FAMÍLIA 17	Nós (pais) decidimos juntos.
FAMÍLIA 18	Todo mundo concordou.
FAMÍLIA 19	Nós (pais) decidimos juntos.
FAMÍLIA 20	Minha filha não queria vir para o Japão. Então, explicamos (pais) para ela nossa situação, e prometemos a ela que a matricularíamos em escola brasileira aqui e foi aí que ela aceitou.
FAMÍLIA 21	Toda a família concordou. Quando temos decisões importantes, consultamos uns aos outros.
FAMÍLIA 22	Quando vim ao Japão pela primeira vez, meu ex-marido apoiou. Eu o consultei, porque iria migrar com meu filho e ele concordou.
FAMÍLIA 23	Decidimos vir para o Japão juntos, porque no Brasil era muito difícil encontrar um trabalho que pagasse tão bem quanto aqui.
FAMÍLIA 24	Todos concordamos.
FAMÍLIA 25	Nós (pais) decidimos juntos.
FAMÍLIA 26	Nós (pais) decidimos juntos.
FAMÍLIA 27	Nós (pais) decidimos juntos.
FAMÍLIA 28	A família tomou a decisão.
FAMÍLIA 29	Eu era muito jovem e imatura. Eu pensei: se fosse para o Japão poderia ajudar meu pai que estava trabalhando aqui e ele poderia voltar mais cedo para o Brasil. Mas, tudo mudou e meu pai acabou morrendo no Japão.
FAMÍLIA 30	Foi meu marido quem decidiu migrar. Eu não queria vir.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO D1: ALCANCE DAS METAS MIGRATÓRIAS

Em se tratando das metas definidas e que motivaram a migração, das 30 famílias, 25 apresentaram relatos de que os planos não sucederam conforme haviam planejado. Contudo, isto não representa, pelo menos não para a maioria, a percepção de fracasso ou arrependimento pelo projeto migratório. A grande maioria expressou que pretendia conseguir alcançar metas financeiras, especialmente, para a compra de imóvel ou para o início de um negócio familiar no Brasil em um curto período de tempo (média de 2 anos), mas que vários acontecimentos foram abrindo outros caminhos e mudando os planos e as crenças que tinham antes da migração acerca da vida no Japão. Aqueles que retornaram para o Brasil para se engajar em um negócio próprio pareceram ter falhado, principalmente, por não possuírem *know-how* naquilo que investiram. A crença de que possuir dinheiro e força laboral seriam ingredientes suficientes para o sucesso nos negócios parece ter estimulado o investimento em algo novo, sem ter qualificação ou conhecimento, adequados. Assim, alguns tiveram que regressar ao Japão para recomeçarem suas vidas, após perder o valor investido em negócio malsucedido no Brasil.

Percebeu-se no discurso destas famílias que a dificuldade na readaptação no Brasil foi um problema significativo e que os impulsionou para uma nova migração, reforçando seu *status* de migrante transnacional sem um território definido. Ao se considerar esta questão, é importante levar em conta a dificuldade em aceitar este retorno como um fracasso, que pode afetar a autoestima familiar. Não “dar certo” no Brasil, pode ser motivo de vergonha e busca por culpados.

Ainda sobre a readaptação, fatores como a diferença salarial entre os dois países e a defasagem profissional, prejudicam a readaptação dos dekasseguis no Brasil. A falta

de qualificação para iniciar um negócio no Brasil, associada ao longo tempo de permanência no Japão e, consequentemente de afastamento da sociedade brasileira, e ao envolvimento de longo período de em trabalho não qualificado parecem interferir significativamente no processo readaptativo. Outro fator ansiogênico na percepção dos participantes é se conseguirão manter as necessidades da família no Brasil, pois no Japão as condições salariais de um trabalhador colarinho azul permitem, em geral, que o mesmo possua padrão de vida de classe média do Brasil. No Brasil, a questão salarial tem uma relação mais direta com o nível de qualificação, embora esta realidade esteja em transformação. Compreendendo que o início do movimento de kassegui se deu no período bastante conturbado no Brasil, em termos de economia, muitos de kasseguis parecem ainda manter esta mesma visão sobre o país. Para essas famílias, submeter seus filhos a dificuldades financeiras é um grande fator gerador de ansiedade quanto à decisão de retornar ao Brasil. Aqui, fica clara a diferença entre o desejo e a necessidade.

Outra situação verificada foi a extensão das metas pré-migratórias. As metas tendem a ser ampliadas ou transformadas. Por exemplo, uma família que decidiu migrar para a aquisição de uma casa, a conseguiu e retornou ao Japão para a aquisição de outro bem. Este movimento também reforça o padrão migração – retorno – nova migração. O fator idade, como características ansiogênicas. Os participantes com idade acima dos 40 anos relataram que se sentiram ansiosos sobre as possibilidades de encontrar trabalho no Brasil, principalmente, por não sentirem segurança previdenciária no Japão. A amplificação do medo diante de modelos de amigos que, não bem sucedidos na readaptação no Brasil, retornam ao Japão e têm suas histórias repercutidas na comunidade. Esta insegurança dos pais reflete-se na insegurança dos filhos, pois o segundo grupo apresenta dificuldade em se projetar no futuro, tanto em suas carreiras acadêmicas

quanto em suas carreiras profissionais pelo fato de não possuírem base segura no presente.

TABELA 10: ALCANCE DAS METAS MIGRATÓRIAS

FAMÍLIA 1	Voltamos para o Brasil três vezes pensando em não mais voltar para o Japão, mas nossos planos de abrir um negócio no Brasil não deram certo.
FAMÍLIA 2	A primeira vez que viemos ao Japão, nossos planos era de ficar aqui três a quatro anos. Mas, sete anos já se passaram e continuamos aqui.
FAMÍLIA 3	Se minha mulher não tivesse tido problemas de saúde, talvez tivéssemos atingido nossas metas aqui. Gastamos muito dinheiro com o tratamento.
FAMÍLIA 4	Quando viemos ao Japão, tínhamos um sonho pequeno de comprar um pequeno terreno para nós. No Japão, nossos planos aumentaram para um sonho maior. Mas agora, perdemos tudo. Todo o dinheiro "feito" no Japão ficou no Japão. Quinze anos se passaram e ainda não conseguimos atingir nossas metas.
FAMÍLIA 5	Compramos uma casa no Brasil e voltamos ao Japão para comprar os móveis. Daí, como uma bola de neve, começamos este círculo vicioso e continuamos aqui.
FAMÍLIA 6	Pela graça de Deus, conseguimos comprar três casas e um terreno no Brasil.
FAMÍLIA 7	Queria ficar três anos no Japão e dar uma vida melhor a nossa família que ficou no Brasil mas, o plano não deu certo.
FAMÍLIA 8	A primeira vez que viemos ao Japão vim para pagar uma dívida. Pagamos a dívida e juntamos dinheiro. Retornamos ao Brasil, mas meu marido não conseguiu trabalho lá e voltamos para cá.
FAMÍLIA 9	Nossos planos mudaram muitas vezes.
FAMÍLIA 10	Voltamos para o Brasil definitivamente. Mas, não conseguimos nos adaptar lá. Com o dinheiro que juntamos no Japão, abrimos um negócio em Curitiba e emprestamos dinheiro para parentes. O dinheiro acabou, o negócio falu e voltamos, de novo, para o Japão.
FAMÍLIA 11	Vim para o Japão para ficar só três meses, pagar minhas dívidas e voltar para o Brasil. Um ano depois eu regresssei ao Brasil e alcancei meu primeiro objetivo. Depois, voltei ao Japão para alcançar o segundo: reformar minha casa no Brasil. Consegui. Esta é a terceira vez que estou no Japão, mas agora, não tenho nenhum objetivo específico.
FAMÍLIA 12	Abri uma oficina de carros no Brasil com o dinheiro que ganhei aqui. Mas, a economia do Brasil ia mal. A oficina falu e decidi voltar para cá. Trabalhamos no Japão e regresssei ao Brasil depois de três anos, mas não consegui reabrir minha oficina como queria. No Brasil me separei da minha mulher, peguei minha filha e vim reconeçar nossa vida aqui.
FAMÍLIA 13	Somos cinco em nossa família. Ainda estamos pagando nossas passagens. Depois de pagar nossas dívidas quero guardar dinheiro para comprar uma casa no Brasil.
FAMÍLIA 14	Meu objetivo era o de dar uma vida melhor para minha família e sinto que conseguimos.
FAMÍLIA 15	Vim para o Japão guardar dinheiro. Mas, meus dois filhos faleceram no Brasil e tudo mudou. Hoje eu não sei o que quero.
FAMÍLIA 16	Meus planos em guardar dinheiro, em pouco tempo, no Japão estavam errados. De fato, eu só consegui comprar uma casa no Brasil depois de cinco anos de trabalho no Japão.

Fonte: Recortes do autor.

TABELA 10: (CONTINUAÇÃO)

FAMÍLIA 17	Voltamos par ao Brasil três vezes pensando em não mais voltar para o Japão, mas nossos planos de abrir um negócio, no Brasil não deram certo. Pensava em ficar no Japão por seis meses a um ano. Mas, nós retornamos ao Brasil e de novo ao Japão muitas vezes (seis).
FAMÍLIA 18	Eu achava que no Japão tudo era mais fácil. Que juntar dinheiro aqui seria rápido. Mas eu estava errado.
FAMÍLIA 19	No Japão as coisas acontecem assim com a gente: você trabalha por anos, volta para o Brasil, gasta todo o seu dinheiro lá e volta para o Japão de novo. Acho que todos os dekasseguis têm o mesmo problema: nós não sabemos o que fazer. Começar um negócio? Comprar uma casa?
FAMÍLIA 20	Vimos para o Japão para melhorar as condições financeiras da nossa família. Hoje, o que queremos é proporcionar às minhas filhas estudo de qualidade.
FAMÍLIA 21	De verdade, eu queria trabalhar no Japão por três anos, comprar uma casa e abrir um negócio no Brasil. Mas, nossos planos não saíram como planejamos e, até hoje, ainda não conseguimos.
FAMÍLIA 22	Craças ao Japão, mandei minha filha para a faculdade no Brasil. Agora, ela é advogada e vai fazer mestrado. Também comprei uma casa no Brasil. Agora, quero realizar o sonho de comprar uma casa na praia no estado de São Paulo.
FAMÍLIA 23	Queria comprar uma casa no Brasil e viver do aluguel.
FAMÍLIA 24	Pensei em trabalhar no Japão por pouco tempo, voltar para o Brasil e comprar um terreno lá. Mas, até hoje eu não consegui foi nada.
FAMÍLIA 25	Muitos brasileiros vem para o Japão pensando em começar um negócio no Brasil. Mas eles falham e daí, voltam para o Japão para começar tudo de novo.
FAMÍLIA 26	Meu marido, que não é descendente, sempre admirou a cultura japonesa, então ele quis vir para o Japão. Ele chegou a largar o trabalho de advogado no Brasil e estudou a cultura japonesa. Mas, aqui no Japão ele percebeu que, um brasileiro que mora aqui convive mais com outros brasileiros e pouco se relaciona com japoneses. Daí ele se decepcionou.
FAMÍLIA 27	Eu vim para o Japão com muitos sonhos. Mas, o maior deles era o de comprar uma casa no Brasil e, para isso, eu pensava em trabalhar por três anos aqui. Agora eu não penso mais em voltar para o Brasil. Eu não tenho curso superior. Para começar do zero lá, vai ser muito difícil.
FAMÍLIA 28	Vim para cá pensando em viver novas experiências.
FAMÍLIA 29	Com o dinheiro que juntei no Japão, eu comprei uma casa pra minha mãe no Brasil. Retornei ao Japão para comprar agora a nossa casa. Só que, depois que meu bebê nasceu aqui, ficou difícil juntar dinheiro e prolongamos nossa estadia.
FAMÍLIA 30	Queria trabalhar três anos no Japão e comprar uma casa no Brasil. Mas, nossos planos mudaram. Quinze anos se passaram e ainda estamos aqui.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO

D2: NÍVEL DE SATISFAÇÃO QUANTO À EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO

Com relação ao nível de satisfação expressado pelas famílias, quanto à experiência de migração, os mesmos mostraram padrões satisfatórios da experiência. As expressões mais comuns foram correlatas às percepções econômicas e, posteriormente, da experiência singular de viver em um país diferente do seu. Entende-se que o *coping* familiar e as crenças pré-migratórias influenciem nessa sensação. Mesmo que a crença pré-migratória não tenha sido concretizada, a família pode se engajar de maneira a buscar o crescimento conjunto e a resolver as dificuldades da adaptação reavaliando estas experiências e crenças. Nesse sentido, aqueles que relataram não terem atingido suas metas, parecem ter elaborado essa “decepção” com novas metas migratórias, encontrando outros benefícios no processo, demonstrando resiliência.

Percebeu-se ainda, ênfase nos aspectos emocionais, nos ganhos e nas perdas da migração em suas vidas, nos quais foram enfatizadas perdas afetivas, em detrimento das perdas econômicas que os impulsionaram a migrar. A perda afetiva, que parece ser um fator comórbido da migração em sua meta em si, foi destaque nos relatos e nas expressões não verbais e paralinguísticas apresentadas pelas famílias. Neste item, foi bastante clara a reflexão, traduzida em seus suspiros, momentos de silêncios e alteração no humor (choro). Muitas dessas famílias, manifestaram a tristeza por estarem distantes de seus familiares como um “alto preço” a ser pago quando se decide migrar.

Todavia, como mencionado anteriormente, em geral, as famílias demonstraram sentimentos positivos em relação ao Japão, correlacionando o país com experiências positivas como o nascimento de um filho, a própria constituição fami-

liar e ao senso da segurança econômica, não apresentando arrependimento quanto à tomada da decisão de migrar.

TABELA 11: NÍVEL DE SATISFAÇÃO QUANTO À EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO

FAMÍLIA 1	Em termos econômicos, acho que valeu a pena ter vindo para cá (pai). Eu não penso assim (mãe). Estamos pagando um preço muito alto por tudo isso, vivendo longe de nossa família.
FAMÍLIA 2	Em termos de segurança econômica e física, penso que foi muito bom para nós.
FAMÍLIA 3	Nós temos muitos problemas aqui, mas consegui dar uma vida melhor para nossos filhos.
FAMÍLIA 4	Eu me sinto arrependido de ter vindo ao Japão. Se eu tivesse ficado no Brasil, em mais quatro anos eu me aposentaria. Mas não posso voltar no tempo.
FAMÍLIA 5	Bem, eu não sei o que dizer...(lígrimas). Não posso voltar no tempo. É uma pergunta difícil. Eu gosto do Japão, mas eu sinto muita saudade do Brasil.
FAMÍLIA 6	O trabalho no Japão é duro. A família está longe da gente. Mas, em geral, eu acho que valeu a pena ter vindo ao Japão.
FAMÍLIA 7	Foi bom como experiência de vida.
FAMÍLIA 8	Graças ao Japão eu consegui pagar minhas dívidas no Brasil.
FAMÍLIA 9	Eu voltei para o Brasil uma vez e senti uma grande saudade do Japão. Então, eu percebi que eu estava adaptado à vida daqui.
FAMÍLIA 10	Em termos econômicos foi bom. Mas a vida aqui é muito corrida e não temos tempo para nossos filhos.
FAMÍLIA 11	Dessa última vez, viemos para o Japão em família, todos juntos, então agora eu me sinto bem. Mas, para minha filha está sendo difícil viver aqui. Acho que é porque ela é adolescente.
FAMÍLIA 12	Valeu a pena. Principalmente, em termos financeiros.
FAMÍLIA 13	Os japoneses são muito educados. O Japão é um país seguro. Eu acredito que o Japão seja sim um bom lugar para se viver.
FAMÍLIA 14	No Japão, nossa família pode viver uma vida melhor que no Brasil.
FAMÍLIA 15	Como eu não estudei, encontrar um emprego no Brasil é difícil. Então, para mim, vir para o Japão foi uma chance na vida.
FAMÍLIA 16	Eu já vivi muitas coisas no Japão. Os benefícios aqui vão além da estabilidade financeira.
FAMÍLIA 17	Para o meu marido acho que foi bom, porque ele aprendeu japonês e teve muitas experiências boas aqui. Mas, eu não posso dizer o mesmo. Eu tinha um emprego estável no Brasil e que eu deixei para vir para cá. Então, para mim, eu cometi um erro vindo para o Japão. Para piorar, às vezes, eu acho que estou esquecendo o português.
FAMÍLIA 18	Foi bom em vários aspectos. No Japão, dá para comprar muitas coisas para nossos filhos. No Brasil, seria difícil ter dinheiro para dar conforto a eles, comprar computador, pagar a Internet.
FAMÍLIA 19	Meu marido e eu sempre pensamos em nossos parentes que estão no Brasil. Nos preocupamos muito com eles. Assim, eu não sei dizer se foi bom ter vindo para cá.

Fonte: Recortes do autor.

TABELA 11: (CONTINUAÇÃO)

FAMÍLIA 20	Estamos distantes de nossa filha e isso tem sido doloroso para nós. Mas, em termos financeiros, acho que foi bom, porque assim eu pude pagar os estudos dela.
FAMÍLIA 21	Foi uma boa experiência.
FAMÍLIA 22	Infelizmente, eu vivi muito tempo sem a minha filha aqui. Mas, por outro lado, daqui eu pude pagar a escola dela.
FAMÍLIA 23	Se eu achasse a vida no Japão ruim, eu teria voltado para o Brasil. Acredito que a podemos nos adaptar em qualquer lugar quando se quer. Graças ao Japão pudemos comprar nossa casa no Brasil.
FAMÍLIA 24	Vir para o Japão foi um grande erro. No Brasil, meu meu marido tinha um caminhão que ele vendeu para pagar nossas passagens. Agora, nossa família está separada e não temos nada. Perdemos nosso caminhão, (...). E agora estamos juntando dinheiro para poder voltar para o Brasil para começar tudo do zero.
FAMÍLIA 25	Quando viemos para o Japão pela primeira vez em 1997, foi bom. Mas agora, está muito complicado juntar dinheiro.
FAMÍLIA 26	Gastamos um ano inteiro só pagando as passagens. E agora, a gente decidiu ir embora de vez. Vamos ter que pagar passagens, de novo.
FAMÍLIA 27	Apreendi muitas coisas no Japão.
FAMÍLIA 28	Foi uma boa experiência para nossas vidas.
FAMÍLIA 29	Eu amadureci com a vida difícil no Japão.
FAMÍLIA 30	Eu não sei dizer. Talvez, se eu tivesse ficado no Brasil eu poderia estar vivendo uma vida melhor. Mas não tenho como afirmar isso.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO D3: ACONSELHARIA A EXPERIÊNCIA DE MIGRAÇÃO A ALGUÉM?

Das 30 famílias entrevistadas, 17 responderam que aconselhariam a migrarem ao Japão pessoas que estivessem em duas situações predominantes: 1) enfrentando problemas financeiros e que não tivessem outra perspectiva de solução do problema ou 2) a uma pessoa curiosa para viver uma experiência de vida em outro país. Aconselhariam, porém, uma profunda reflexão sobre o assunto, envolvendo todos os custos dessa escolha. Caso a migração se desse em família, com fins meramente financeiros, desaconselhariam a experiência. Dentre as razões que os levariam a não estimular a migração em família foi destaque, o alto custo de vida no Japão que interfere negativamente no alcance das metas financeiras.

Domínio D - ESTRESSE ACULTURATIVO

D4: DESTACANDO O QUE HÁ DE BOM E DE RUIM NO JAPÃO.

Dentre os aspectos positivos da vida no Japão, a estabilidade financeira foi a mais citada; segundo, a segurança física; terceiro, a experiência de viver em país estrangeiro. Dos aspectos negativos da vida no Japão, primeiro a saudade foi frequentemente mencionada; segundo, a tristeza por estarem distantes dos familiares que ficaram no Brasil. Também foi percebido no discurso de alguns participantes, o fato de estarem privando os filhos da convivência com os avós que estão no Brasil. Assim, os aspectos positivos foram mais relacionados ao sentido material - estabilidade financeira -, enquanto os aspectos negativos se relacionaram ao sentido emocional: a saudade, a tristeza, a solidão, a dificuldade no relacionamento com outros colegas brasileiros no ambiente de fábrica, o pouco tempo em família e as influências negativas da vida no Japão na relação conjugal. O sentido da vida no Japão, para essas famílias, foi correlato ao bem-estar material em detrimento de um sacrifício afetivo, significativamente, relacional.

Demais aspectos citados nos relatos envolveram a experiência de sentir que viver no Japão como um privilégio, por ser este um país distante e muito diferente em termos culturais do Brasil; a percepção do Japão como um lugar de pessoas educadas e que se respeitam, mas que ao mesmo tempo, mantém distância e se contrapõem ao calor humano, em comparação à sociedade brasileira. O tema discriminação também esteve presente no relato das famílias sem, contudo, apresentar-se dentre os recortes predominantes.

TABELA 12: DESTACANDO O QUE HÁ DE BOM E DE RUIM NO JAPÃO

	PERCEPÇÃO POSITIVA	PERCEPÇÃO NEGATIVA
FAMÍLIA 1	Nascimento do filho. Compra de uma casa no Brasil.	Viver longe da família.
FAMÍLIA 2	Em geral é bom.	Estar distante da família.
FAMÍLIA 3	Dar uma vida melhor para nossos filhos.	O salário cada vez menor.
FAMÍLIA 4	Japão como um país que dá chance a todos.	O custo de vida alto.
FAMÍLIA 5	Financeiro.	Estar longe da família. O relacionamento com a família se distancia. Perda afetiva.
FAMÍLIA 6	Aprender muita coisa. Aprender a cultura japonesa.	Difícil confiar em brasileiros. Difícil ter amigo japonês. Ficar longe da família no Brasil.
FAMÍLIA 7	Amadurecer com as dificuldades.	Estar perdendo os vínculos com os que estão no Brasil. Desafogagem profissional. Divórcio.
FAMÍLIA 8	Bom lugar para criar os filhos. A economia.	A mudança constante de professores na escola brasileira.
FAMÍLIA 9	Aprender uma cultura. Comprar coisas que precisamos.	Discriminação. Impostos altos e sem os mesmos direitos que os japoneses.
FAMÍLIA 10	Remuneração financeira proporcional à quantidade de trabalho	Os filhos não estarem aproveitando a vida. Ficam entre escola-casa-game centers.
FAMÍLIA 11	Financeiro e segurança.	Não conhecer a língua japonesa.
FAMÍLIA 12	Ajudar financeiramente a família que está no Brasil.	Relação conjugal piorou. Divórcio.
FAMÍLIA 13	Segurança, educação, boas maneiras dos japoneses, economia estável.	Saudade do Brasil.
FAMÍLIA 14	Qualidade de vida.	Difícil confiar nos brasileiros que vivem no Japão. Inveja e trapaça
FAMÍLIA 15	Experiência de vida. Economia estável.	Preocupação com familiares no Brasil.
FAMÍLIA 16	Rever os pontos de vista em relação a vida. Amadurecer.	Não saber japonês. Sentir-se iletrado.
FAMÍLIA 17	Nada.	Cultura conservadora. Povo japonês como radical e inflexível. Estupidez dos japoneses.
FAMÍLIA 18	Gentileza dos japoneses.	Brasileiros com quem trabalham como cruéis e fofosqueiros
FAMÍLIA 19	Nada.	Não saber japonês como algo limitante.
FAMÍLIA 20	Mandar os filhos para a faculdade.	Saudade da filha que ficou no Brasil.
FAMÍLIA 21	Nada.	As escolas brasileiras não oferecem apoio a alunos com necessidades especiais
FAMÍLIA 22	Experiências vividas no Japão.	Nada.
FAMÍLIA 23	Conhecer o mundo. Formar a família no Japão.	O clima frio. Estar distante da família.

Fonte: Recortes do autor.

TABELA 12: (CONTINUAÇÃO)

	PERCEÇÃO POSITIVA	PERCEÇÃO NEGATIVA
FAMÍLIA 24	Nada.	Não ter tempo para ficar com a família. A família ter ficado pequena, nuclear, no Japão. A vida no Brasil era mais alegre.
FAMÍLIA 25	Segurança + respeito ao patrimônio alheio + não mexer nas coisas dos outros. Justiça.	Estar longe da família.
FAMÍLIA 26	Relação com os japoneses.	A relação com outros brasileiros no trabalho.
FAMÍLIA 27	Amadurecimento. Me tornei um adulto.	Estar longe da família.
FAMÍLIA 28	Nada.	A relação conjugal deteriorou - o trabalho em turnos diferentes gera desconfiança entre o casal.
FAMÍLIA 29	Nada.	Estar longe da família. Não ter tempo para estar com os filhos.
FAMÍLIA 30	Financeiro.	Nada.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO D5: PROFICIÊNCIA NA LÍNGUA JAPONESA

O domínio do idioma local associa-se negativamente ao desenvolvimento de sintomas de estresse aculturativo. Do total de 57 participantes entrevistados, 11 deles dominam o idioma japonês, 26 apresentam domínio mediano e 20 relataram não saber a língua japonesa. Dentre os que dominavam a língua japonesa, 9 eram nikkeys e 2 não o eram. Nas regiões do Japão com alta concentração de imigrantes brasileiros – como no caso da província de Gifu, os órgãos públicos, as fábricas e as escolas públicas, em geral, contam com o apoio de intérpretes de língua portuguesa, a fim de auxiliar o atendimento à comunidade brasileira. Com isso, os dekasseguis ali residentes têm facilitada a resolução de problemas burocráticas e que exigiriam o domínio da língua local. Por outro lado, esta condição, associada à concentração de brasileiros num mesmo local de trabalho, levando-os a se relacionarem, predominantemente, com outros brasileiros, prejudica a aquisição da língua local, uma vez

que tende a inseri-los em uma zona de conforto ao terem suas necessidades básicas atendidas com a habilidade que possuem, deixando de ser um desafio a ser alcançado. Assim, muitos brasileiros vivem anos no Japão sem o desenvolvimento desta habilidade.

Domínio D - ESTRESSE ACULTURATIVO

D6: SENSACÃO DE SATISFAÇÃO COM O TRABALHO

A sensação de satisfação laboral é outro importante fator que se correlaciona-se ao estresse aculturativo. Neste quesito, a maior parte dos participantes relatou estar acostumada ao trabalho e não, necessariamente, satisfeito com este. Ainda, a grande maioria dos participantes iniciaram no Japão, o trabalho como *blue-collar*. Em relação aos aspectos negativos relatados foram destaque a longa jornada laboral, a ausência do senso de instabilidade por estarem executando trabalho de maneira terceirada, através das agências de emprego, e o ambiente de trabalho, frequentemente citado como estressante.

Quanto ao senso de instabilidade percebido, esse se relaciona ao fato de que os dekasseguis, em sua maioria, são horistas e não têm garantido direitos trabalhistas no caso de falta por problemas de saúde ou afastamento remunerado, como férias e algum outro tipo de bonificação. O ambiente de trabalho, no que se refere à relação com outros brasileiros, também foi referido como problemático. Essa tensão pode estar relacionada à diversidade regional, educacional e cultural entre os brasileiros, que se originam de diferentes regiões do país materno. Ainda, o fato de passarem tempo significativo juntos -, de 8 a 12 horas por dia, realizando trabalho “3K” -, potencializa a coexistência de conflitos que, naturalmente, irão emanar. Por outro lado, a percepção do trabalho realizado como algo temporário, tende a influenciar a percepção do futuro como algo melhor.

Dentre outros fatores citados estão queixas relacionadas às diferenças de remuneração entre homens e mulheres e o decréscimo das horas-extras necessária para melhorar a remuneração e abreviar o retorno ao Brasil, em decorrência da diminuição da produtividade – no Japão as fábricas operam no sistema Just-in-time –, em contraposição ao desejo de estarem mais tempo com sua família.

TABELA 13: SENSAÇÃO DE SATISFAÇÃO COM O TRABALHO

FAMÍLIA 1	O trabalho que eu faço é bom, mas a relação com os outros brasileiros é ruim e fica difícil lidar com isso. (PAI).
FAMÍLIA 2	Estou acostumado a trabalhar muito desde que eu vivia no Brasil. Então para mim é normal o que faço aqui. (MÃE).
FAMÍLIA 3	Eu trabalho na mesma fábrica desde que eu cheguei aqui pela primeira vez e já estou bem acostumado. O trabalho que eu faço é bom, mas a relação com os outros brasileiros é ruim e fica difícil lidar com isso. (PAI).
FAMÍLIA 4	Estou satisfeito. O ambiente de trabalho não é ruim, mas o trabalho é muito pesado e perigoso. (PAI).
FAMÍLIA 5	O ambiente da fábrica não é ruim. Bom, tem muitos brasileiros lá. Se você conseguir se concentrar no trabalho e ignorar as fofocas é tranquilo. (MÃE).
FAMÍLIA 6	O ambiente da fábrica é bom. Eu lido mais com japoneses. (PAI).
FAMÍLIA 7	Eu estou acostumado com o trabalho no Japão. Como eu sei que isso é temporário, eu não fico mal. (PAI).
FAMÍLIA 8	O trabalho em si não é ruim, mas eu passo o dia todo em pé e sinto muito cansaço. (MÃE).
FAMÍLIA 9	Eu nunca tinha trabalhado em uma fábrica antes de vir para o Japão. No Brasil, eu nunca havia nem pisado numa fábrica. (PAI).
FAMÍLIA 10	Não sei dizer se estou satisfeito. Como seu que é temporário, estou fazendo o melhor que posso. (PAI).
FAMÍLIA 11	Posso dizer que gosto do meu trabalho. (PAI).
FAMÍLIA 12	Estou trabalhando na mesma fábrica há 1 ano. Está bom para mim. (PAI).
FAMÍLIA 13	Eu gosto do ambiente de lá. (PAI).
FAMÍLIA 14	A linha de produção é muito rápida, mas estou acostumada. (MÃE). Não posso dizer que gosto, mas estou acostumado com ele. (PAI).
FAMÍLIA 15	O ruim é que a fábrica fica muito longe de casa e eu gasto uma hora para chegar lá. (PAI).
FAMÍLIA 16	O salário não é bom. Especialmente, para as mulheres que fazem o mesmo por trabalho que os homens, mas recebem bem menos. (MÃE).
FAMÍLIA 17	Não é questão de gostar ou não gostar do trabalho. Eu estou acostumada com a rotina. (MÃE).
FAMÍLIA 18	Estava tendo problemas de dores nas mãos, porque uso água muito fria. Mas há uns dias eu mudei de função e estou me sentindo melhor. (MÃE).
FAMÍLIA 19	As peças são muito pequenas e eu tenho dificuldade em fazer Kansa [inspeção] nelas. Mas, estou acostumada com o trabalho. (MÃE).
FAMÍLIA 20	Posso dizer que estou adaptado. O ambiente é bom. (PAI).

Fonte: Recortes do autor.

TABELA 13: (CONTINUAÇÃO)

FAMÍLIA 21	Eu trabalho com prensa e é bem perigoso. Mas os japoneses da fábrica são legais e me ajudam. (PAI).
FAMÍLIA 22	Aqui no Japão, a gente acaba carregando muitos problemas dos alunos. (MÃE - professora).
FAMÍLIA 23	O trabalho é bom, mas a relação com outros brasileiros é bem delicada. As horas-extras também caíram muito o que é ruim. (PAI).
FAMÍLIA 24	Como eu trabalho em outra cidade, fica longe daqui e, quando chego em casa já são mais de 10 da noite. (MÃE).
FAMÍLIA 25	Meu trabalho não é ruim. A relação com os japoneses é boa. Acho que mais do que eu, minha filha é quem fica cansada, porque a rotina dela na escola brasileira é mais puxada. (MÃE).
FAMÍLIA 26	São mais de 2.000 brasileiros lá na fábrica por linhas de montagem. Brasileiros e japoneses trabalham em linhas separados. Os filipinos são separados também. Não sei se esta separação é por nacionalidade ou por empreiteira. Mas a questão é que somos separados. Acho estranho. (MÃE).
FAMÍLIA 27	Eu trabalho muito desde que cheguei no Japão. Estou acostumada. (MÃE).
FAMÍLIA 28	Estou satisfeita. (MÃE).
FAMÍLIA 29	Meu marido trabalha muito. Eu não estou na fábrica porque estou grávida. (MÃE).
FAMÍLIA 30	Meu marido não consegue trabalhar muitas horas. Ele fica irritado, cria problemas no trabalho e fica mudando de emprego sempre. (MÃE).

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO D7: EXPERIÊNCIA DE DISCRIMINAÇÃO

A discriminação, seja ela direta ou indireta, exerce importante influência na adaptação. Entende-se que os nipo-descendentes são alvo em potencial de dupla discriminação: no Brasil, discriminação positiva por serem japoneses, e no Japão, discriminação negativa, por serem brasileiros (Tsuda, 2003). Em relação a este tema, em 12 famílias foi relatada alguma experiência de discriminação objetiva e em 13, a experiência de discriminação subjetiva. Enquanto a discriminação objetiva é percebida em lojas, na vizinhança, nas imobiliárias e nas fábricas, a discriminação subjetiva foi relatada como sentimentos de estarem sendo discriminados, sem a certeza disso, e que os levam a tomar certos cuidados em suas ações para que elas não gerem mais desconfiança, levando-os a uma sensação de alerta constante.

Um destaque aqui é para a percepção dos dekasseguis em relação ao comportamentos de outros brasileiros no Japão. Por exemplo, a não separação correta do lixo, a falta de respeito em relação ao uso de som em volume alto, enfim, aspectos relacionados ao não seguimento de regras japonesas foram descritas como prejudiciais à imagem de toda a comunidade brasileira que vive no Japão, potencializando a discriminação contra o grupo. Nesse sentido, percebeu-se, em geral, uma responsabilização para os próprios brasileiros quanto à discriminação, em outras palavras: pela conduta irresponsável de alguns, pagam todos. É possível que desentendimentos em relação à cultura promova a sensação de discriminação. No Japão, existem regras sociais importantes e que não parecem claras para os brasileiros, o que pode gerar mal entendidos e conflitos.

TABELA 14: EXPERIÊNCIA DE DISCRIMINAÇÃO

FAMÍLIA 1	O japonês da fábrica, uma vez, bateu em meu capacete e me chamou de Baka (estúpido). E, quando eu entro em uma loja sinto que os japoneses olham para mim de modo estranho e, quando eu peço alguma informação, eles ficam com medo.
FAMÍLIA 2	Quando eu entro em uma loja, a vendedora me olha com desconfiança. Eu já orientei minha filha a não abrir a bolsa dentro das lojas, para que eles não pensem que estamos roubando. Mas, eu acho que o fato de ter feição japonesa me protege da discriminação aqui.
FAMÍLIA 3	Uma vez no parque público, uma criança japonesa veio brincar comigo e com minha filha, daí o pai dele brigou com ela e disse: "gaijins (estrangeiros) são perigosos. Não brinque com ela". Às vezes, eu acho que seria melhor não saber japonês para não entender quando eu fosse discriminado.
FAMÍLIA 4	Nunca passei por uma discriminação no Japão.
FAMÍLIA 5	Quando compramos esta casa, os japoneses da vizinhança olharam para gente com desconfiança. Talvez, eles não entendam como um gaijin tem condições de comprar uma casa no Japão. Eu não me sinto bem-vinda pelos meus vizinhos.
FAMÍLIA 6	Eu não sei japonês, então eu não posso dizer se sou discriminado. Às vezes, eu me sinto discriminado dentro da fábrica. Por exemplo, quando um brasileiro vai usar o armário, os japoneses ficam olhando com uma cara estranha.
FAMÍLIA 7	Quando eu morava em Toyohashi [cidade na província de Aichi], eu fui numa loja e disse que para a vendedora que queria uma camisa que eu tinha gostado. Ela respondeu para mim que não estava à venda.
FAMÍLIA 8	Uma vendedora da loja olhou para meu irmão com desconfiança.
FAMÍLIA 9	Quando eu fui ter meu filho, a enfermeira – japonesa, me disse de um jeito frio: "você é mulheres brasileiras gritam mais que as japonesas". Em outra ocasião, nós fomos atrás de um apartamento para alugar e, a imobiliária disse que não havia apartamentos para alugar, mas era mentira. Outra coisa, é que tem uma japonesa aqui na vizinhança que odeia a gente. Ela reclama de tudo. Fica olhando pela janela o que estamos fazendo. Temos muitos problemas com ela.

TABELA 14: (CONTINUAÇÃO)

FAMÍLIA 10	Fomos discriminados pela imobiliária. Não deu para alugar um apartamento sozinho. Tivemos que pedir ajuda da empreiteira para conseguir. Eu estou vivendo há anos no Japão, trabalhando duro, pagando impostos e, quando quero usufruir dos meus direitos sou tratada assim? Não consigo nem alugar um apartamento sozinho?
FAMÍLIA 11	Me sinto discriminado na fábrica.
FAMÍLIA 12	Os japoneses da fábrica não me cumprimentam. Eles ignoram os brasileiros que trabalham lá.
FAMÍLIA 13	Nunca passei por discriminação no Japão.
FAMÍLIA 14	Antes de migrar para o Japão, eu tinha muito medo de que meu marido fosse discriminado aqui, porque ele é mestiço de mulato com português. Mas, para minha surpresa, a sociedade japonesa no Brasil era mais racista que os japoneses do Japão. Aqui, meu marido é tratado com respeito. Mas no Brasil, ele era vítima de discriminação pelos nikkeys.
FAMÍLIA 15	Quando chegamos no Japão buscamos muito tempo trabalho e não foi fácil, porque não sabíamos japonês.
FAMÍLIA 16	A vizinha do apartamento ao lado nos olhava com raiva. Mas ela nunca nos ofendeu verbalmente.
FAMÍLIA 17	Quando eu estava trabalhando em Komaki (província de Aichi), fui comprar carne no supermercado, mas o japonês disse que eu não podia entrar. Quando eu perguntei por que, ele respondeu que aquela loja era só para japoneses. Minha esposa, que tem cara de japonês, entrou. Eu fiquei esperando do lado de fora.
FAMÍLIA 18	Quando entramos numa loja em Nagoya (capital da província de Aichi), a vendedora não me deixou experimentar uma roupa que eu queria comprar. Só que ela deixou o japonês experimentar a mesma roupa. Senti muita raiva.
FAMÍLIA 19	Eu era discriminado no Brasil, porque tinha cara de japonês. No Japão sou discriminado porque sou gaijin. É bem complexo isso. Mas eu acho que a discriminação no Brasil é meio na brincadeira. No Japão é sério.
FAMÍLIA 20	Nunca fui e nem me senti discriminado. É que os brasileiros que moram no Japão não respeitam as regras japonesas.
FAMÍLIA 21	Nunca fui discriminado no Japão.
FAMÍLIA 22	Eu entrei em uma loja com um colega que é mestiço. O atendente, olhou para o meu colega e disse: não vendemos para brasileiros.
FAMÍLIA 23	Eu acho que são os brasileiros que discriminam os japoneses aqui. Os japoneses apenas reagem aos brasileiros.
FAMÍLIA 24	Eu não entendo o que os japoneses falam mas, na verdade, eu não me importo. Este não é o meu país. Não há muito o que fazer sobre isso.
FAMÍLIA 25	No Brasil as pessoas abrem latas de refrigerante dentro dos supermercados. No Japão isso é roubo. Uma pessoa que eu conheço fez isso no Japão e o segurança acompanhou ela até a saída.
FAMÍLIA 26	Eu me sinto discriminado, mas não sei se estou sendo de verdade.
FAMÍLIA 27	Graças a Deus, nunca fui discriminado.
FAMÍLIA 28	Quando eu fui atrás de um apartamento para alugar, a pessoa da imobiliária disse que não alugavam para brasileiros. Eu perguntei por que e ele me respondeu que apenas alugavam para japoneses! Depois disso, eu pensei: o que eu estou fazendo aqui? Eu trabalho muito, pago impostos, e nem posso alugar um apartamento?! Nós brasileiros, temos muitas limitações por causa da nossa nacionalidade. Depois disso eu compreendi que não esse não é o meu Lar.
FAMÍLIA 29	Eu nunca fui discriminado.
FAMÍLIA 30	Minha filha sofreu discriminação na escola japonesa por um tempo.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D - ESTRESSE ACULTURATIVO

D8: PERCEPÇÃO QUANTO AOS ESTRESSORES

Em se tratando da percepção dos estressores, por parte dos participantes, o maior estressor citado foi a preocupação sobre as despesas familiares; segundo, a relação com os vizinhos japoneses e brasileiros; terceiro, a relação com outros brasileiros no ambiente de trabalho.

Quanto à preocupação em relação à manutenção das despesas familiares, é provável que esteja ligada a instabilidade das condições de trabalho. Essa condição pode ser agravada pelo não alcance das metas pré-migratórias. Em outras palavras, embora estejam conseguindo manter as finanças em dia, não estão conseguindo poupar dinheiro para o retorno ao Brasil, aumentando a ansiedade quanto a este retorno que tende a ser procrastinado. Quanto à relação com os vizinhos, muitos pais trabalham no turno da noite, assim, descansam durante o dia para se restaurar. Entretanto, o barulho dos vizinhos pode atrapalhar. Soma-se a isso, o fato de que é comum que brasileiros façam churrasco pela parte da noite, bebam, falem alto, levando à tensão com vizinhos japoneses.

TABELA 15: PERCEPÇÃO QUANTO AOS ESTRESSORES

FAMÍLIA 1	Gostaria que minha família me ajudasse mais em casa. O barulho que vêm do apartamento do vizinho nos atrapelham.
FAMÍLIA 2	Particularmente, eu não me sinto estressado por nada.
FAMÍLIA 3	Por um tempo, o meu trabalho foi um grande estressor. Mas agora não. Minha maior preocupação é dinheiro.
FAMÍLIA 4	Minha mulher está grávida e eu me preocupo muito com o dinheiro, se vou conseguir pagar as despesas. Um dia desses, eu fiquei tão mal que desmaiei no banheiro.
FAMÍLIA 5	A língua japonesa é minha maior barreira.
FAMÍLIA 6	Eu vim para o Japão para fazer dinheiro. Me sinto triste porque não estou conseguindo.
FAMÍLIA 7	Minha relação com minha ex-mulher não é boa. Ela ignora nossa filha.
FAMÍLIA 8	Eu escuto coisas que não queria ouvir de outros brasileiros na fábrica.
FAMÍLIA 9	A relação com os japoneses na vizinhança.
FAMÍLIA 10	O trabalho. Não tenho final de semana. Não tenho como curtir um tempo com minha família.
FAMÍLIA 11	A saudade do Brasil.
FAMÍLIA 18	Os meus vizinhos brasileiros
FAMÍLIA 19	Meu vizinho do andar de baixo faz muito barulho então consigo descansar.
FAMÍLIA 20	Me sinto triste e preocupada com a minha filha que está no Brasil.
FAMÍLIA 21	A empreiteira mentiu para a gente. Ainda continuamos pagando as dívidas que temos com a empreiteira.
FAMÍLIA 23	Eu não sei se vou conseguir alcançar meus objetivos aqui no Japão. Fico preocupado com as despesas de casa e se vamos conseguir voltar para o Brasil um dia.
FAMÍLIA 26	A relação com outros brasileiros no trabalho.
FAMÍLIA 27	Meu marido trabalha a noite e dorme de dia. E as crianças do apartamento ao lado fazem muito barulho e atrapalha o sono dele. Ah, ele dorme mal e vai trabalhar cansado.
FAMÍLIA 29	Fico preocupado com as despesas de casa, se vamos conseguir pagar as coisas.
FAMÍLIA 30	Minha relação com meu marido não vai bem. Acho que nossa situação econômica faz com que as coisas piores. Mas, mesmo que as coisas melhorem financeiramente, acho que não temos como ficar bem de novo.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO

D9: PERCEPÇÃO QUANTO AOS SINTOMAS DO ESTRESSE E DA SAÚDE COMO UM TODO

Embora não seja possível afirmar que os sintomas somáticos descritos pelos participantes sejam sintomas de estresse, optou-se por solicitar a descrição dos sintomas, a partir da percepção da saúde como um todo, e considerar estas descrições como possíveis sintomas correlatos ao estresse aculturativo. Dos sintomas expressados, numa amostra total dos membros das 30 famílias, obteve-se os seguintes

indicadores: 02 - mentalmente esgotados; 14 - cefaleia; 11 - dores estomacais; 05 - exaustão física; 13 - dores musculares; 10 - bruxismo; 21 - queda de cabelos; 05 dores no pescoço; 06 perda de peso repentina; 07 - insônia; 09 - ansiedade elevada e; 02 - infecções recorrentes. Observou-se que estes relatos são característicos da vivência atual, ou seja, ocorreram pós-experiência de migração.

Em geral, os participantes descreveram sua saúde como boa, em contraste com os sintomas manifestados pelos mesmos, a partir de seus relatos. É possível que as reações emocionais não sejam tomadas como problemas de saúde, mas como um processo normal do estresse cotidiano.

Um dos aspectos interessantes aqui apresentados e que seguiram as mesmas tendências dos resultados encontrados em grupos de imigrantes latinos no EUA (Stone et al., 2005), é a não confiança nos médicos japoneses e o retorno ao Brasil para *check-up*, tratamento dentário e intervenções médicas clinicamente mais significativas. Ainda, percebeu-se que algumas famílias fazem uso de medicação enviada por parentes no Brasil, o que manifesta uma característica cultural marcante quando se refere ao cuidado da saúde. Outro ponto destacado pelos participantes foi a dificuldade no tratamento médico ocasionada pela não habilidade linguística e o atendimento médico que ocorreria de forma muito rápida.

Domínio D - ESTRESSE ACULTURATIVO D10: PERCEPÇÃO QUANTO À EDUCAÇÃO DOS FILHOS

Quanto à percepção dos pais em relação aos estudos dos seus filhos, um dos discursos mais frequentes tratou da preocupação dos pais quanto ao futuro educacional, principalmente, para aqueles que possuem filhos no final do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio, uma vez que suas preocupações expressaram-se, essencialmente, na dúvida

de se os filhos terão condições de progredir para o Ensino Médio ou para a faculdade.

Das insatisfações apresentadas pelos pais, estão a percepção negativa em relação à estrutura das escolas brasileiras no Japão e a ausência de acompanhamento especializado aos alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem. Os pais que possuíam filhos com dificuldades ou transtornos da aprendizagem, demonstraram a tendência de procrastinarem a busca por este tratamento para quando se desse o retorno ao Brasil.

TABELA 16: PERCEPÇÃO QUANTO À EDUCAÇÃO DOS FILHOS

FAMÍLIA 1	A professora disse que nosso filho mais novo é agressivo e que não divide os brinquedos com os outros colegas. Mas em casa ele não é assim.
FAMÍLIA 2	Minha filha mais nova não queria estudar. Agora ela tem se esforçado na escola.
FAMÍLIA 3	Nossa filha está indo bem na escola.
FAMÍLIA 4	Nosso filho é estudioso e vai bem nos estudos.
FAMÍLIA 5	Minha filha é estudiosa desde pequena. Ela não tem problemas na escola.
FAMÍLIA 8	Meu filho tem problemas. Ele não consegue ler, nem escrever. Não sei se o que ele tem é algum problema de aprendizagem. Ele não consegue memorizar. Já meu filho mais velho aprende rápido, mas não tem motivação para estudar.
FAMÍLIA 10	Eles estão indo bem na escola. (Há quase 2 anos no Japão).
FAMÍLIA 11	Estão bem. Como eu não estudei, não tenho como ajudar nas tarefas de escola. No início não queriam estudar aqui no Japão. Agora, já estão aceitando melhor.
FAMÍLIA 12	Antes de vir para o Japão, minha filha foi diagnosticada com problemas de aprendizagem. Agora ela está indo bem na escola.
FAMÍLIA 13	Logo que ela entrou na escola, teve muitos problemas para aprender a ler e a escrever, mas agora ela está bem.
FAMÍLIA 14	Minha filha é assim: mesmo que ela tira dez ainda acha que é pouco (risos). Ela é muito esforçada e não preciso mandá-la estudar, porque ela é muito responsável.
FAMÍLIA 16	Quando viemos para o Japão, minha filha ficou sem estudar por um tempo. Quando ela entrou na escola brasileira, ela teve que pular alguns anos, por causa da idade. Agora ela está bem e consegue acompanhar os estudos.
FAMÍLIA 17	Estão indo bem na escola.
FAMÍLIA 18	Este ano ela está se dedicando.
FAMÍLIA 19	Minha filha não tem problemas para aprender. Ano que vem, ela vai para o ensino médio na mesma escola brasileira. Mas, quem vai decidir sobre ir para a faculdade ou não é ela mesma. Nossa família ainda não decidiu quando vai voltar para o Brasil e eu não quero mandá-la sozinha para lá para estudar.
FAMÍLIA 20	Está indo bem.
FAMÍLIA 21	Meu filho está indo bem, mas minha filha não. Minha filha não tem motivação para estudar. (Ela vai para escola só por ir mesmo).
FAMÍLIA 23	Minha filha mais velha é estudiosa. A mais nova não é. Ela (a mais nova) sempre teve dificuldades e a letra dela é bem ruim.
FAMÍLIA 24	Minha filha estuda muito, se vira sozinha, e tira notas muito boas.

FAMÍLIA 25	Minha filha é inteligente. O problema é que ela fala muito durante as aulas. E, quando a gente fala com ela, parece que ela não está prestando atenção.
FAMÍLIA 26	Sinceramente, eu esperava mais da minha filha. Ela muda muito. Às vezes ela vai bem, outras não.
FAMÍLIA 27	Meu filho não quer estudar. Ele faz a tarefa de casa de qualquer jeito e escreve mal. Quando eu era estudante eu era dedicada.
FAMÍLIA 29	Este ano ele está indo melhor. Ano passado ele mentia para mim dizendo que tinha feito as tarefas de casa, mas na verdade, não tinha feito. Agora, ele está bem.
FAMÍLIA 30	Minha filha melhorou, mas a letra dela é ruim e ela tem muitos erros gramaticais.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio D – ESTRESSE ACULTURATIVO D11: EXPECTATIVAS QUANTO AO FUTURO

De maneira geral, as famílias demonstraram expectativas positivas e otimistas sobre o futuro. Essas expectativas incluem a vivência de um futuro economicamente estável no Brasil e a crença de que poderão mandar os filhos para a faculdade, com o objetivo de os afastarem da vida como colarinho azul no Japão. Contudo, esses relatos apresentaram contradição com a realidade, pois não foram observados planos concretos de retorno ao Brasil ou a indicação da possibilidade de que os filhos pudessem cursar uma faculdade, por exemplo, no Japão. Os relatos, quando comparados à realidade, demonstraram tendência à procrastinação quanto à realização destas expectativas.

TABELA 17: EXPECTATIVAS

FAMÍLIA 1	É uma pergunta difícil. Mas, eu acredito que temos grandes chances de alcançar nossas metas aqui.
FAMÍLIA 4	Quero que minha filha faça faculdade. Quero viver bem no Brasil, pagar a faculdade e um plano de saúde. Ganhar um salário que a gente possa viver com conforto. Mas, eu acho isso difícil. Nós temos uma casa no Brasil, mas isso não é suficiente se você não tiver um bom trabalho.
FAMÍLIA 5	Nossa prioridade é a educação de nossos filhos. Se tudo der certo, quero ver minha filha na faculdade e viver nossa velhice – eu e meu marido – lá.
FAMÍLIA 6	Não quero que meu filho passe pela mesma dificuldade que a gente. Eu tenho esperança em poder dar uma vida melhor para ele e que ele tenha mais liberdade de escolha que nós.
FAMÍLIA 7	Eu quero dar uma vida confortável para minha filha.
FAMÍLIA 8	A gente está vivendo no Japão agora mas, eu queria que meu filho fosse para a faculdade um dia. Mas, eu acho isso muito difícil, porque ele quer sair da escola para trabalhar na fábrica.
FAMÍLIA 9	Quero comprar uma casa no Brasil e no Japão e dar uma educação melhor para nossos filhos, para que eles tenham uma vida melhor que a nossa.
FAMÍLIA 10	Saúde e educação são as duas coisas mais importantes. Eu não sei quando nós vamos voltar para o Brasil, mas, eu quero que nossa filha vá para a faculdade. Nossa expectativa como pais é a felicidade deles.
FAMÍLIA 12	Se você não estudar, vai ter que vir para Japão trabalhar.
FAMÍLIA 13	Quero comprar uma casa o interior de São Paulo e viver uma vida tranquila lá. Meu sonho é poder dar uma vida melhor para minha família e tenho expectativas muito boas sobre isso.
FAMÍLIA 14	Viver em uma bela casa e trabalhar no Brasil. Quero voltar para o Brasil e ter a chance de viver uma vida melhor. Estou confiante sobre isso. Se você pensar negativamente não consegue as coisas. É importante ter otimismo para alcançar os objetivos.
FAMÍLIA 15	Eu quero conseguir alcançar nossas metas e voltar para o Brasil. E, talvez, comprar uma casa no Japão.
FAMÍLIA 16	Quero que minha filha termine o ensino médio e quero que todos nós tenhamos saúde.
FAMÍLIA 17	Eu sonho que meu filho entre na universidade.
FAMÍLIA 18	Não tenho expectativas. Talvez, comprar uma casa, pagar aposentadoria privada e me aposentar. Sei que isso vai levar tempo, mas estou confiante que vou conseguir.
FAMÍLIA 19	Quero me aposentar no Brasil e morrer lá.
FAMÍLIA 20	Saúde em primeiro lugar. Quero continuar trabalhando com saúde. Quero aprender japonês. Como não sei japonês minhas chances são pequenas aqui.
FAMÍLIA 21	Quero viver no Brasil para poder ver minha filha terminando a faculdade. Fico ansiosa pensando nisso. Não sei dizer se vou conseguir.
FAMÍLIA 22	Quero continuar a trabalhar, mas não tanto como estou fazendo agora. Acho que se eu parar de trabalhar, vou ficar "caduco".
FAMÍLIA 23	A educação de nossas filhas está em primeiro lugar. Queremos ter um vida confortável no Brasil.
FAMÍLIA 24	Desejo a felicidade de nossos filhos. Quero vê-los indo para a faculdade e conseguindo um bom trabalho. Eu não tive a chance de fazer faculdade. Quero que com meus filhos seja diferente.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio E – COPING

E1: ESTILO DE COPING

Uma observação relacionada às diferenças culturais no estilo de *coping*, é que no Japão percebe-se o predomínio de atitudes de modo a evitar causar *Meiwaku* – inconveniência. Para isso, o japonês frequentemente, opta pelo *Gaman*, que define-se por tolerar. Nesse sentido, o comportamento dos japoneses tende a ser visto como passivo, do ponto de vista cultural brasileiro, enquanto os brasileiros tendem a serem vistos com padrões não tolerantes em relação aos estressores o que, por outro lado, tende a possuir conotação agressiva de comportamento do ponto de vista cultural dos japoneses.

O *coping* focado no problema correlaciona-se com baixa sensação de estresse, enquanto o *coping* focado na emoção, à alta sensação de estresse. A maioria dos participantes demonstrou o predomínio de *coping* focado no problema, mobilizando-se, conjuntamente, na resolução de conflitos familiares ou no trabalho. Verificou-se nas famílias que demonstraram tendência de *coping* focado na emoção, a presença de relatos de sintomas que podem estar relacionados ao estresse aculturativo.

TABELA 18: ESTILO DE COPING

FAMÍLIA 1	Quando temos problema a gente tentar resolver logo. Nada de levar problema para casa. Eu descarrego a raiva. Eu trabalho para minha família, então resolvemos as coisas em família.
FAMÍLIA 2	Se tenho algum problema, busco resolver logo o que está acontecendo.
FAMÍLIA 3	A maioria das vezes vamos resolver o problema. Outras vezes, deixamos para lá.
FAMÍLIA 4	Busco resolver o problema de maneira direta e franca.
FAMÍLIA 5	Se acho que não é importante, deixo para lá. Mas quando me incomoda, vou resolver. Mas, acho que o tempo é o melhor remédio.
FAMÍLIA 6	Não tenho paciência. Vou logo resolver o problema.
FAMÍLIA 7	Eu ignoro o problema.
FAMÍLIA 8	Meu marido não tem paciência. Ele já teve muitos problemas com o chefe dele por isso.
FAMÍLIA 9	Se não resolvemos o problema logo, ele vai chorando.
FAMÍLIA 10	Eu resolvo o problema logo. Minha mulher fica aguentando.
FAMÍLIA 11	Eu procuro conversar e resolver o problema da melhor maneira possível.
FAMÍLIA 12	Em geral, se algum problema acontece, resolvemos logo, com franqueza.
FAMÍLIA 13	Eu evito o problema.
FAMÍLIA 14	Resolvo direto no problema.
FAMÍLIA 15	Sou franca. Vou ao problema e resolvo.
FAMÍLIA 16	A família resolve os problemas unida.
FAMÍLIA 17	Eu resolvo o problema com muita franqueza.
FAMÍLIA 18	Eu não lido bem com o problema.
FAMÍLIA 19	Eu não consigo viver com algum problema. Tenho que resolver.
FAMÍLIA 20	Dem, vou buscar resolver as coisas à medida que forem aparecendo.
FAMÍLIA 21	Não dá para aguentar. Eu tenho que ir e resolver o problema.
FAMÍLIA 22	Eu tento não piorar as coisas e tento resolver.
FAMÍLIA 23	Minha reação é evitar o problema e, às vezes, ignorar mesmo.
FAMÍLIA 24	Se algum problema acontece, tento resolver o quanto antes. Quando a gente não diz o que tem para dizer, o problema aumenta.
FAMÍLIA 25	A gente quase não tem problema. Temos uma boa relação com a vizinhança, com o pessoal do trabalho e com os amigos.
FAMÍLIA 26	Primeiro, eu observo. Depois, eu tento um jeito de resolver.
FAMÍLIA 27	Eu tento não causar problema. Meu marido tem temperamento difícil. Ele diz tudo que pensa e causa muitos problemas.
FAMÍLIA 28	Eu resolvo os problemas francamente. Mas, geralmente, eu não me envolvo em problemas.
FAMÍLIA 29	Resolvo as coisas logo. Eu sou do tipo que diz o que quer dizer.
FAMÍLIA 30	Sou de procurar resolver as coisas. Já meu marido não é assim. Ele fica aguentando o problema até ficar doente.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio E – COPING

E2: RELIGIÃO E PERCEPÇÃO DA INFLUÊNCIA DA FÉ EM SUAS VIDAS

A maioria das famílias relatou ser de católicos não praticantes. Algumas (ou membros desta) relataram ter se convertido ao protestantismo no Japão, após a ocorrência de eventos significativos ou após experienciarem problemas conjugais. A religião e a fé apresentaram-se como *coping* importante, com o papel de aliviar o sofrimento e de fonte de ampliação da rede social dos participantes.

Estes resultados apresentaram padrão semelhante aos das famílias latinas nos EUA (Stone, 2005). Como mencionado anteriormente, nas regiões do Japão onde há concentração da *dekasseguis* brasileiros, é clara a expansão de igrejas protestantes abertas por brasileiros. É possível que isso ocorra, pois o número de igrejas católicas no Japão é pequena. Alia-se a isso o fato de que as missas não são conduzidas na língua portuguesa ou, pelo menos, não frequentemente. Aqueles que informaram a participação em atividades da igreja, expressaram a importância desta no papel de expansão de suas redes sociais em sua experiência de vida no Japão.

Todos os participantes relataram acreditar em Deus e ter fé. Ainda consideraram a fé mais importante que a participação em atividades regulares em alguma igreja específica. E relataram que, através desta, buscaram resolver conflitos internos e externos. Por essa perspectiva, após o suporte familiar, a fé e a religião apresentaram-se como meios significativos de *coping* dos participantes.

TABELA 19: RELIGIÃO E PERCEPÇÃO DA FÉ EM SUAS VIDAS

	RELIGIÃO	FÉ
FAMÍLIA 1	Somos católicos, mas minha filha começou a frequentar a igreja evangélica aqui no Japão.	Fé é algo muito importante. Fé em Deus é uma jeito de lidar com as dificuldades do dia-a-dia.
FAMÍLIA 2	Católico não-praticante	Uma pessoa sem religião e fé não é uma completa. Nós ensinamos nossa filha a rezar.
FAMÍLIA 3	Católico não-praticante. Rezamos em casa.	Acho importante. Quando estamos com algum problema a fé acalma nosso coração.
FAMÍLIA 4	Eu era uma pessoa muito estressada, com temperamento difícil. Então, eu comecei a ir na igreja evangélica. Na igreja eu aprendi a ter autocontrole. Nós éramos católicos no Brasil. Mas, nos convertimos no Japão.	Se um problema não tem solução, entregamos nas mãos de Deus. Coisas que não podem ser resolvidas pelas pessoas, Deus resolve. Quando estou com problema, pego a Bíblia e começo a ler. Quando você entende as palavras de Deus você entende por que está sofrendo.
FAMÍLIA 5	Nós éramos católicos fervorosos no Brasil. Sempre íamos à igreja, mas agora não temos tempo para ir.	Quando você acredita em Deus a vida se torna mais fácil e você não precisa se desesperar para resolver os problemas.
FAMÍLIA 6	Católico não-praticante.	Rezamos em casa. Quando você deseja coisas boas para os outros, tudo isso volta para você. Fé significa boas ações.
FAMÍLIA 7	Eu sou católico mas, não ia à igreja no Brasil, nem agora no Japão.	Às vezes leio a Bíblia. Fé é um suporte importante para os problemas diários.
FAMÍLIA 8	Católicos.	Mesmo sem ir à igreja, nós temos fé, que é o mais importante.
FAMÍLIA 9	Eu cresci numa família evangélica no Brasil. Mas, desde que eu era criança, eu já não ia à igreja com minha família. Não sei dizer qual a minha religião. Atualmente, tenho sentido admiração pelo Espiritismo.	Quando meu filho ficou doente, eu me desesperei. Daí, eu comecei a rezar pedindo a Deus para nos ajudar (ságrimas). Acredito que nosso filho melhorou, porque tivemos fé.
FAMÍLIA 10	Católico não-praticante.	Fé é o suporte para a vida.
FAMÍLIA 11	Católico não-praticante.	Se você tiver fé, você acalma sua alma.
FAMÍLIA 12	Católico não-praticante.	Eu nunca tinha passei por nenhum problema grave no Japão. Mas, acredito que a fé dá paz para o espírito.
FAMÍLIA 13	Eu estava indo a uma igreja evangélica no Japão. Agora eu rezo em casa mesmo.	Fé é muito importante. Uma pessoa que não acredita em Deus perde o sentido da vida.
FAMÍLIA 14	Católico não-praticante. No Japão estamos tão ocupados que não temos tempo de ir à igreja. No Brasil, íamos de vez em quando.	Acho que a fé dá poder para viver.
FAMÍLIA 15	Comecei a ir na igreja protestante no Japão, depois que meus filhos morreram. Fiquei muito mal. Era muita tristeza, ansiedade e saudade.	Por meio da fé, eu pude ter paz no meu coração. A fé tem esse efeito. A igreja também me ajudou a conhecer muitas pessoas que me ajudaram quando eu mais precisei.

Fonte: Recortes do autor.

TABELA 19: (CONTINUAÇÃO)

	RELIGIÃO	FÉ
FAMÍLIA 16	Aqui em Minokamo, temos igreja católica, mas a missa é em japonês e não sabemos japonês.	Peço ajuda a Deus. Fé é muito importante. Depois que eu rezo, me sinto melhor, calmo.
FAMÍLIA 17	Sou católica não-praticante. Mas meu marido se tornou evangélico no Japão.	Estamos sempre praticando nossa fé. Antes do jantar, agradecemos pela nossa comida.
FAMÍLIA 18	Católico não-praticante. No Japão não temos tempo para ir à igreja.	Quando temos problema, com fé podemos nos sentir melhor. É como achar uma saída para os problemas.
FAMÍLIA 19	Meu marido é evangélico. Eu sou católica não-praticante.	Eu tenho fé. Budismo e Catolicismo são as religiões mais importantes para mim. Em outras palavras, para mim ter fé não é ir para igreja. Uma pessoa pode ir à igreja, mas não ter fé.
FAMÍLIA 20	Católica. Assistimos à missa em Komaki, em português.	A vida é mais feliz quando temos fé.
FAMÍLIA 21	Protestante. No Brasil, nós íamos à igreja Batista.	Fé é tudo na vida.
FAMÍLIA 22	Católicos.	Quando você não tem fé, fica difícil lidar com os problemas da vida.
FAMÍLIA 23	Há 1 ano começamos a frequentar a igreja evangélica aqui.	Há muito tempo atrás eu tive um problema e pedi para Deus me ajudar. Eu ia sempre à igreja para aliviar o estresse. Hoje estou, não só frequentando a igreja, mas estudando teologia mais intensamente.
FAMÍLIA 24	Católico. Mas a igreja católica fica longe daqui, então eu comecei a ir na igreja evangélica.	Fé é importante. Sem fé não temos como entender as coisas. Rezamos em cada também.
FAMÍLIA 25	Católicos. Mas, desde que estamos no Japão, não temos ido à igreja.	Fé é muito importante. Fé, não é algo que pode ser visto, mas para ser sentido e só quem tem fé, de verdade, é que pode sentir.
FAMÍLIA 26	Protestante. No Brasil, frequentávamos uma igreja evangélica Niskey.	Fé é importante. Depois que chegamos no Japão, não estamos indo à igreja. A fé nos guia para fazer as melhores escolhas na vida.
FAMÍLIA 27	Íamos para as igrejas católica e protestante. Minha irmã é espírita. Agora temos ido a uma igreja evangélica que uma amiga nossa apresentou.	Nossa relação conjugal ficou melhor depois que passamos a ir para a igreja. A gente recebeu força e paz no coração.
FAMÍLIA 28	Eu comecei a frequentar a igreja protestante. No Brasil éramos católicos e íamos sempre na Seicho-no-ie também.	A vida sem fé seria muito difícil.
FAMÍLIA 29	Católica. Meus avós eram budistas, mas todos nossos amigos são católicos e eu passei a ser também.	Fé é um importante suporte. Depois que meus pais morreram, eu fiquei muito confusa e, descobri na fé a força para continuar vivendo.
FAMÍLIA 30	Somos católicos. Nós vamos a uma igreja católica na província de Yamanaishi.	A fé tem um papel importante para a vida. Quando não se tem fé, a vida fica bem complicado.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio E – *COPING*

E3: LIDANDO COM O ESTRESSE

Em se tratando das estratégias usadas pelas famílias para lidar com o estresse, predominaram respostas que apontavam a buscar do suporte dentro do grupo familiar, seguido de estratégias individuais (por exemplo, isolando-se ou saindo em caminhada), na companhia de outros amigos brasileiros e por meio da fé. Alguns participantes relataram que a relação familiar melhorou no Japão, provavelmente, pelo fato de que as mesmas tornaram-se nucleares após a experiência de migração. Neste sentido, os laços do núcleo familiar fortaleceram-se no Japão, com os membros buscando uns aos outros na resolução de conflitos emergentes.

TABELA 20: LIDANDO COM O ESTRESSE

FAMÍLIA 1	Gostamos de ir ao parque ou ao shopping juntos.
FAMÍLIA 2	Passamos o tempo juntos, em família.
FAMÍLIA 3	Gostamos de ficar em casa e ir ao shopping.
FAMÍLIA 4	Gostamos de jantar juntos e participar das atividades da igreja.
FAMÍLIA 5	Gostamos de ficar em casa.
FAMÍLIA 6	Não temos parentes no Japão, então saímos só nós aqui de casa.
FAMÍLIA 7	Vamos a piscina de bicicleta ou de trem.
FAMÍLIA 8	Saímos juntos no final de semana.
FAMÍLIA 9	Ficamos juntos em casa. Fomos juntos.
FAMÍLIA 10	Gostamos de sair juntos, em família, mas não temos muito tempo para aliviar o estresse.
FAMÍLIA 11	Saímos de carro para o shopping e para os koen (parques).
FAMÍLIA 12	Às vezes, saio com meus colegas do trabalho ou levo minhas filhas ao shopping.
FAMÍLIA 13	A melhor maneira de lidar com o estresse é rezando. Quem não tem fé pora as coisas.
FAMÍLIA 14	Fazemos churrasco com outros colegas brasileiros.
FAMÍLIA 15	Saímos juntos em família; fazemos churrasco com os amigos e bebemos.
FAMÍLIA 16	Nós assistimos filmes juntos e de caminhar também.
FAMÍLIA 17	Pescamos juntos, vamos ao onsen (termais), contemplamos a natureza.
FAMÍLIA 18	Minha filha gosta de ir ao cinema. Meu filho joga games em casa. Eu gosto de pescar.
FAMÍLIA 19	Saímos juntos e levamos o cachorro para passear e observar a natureza.
FAMÍLIA 20	Saímos com amigos. Fazemos churrasco.
FAMÍLIA 21	Primeiro, buscamos apoio entre nós mesmos em casa.
FAMÍLIA 22	Gostaria de poder caminhar mas sou preguiçosa e prefiro relaxar em casa, vendo filmes.
FAMÍLIA 23	Saímos, vamos ao shopping, descansamos em casa.

FAMÍLIA 24	Gostamos de ir ao restaurante brasileiro. Não gosto de comida japonesa.
FAMÍLIA 25	Meu marido joga vôlei. Gosto de conversar com amigos e fazer churrasco.
FAMÍLIA 26	Agora que eu tenho carro gosto de sair, ir aos parques. Olhar a natureza é uma boa maneira de relaxar.
FAMÍLIA 27	Saímos de casa juntos. Meu marido adora ir ao shopping para ver pessoas. Eu prefiro jantar em casa e conversar com meus amigos.
FAMÍLIA 28	Meu marido joga bola. Eu procuro rezar quando estou estressada.
FAMÍLIA 29	Nós saímos. Tentamos não ficar em casa. Gostamos de ver gente.
FAMÍLIA 30	Aqui perto de casa tem um shopping bem grande. Vamos sempre para lá.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio E – *COPING*

E4: A COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL

Quanto à participação das famílias em atividades dentro do grupo étnico, 17 das 30 famílias relataram participar ou ter desejo de participar de atividades correlatas à comunidade brasileira, tais como fóruns e festivais culturais. Dentre àquelas que relataram não participação ou disposição em fazê-lo destacaram-se justificativas como ausência de tempo ou mal estar em locais onde há concentração de brasileiros. Famílias que frequentam a igreja regularmente informaram que a rede social dos mesmos é formada, essencialmente, por membros da mesma igreja. Assim, enquanto o suporte social baseou-se na família, a rede social formada em torno das atividades da igreja foi destaque.

TABELA 21: COMPOSIÇÃO DA REDE SOCIAL

FAMÍLIA 1	Participaria se tivesse tempo.
FAMÍLIA 2	Gosto de participar.
FAMÍLIA 3	Quando tenho tempo, se houver algum evento da comunidade, gostaríamos de participar.
FAMÍLIA 4	Sempre participamos de atividades na igreja.
FAMÍLIA 5	Não participamos. Não gosto de lugares onde há muitas pessoas. Prefiro minha casa.
FAMÍLIA 6	Às vezes, participamos.
FAMÍLIA 7	Não temos amigos japoneses, procuramos compartilhar com brasileiros.
FAMÍLIA 8	Meu filho participa. Eu e meu marido não.
FAMÍLIA 9	Não participamos por falta de tempo.
FAMÍLIA 10	Eu já lido com brasileiros no trabalho todos os dias. Não temos tempo para esse tipo de coisa.
FAMÍLIA 11	Às vezes, participamos.
FAMÍLIA 12	Nunca participamos. Geralmente, trabalho no final de semana e tiro o domingo para descansar.
FAMÍLIA 13	Não temos tempo para participar.
FAMÍLIA 14	Só temos folga domingo. Ah, vamos ao supermercado, limpamos a casa, enfm, somos tão ocupados que não temos como participar.
FAMÍLIA 15	Eu participo das atividades na igreja.
FAMÍLIA 16	No domingo limpo a casa e faço compras. Não dá tempo.
FAMÍLIA 17	Quando tenho tempo, participo.
FAMÍLIA 18	Não participo. Não gosto de música brasileira.
FAMÍLIA 19	Aqui onde nós vivemos, não temos muitos eventos. Mas, se tiver tempo, participaria.
FAMÍLIA 20	É difícil. A igreja faz eventos, mas é complicado por causa da falta de tempo mesmo.
FAMÍLIA 21	Às vezes participamos de eventos que fazem na igreja.
FAMÍLIA 22	Não gosto de participar. Não gosto de lugares com muitos brasileiros (risos).
FAMÍLIA 23	Sempre que possível, participamos das atividades da igreja.
FAMÍLIA 24	Não tenho tempo. No domingo temos muitas coisas a fazer.
FAMÍLIA 25	Se tivesse tempo, participaria.
FAMÍLIA 26	Não tenho tempo, nem interesse em participar.
FAMÍLIA 27	Não participamos.
FAMÍLIA 28	Não sobra tempo para essas coisas. Temos muito a fazer no final de semana.
FAMÍLIA 29	Eu participo. Tenho uma boa relação com o pessoal da fábrica.
FAMÍLIA 30	Participo sempre que posso. Eu me relaciono bem com outros brasileiros.

Fonte: Recortes do autor.

Domínio E – *COPING*
E5: SENSO DE SUPORTE SOCIAL

O senso de suporte social das famílias acessadas seguiu o mesmo padrão do que verificado na prática: que é na família que os mesmos encontram um espaço de apoio, esteja essa no Japão ou no Brasil. Em segundo lugar, amigos ou parentes mais distantes que estão no Japão, a empregadeira para a qual trabalham e os irmãos da igreja, são quem a família recorreu ou recorrerá quando precisarem de ajuda. Por outro lado, nos relatos dos entrevistados, foi perceptível um senso de isolamento da família. As famílias encontram-se solitárias em seu pequeno núcleo, sem interação social significativa com os demais, sejam eles vizinhos ou outras famílias, brasileiras ou japonesas.

TABELA 22: SENSO DE SUPORTE SOCIAL

FAMÍLIA 1	Mesmo distantes, nosso apoio é nossa família que está no Brasil. Podemos (a família) contar com eles.
FAMÍLIA 2	Eu procuraria minha família em caso de algum problema grave. Em segundo, meus amigos no Japão.
FAMÍLIA 3	Em geral, pediríamos apoio à família.
FAMÍLIA 4	Na igreja, quando algum irmão tem algum problema, nós do grupo mesmo, buscamos ajudar. Nossa prioridade é o grupo da igreja. E, assim, a gente consegue ajudar uns aos outros.
FAMÍLIA 5	Pediria ajuda a família e amigos no Japão.
FAMÍLIA 6	Pedimos ajuda aos amigos no Japão.
FAMÍLIA 7	Quando minha filha fica doente, eu ligo para minha mãe que está no Brasil para ela me ajudar. Mas, eu tento, primeiro, resolver sozinho.
FAMÍLIA 8	Peço ajuda para minha irmã que está no Japão.
FAMÍLIA 9	Pedimos ajuda para nossos parentes no Japão. Mas a gente evita levar problemas para os outros e tenta resolver tudo entre nós mesmos.
FAMÍLIA 10	Pedimos ajuda para meus irmãos que moram no estado vizinho do nosso.
FAMÍLIA 11	Sinto-me apoiada aqui. Tenho meu marido e meus amigos no Japão.
FAMÍLIA 12	Nossa agência é boa. Então, primeiro, pediria ajuda a eles. Depois, tenho amigos aqui a quem poderia recorrer.
FAMÍLIA 13	Meu cunhado que mora no Japão, nos ajudaria. Ele é muito gentil e sempre nos ajuda.
FAMÍLIA 14	Tenho amigos brasileiros bem próximos aqui.
FAMÍLIA 15	Meu irmão é nosso vizinho e nos dá apoio. Também temos apoio dos irmãos da igreja.
FAMÍLIA 16	Aqui no Japão, não teríamos ninguém, além da nossa família, para nos ajudar.
FAMÍLIA 17	Temos mais amigos japoneses do que brasileiros. Pediria ajuda a eles.
FAMÍLIA 18	Sendo um problema financeiro, pediríamos ajuda a nosso parentes no Japão. Mas, se fosse um acidente, por exemplo, pediria socorro à empreiteira.
FAMÍLIA 19	Temos primos no Japão que moram perto da gente e podemos contar com eles.
FAMÍLIA 20	Nos sentiríamos apoiados por nossos amigos e cunhados que vivem aqui. Como não sabemos o dia de amanhã, é bom ter essa rede de apoio.
FAMÍLIA 21	Pediria a alguém da empreiteira para ajudar e também para nossos amigos da igreja.
FAMÍLIA 22	Pediria ajuda para minha chefe (brasileira) e para os colegas do trabalho. Não tenho medo, nem me sinto só aqui, porque tenho com quem contar.
FAMÍLIA 23	No momento não me sinto seguro no Japão. Poderia pedir ajuda para alguém da igreja, mas não me sinto seguro sobre isso.
FAMÍLIA 24	Pediria ajuda para meu cunhado. Também tenho uma sobrinha que fala japonês bem e poderia nos ajudar.
FAMÍLIA 25	Tenho irmão aqui no Japão e amigos também. Nossos parentes ajudam uns aos outros.
FAMÍLIA 26	Francamente, não temos suporte aqui. Penso em começar a frequentar a igreja, fazer amigos e estender minha rede de amizade assim como eu tinha no Brasil.
FAMÍLIA 27	Graças a Deus, até o momento, nunca precisei contar com alguém fora das famílias, mas acredito que posso receber apoio de um primo que mora aqui.
FAMÍLIA 28	Tenho uma irmã que vive no Japão e tenho também os amigos da igreja que podem ajudar.
FAMÍLIA 29	Bom, tenho amigos aqui. Se eu precisasse, em uma emergência, posso contar com minha irmã que mora na cidade vizinha.
FAMÍLIA 30	Tenho meus amigos que poderiam nos ajudar quando a gente precisasse.

Fonte: Recortes do autor.

9.5 RESULTADOS

9.5.1 RESULTADOS DO DOMÍNIO ESTRESSE ACULTURATIVO: COMPREENSÃO DOS FATORES CORRELATOS AO ESTRESSE.

A metodologia deste estudo foi em parte desenvolvida com a definição de presença ou ausência de estresse aculturativo como se segue: 1-3 fatores = baixo nível de estresse aculturativo; 4-5 fatores = baixo médio de estresse aculturativo; 6-10 fatores = alto nível de estresse aculturativo. Fatores correlatos ao alto nível de estresse aculturativo e fatores protetores contra o estresse aculturativo foram descritos, simbolicamente, como mostra-se abaixo:

- Proficiência no idioma: (●) fala japonês; (○) não fala japonês.
- Suporte social: (●) ausência de apoio social dentro e fora da família; (○) presença de apoio social dentro e fora da família.
- Escolaridade: (●) concluiu o Ensino Médio; (○) concluiu um curso superior.
- Readaptação no Brasil: (●) expectativas negativas; (○) expectativas positivas.
- Funcionamento familiar: (●) família funcional; (○) família disfuncional.
- Decisão de emigrar: (●) discordância entre os membros da família; (○) concordância entre todos os membros da família.
- Religião e fé: (●) não demonstração de fé ou não participação em atividades religiosas; (○) demonstração da fé e participação em atividades religiosas.
- Status como imigrante: (●) imigrante ilegal; (○) imigrante legal.
- Expectativas quanto ao futuro: (●) expectativas negativas; (○) expectativas positivas.

- Orientação aculturativa: (●) assimilativa ou marginalizativa; (○) segregativa ou integrativa.
- Discriminação: (●) experiência de discriminação objetiva e subjetiva; (○) não experiência de discriminação objetiva ou subjetiva.

Em relação a presença de estresse aculturativo, da amostra de 30 famílias, 3 apresentaram alto nível; 10 famílias apresentaram baixo nível de estresse e; 17 famílias, nível médio de estresse com base nos critérios desenvolvidos para este estudo.

Das influências principais no estresse aculturativo dos participantes, os fatores níveis baixos na proficiência quanto à língua japonesa, quanto ao suporte social e quanto à escolaridade e, ainda, ansiedade elevada quanto às expectativas sobre a readaptação no Brasil foram observados. Por outro lado, os fatores protetores contra o estresse aculturativo incluíram relação familiar funcional, concordância da família quanto à decisão de emigrar, religião e fé, *status* como imigrante, expectativas positivas sobre o futuro (alcance das metas migratórias) e, orientação aculturativa segregativa.

TABELA 23: FATORES CORRELATOS E PROTETORES - ESTRESSE ACULTURATIVO

PARTICIPANTES	Proficiência na língua nativa	Suporte social	Escolaridade	Anxiedade elevada quanto à reatopção no Brasil	Funcionamento familiar	Concordância quanto a decisão de emigrar	Religião/Is	Status como imigrante	Expectativas quanto ao futuro	Orientação aculturativa	Experiência de discriminação
FAMILIA 1	●	●	●	●	●	●	○	○	○	○	●
FAMILIA 2	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 3	●	●	●	●	○	●	○	○	○	○	●
FAMILIA 4	●	○	●	●	○	○	○	○	●	○	○
FAMILIA 5	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 6	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 7	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 8	●	●	●	○	●	●	○	○	○	○	●
FAMILIA 9	●	●	●	○	○	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 10	●	●	●	○	○	○	○	○	●	○	●
FAMILIA 11	●	○	●	○	●	●	○	○	●	○	●
FAMILIA 12	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 13	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 14	○	●	●	●	○	●	○	○	○	○	○
FAMILIA 15	●	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 16	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	●
FAMILIA 17	○	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 18	○	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 19	●	●	○	●	●	○	○	○	●	○	○
FAMILIA 20	●	○	●	●	○	●	○	○	○	○	○
FAMILIA 21	●	○	●	●	●	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 22	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 23	○	●	●	●	○	○	○	○	●	○	○
FAMILIA 24	●	○	●	●	○	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 25	●	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 26	●	●	●	●	○	○	○	○	●	○	●
FAMILIA 27	●	○	●	●	○	○	○	○	●	○	○
FAMILIA 28	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○	○
FAMILIA 29	●	○	●	●	●	○	○	○	●	○	○
FAMILIA 30	○	○	○	●	●	●	○	○	○	○	○

- Fatores correlatos ao estresse aculturativo.
- Fatores protetores contra o estresse aculturativo.

9.5.2 RESULTADOS DOS QUATRO DOMÍNIOS: ESTRUTURA FAMILIAR, MIGRAÇÃO TRANSNACIONAL, SISTEMA FAMILIAR E *COPING*.

1) *Estrutura familiar*: em sua maioria, as famílias formaram-se no Brasil, antes da migração e apresentaram estrutura nuclear, composta por pais e filhos.

2) *Migração transnacional*: os padrões apresentados pela amostra incluíram o retorno ao Brasil após três a quatro anos de vivência no Japão e uma nova experiência de migração ao Japão, predomínio de laços conjugais baseados no afeto e baixa proficiência na língua nativa. Os participantes relataram ter migrado ao Japão com fins financeiros, objetivando o alcance dessas metas no período médio de dois a três anos, a fim de comprar uma casa ou abrir um pequeno negócio no Brasil. Entretanto, os problemas na readaptação no Brasil os levaram a escolher o retorno ao Japão como a principal alternativa. Ainda, a percepção sobre a vivência como imigrante transnacional envolveu a estabilidade financeira e a experiência de viver no exterior como pontos positivos. A saudade do Brasil e a ansiedade quanto à readaptação foram tidos como negativos. Estas famílias demonstraram a tendência em continuar repetindo o ciclo de migração ao Japão – retorno ao Brasil e, uma nova experiência de migração, bem como, a incerteza – embora com otimismo, quanto ao futuro. Os pais relataram preocupação quanto ao futuro educacional de seus filhos, sem ter, contudo, a descrição de estratégias claras para a resolução da situação educacional dos mesmos, o que fez com que este tema fosse procrastinado dentro de sua condição, uma vez que suas prioridades são, diretamente, atreladas às metas migratórias, independente do tempo de permanência no Japão. Como resultado, os filhos também se encontram envolvidos no ciclo migratório e se tornam transnacionais como seus pais, o que repercute negativamente ao aumentar os riscos para

a evasão escolar e potencializa-os às atividades laborais não qualificadas no Japão. O lar apresentou-se como lugar desterritorializado que existe em seus sentimentos e este lar ou lar imaginário é representado pelo Brasil ou pelo lugar onde o núcleo familiar está. O Brasil representa o lar para se viver confortavelmente, um lugar idealizado, onde nele são depositadas expectativas positivas e esperança de viver um futuro melhor. Esse ideal talvez represente um mecanismo autodefensivo que os faz projetar as dificuldades vivenciadas no momento presente. Finalmente, o fato de que, para nipo-descendentes, migrar para o Japão é alternativa relativamente fácil, esta migração é vista como uma saída, uma porta aberta para os momentos de dificuldades financeiras.

3) *Sistema familiar*: as famílias demonstraram manter relações satisfatórias entre seus membros, mas são isolados com rede social reduzida dentro no Japão. O sistema familiar serve de principal apoio, sendo importante para preveni-los dos riscos do estresse aculturativo.

4) *Coping*: a família, a religião e a fé são os apoios principais que os ajudam a lidar com a rotina diária que é vista como difícil, especialmente, no sentido da longa jornada laboral. A religião apresentou-se como estratégia de *coping* utilizada por muitas famílias, o que se relaciona com o aumento de igrejas nas comunidades brasileiras no Japão.

9.6 A SITUAÇÃO DAS FAMÍLIAS BRASILEIRAS NO JAPÃO: PERSPECTIVAS

9.6.1 O QUE SE CONHECEU POR ESTES CAMINHOS?

Os estudos sobre imigração no Japão são, relativamente, novos. Nos últimos 20 anos, com o aumento do número de dekassegus brasileiros – os newcomers, estes estudos se intensificaram e se tornaram tema que atraiu a atenção de

pesquisadores japoneses e estrangeiros, principalmente, dos EUA, sobre o grupo, no campo da Sociologia, Antropologia e Educação. Com o início do “fenômeno de kassegui”, muitas crianças e jovens brasileiros passaram a compor o quadro de alunos nas escolas públicas japonesas, demonstrando, em parte, problemas de adaptação: *bullying*, na leitura e interpretação da língua japonesa, dificuldades na aprendizagem e imersão à nova cultura. A situação chamou a atenção de alguns pesquisadores da área da Educação no Japão. Os japoneses demonstram a preocupação em atender a esta demanda satisfatoriamente.

Todavia, estudos que tinham como base famílias brasileiras no Japão com filhos matriculados em escola brasileira inexistiam na época da pesquisa. Tal situação tornava estas famílias um público-alvo ainda desconhecido nas pesquisas e no pensar das políticas públicas. É comum entre os japoneses a visão de que estas famílias irão regressar ao Brasil, uma vez que escolheram educar seus filhos em escola brasileira para que a imigração não influenciasse negativamente na readaptação de seus filhos no Brasil. Contudo, o que se verificou aqui foi uma tendência muito parecida com àquelas famílias que escolheram as escolas públicas japonesas como local para educarem seus filhos: a do retorno incerto e uma possível permanência – significativamente longa ou definitiva –, no Japão.

São muitas as variáveis envolvidas no processo de adaptação de um grupo. Por um lado, existe o desconhecimento dos japoneses sobre as características culturais e da situação dos pais dos alunos que estavam recebendo. O mesmo acontecia em relação ao desconhecimento desses alunos e pais em relação ao sistema educacional do Japão. Esse desconhecimento parece agravar a relação dos dois grupos, o que os predispõem a vivência de conflitos em todas as áreas comunitárias de convivência. Por outro lado, os de kassegui, em sua maioria, seguem a adaptação de

orientação segregativa, sem manter, portanto, relação interpessoal significativa com os japoneses, atrapa-lhando o conhecimento da cultura, dos hábitos e regras dos japoneses. Porém, esta orientação não exclui o contato, uma vez que o espaço geográfico é compartilhado pelos dois grupos em muitos momentos qualificada.

No Japão, nas localidades onde há concentração de dekasseguis (províncias de Aichi, Gifu, Gunma, Mie, Shizuoka), fóruns e seminários ocorrem a fim de discutir a situação dos estrangeiros no local e melhorar a relação entre os nativos e grupos minoritários, assim como para repensar as práticas públicas para este segundo grupo.

Os estudos apresentados neste livro basearam-se nos estudos desenvolvidos em países com alta atratividade para imigrantes como Estados Unidos e Canadá, para que se pudesse correlacionar o que fora identificado nesses países em termos de adaptação junto ao grupo de dekasseguis brasileiros no Japão. Do que se conheceu, ao longo destes cinco anos de pesquisa, com base nesses estudos:

- Primeiro: no Capítulo 6, verificou-se que as famílias brasileiras no Japão são imigrantes transnacionais como mostrou estudos anteriores (Tsuda, 2003). Contudo, alguns aspectos singulares desse grupo foram citados, dentre eles, a vivência em lar idealizado, como forma de lidar com as dificuldades cotidianas.

- Segundo: no capítulo 7, apresentei os problemas inerentes à educação de jovens brasileiros no Japão, com base em estudos realizado com estudantes da escola brasileiras credenciada pelo Ministério da Educação do Brasil. A educação e o processo adaptativo desses jovens são temas de difícil acesso aos pesquisadores japoneses, uma vez que se evidencia a barreira linguística, o que me fez optar por escrever a tese totalmente em língua japonesa, com posterior

tradução ao inglês, na esperança de que a situação aqui apresentada pudesse auxiliar as autoridades japonesas para melhoria de suas práticas. Neste capítulo, algumas dúvidas presentes em professores japoneses foram respondidas: os jovens brasileiros no Japão possuem sonhos. Contudo, os mesmos encontram muitas dificuldades e vias mais rápidas – como o ingresso nas fábricas –, para alcançarem seus sonhos. As circunstâncias sociais a que estes jovens estão submetidos é barreira no planejamento de suas estratégias para a aquisição de uma profissão.

- Terceiro: no Capítulo 8, destaquei a qualidade da vida familiar, a partir da correlação entre importância e satisfação de variáveis significativas para esse bem-estar. Assim, descrevi que a insatisfação dessas famílias está ligada às questões de cunho pessoal, como a realização de desejos pessoais e momentos de lazer, em detrimento do trabalho exaustivo e a preocupação com o bem-estar de seus filhos.

- Quarto: no Capítulo 9, levantei questões inerentes à adaptação social e psicológica das famílias, considerando, *a priori*, a experiência de migração transnacional na saúde emocional destas, com base na abordagem de Estresse Aculturativo da psicologia transcultural. Descrevi, entre outras influências, o papel da família, da religião e da fé para a manutenção da saúde emocional dos participantes, a partir do uso destes mecanismos no lidar com os estressores da experiência de migração. Contudo, correlacionar diretamente a migração transnacional e o estresse aculturativo não foi possível, pois isso exigiria uma revisão dos métodos de acesso a estas informações, implicando na validação dos dados coletados.

9.6.2 IMPRESSÕES

A incerteza quanto ao retorno, aliada às dificuldades na readaptação no Brasil, reforça o senso de transitoriedade do dekassequi no Japão, prejudicando, neste grupo, o desenvolvimento de habilidades, como a língua japonesa, que poderiam ser úteis não apenas na adaptação no Japão mas como no regresso ao Brasil. Neste sentido, a palavra que mais senti nesta aproximação foi procrastinação. Entretanto, compreendi que isto ocorre como um mecanismo de defesa, como forma de defletir a situação concreta atual.

O papel que a tecnologia exerce na manutenção dos vínculos afetivos foi outro aspecto destacado neste trabalho. Mesmo distante de seus parentes no Brasil, estas famílias investem na manutenção desses vínculos que os mantêm ligados e os aproxima desta convivência prejudicada pelo distanciamento geográfico.

Em relação às economias, os dekassequis que migraram no início do movimento dekassequi, antes do estouro da Bolha Econômica japonesa em 1992, possuíam, além de melhores condições salariais, menos opções de serviços voltados para a comunidade brasileira (restaurantes, mercados de produtos brasileiros, boates, escolas brasileiras, salão de beleza, loja de roupas, etc.), o que torna a atualidade mais complexa para a aquisição das metas pré-migratórias, quando esta é ligada aos anseios de melhoria financeira para um retorno. É possível que estas mudanças também tenham afetado o padrão de orientação aculturativa, uma vez que as famílias que migraram ao Japão no início do movimento não tinham a opção da escola brasileira para educarem seus filhos no Japão, aumentando a tendência de orientação assimilativa.

Percebi que, alguns participantes, demonstraram senso de perda da própria direção, ainda que o desejo de retornar ao Brasil, passar a velhice e morrer no país de nascimento, tenha sido significativo. Em outras palavras, se não

pude viver, desejo, pelo menos, morrer no Brasil. Este sentimento é exemplo de que, para os imigrantes, mesmo aqueles que vivem com um senso de permanência temporária, experienciam o estresse aculturativo no processo de adaptação. Morar em outro país implicará no desenvolvimento – ou na preparação, da habilidade de readaptar-se no retorno ao país de origem e, quanto maior o tempo de afastamento geográfico da sociedade de origem, maior será essa dificuldade.

Chama-se a atenção para a identidade dos brasileiros que residem no Japão, uma vez que os mesmos possuem identidade de *dekassegui*, o que os diferencia dos *nikkeys* que vivem no Brasil e não experienciaram a migração ao Japão e dos japoneses no Japão. O que os torna um grupo minoritário, de fato, único.

Sinto que muitas famílias brasileiras, especificamente, as famílias com filhos em escolas brasileiras, havendo demanda de mão de obra, sairão da condição de temporários para residentes permanentes no Japão. Neste caso, surgem algumas questões: o que acontecerá aos seus filhos, matriculados em escola brasileira? Como viverão sua velhice sem o investimento presente em previdência social?

9.6.3 POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES E DE APROFUNDAMENTOS

Na área da psicologia transcultural, estudos relacionados aos imigrantes têm aumentado. Contudo, ainda há muito que se conhecer. O atendimento psicoterápico e, demais intervenções junto a imigrantes e suas famílias, tem sido uma importante demanda a ser atendida, uma vez que a maior parte das intervenções da psicologia visa a atender a maioria da população, deixando as minorias desassistidas neste sentido e, deste modo, há muito que se fazer em termos de pesquisa e intervenção.

A escassez de profissionais da saúde mental para a-

tender aos brasileiros no Japão, ou para o desenvolvimento de pesquisas com vistas à melhoria das políticas públicas para a população brasileira no Japão, é uma das barreiras a ser vencida. No Japão, essa carência também existe em relação às outras etnias no país, como o caso da minoria filipina que tem migrado para o Japão para atuar como helper (cuidador) no cuidado à população idosa japonesa.

Programas que trabalhem a relação familiar e grupos terapêuticos podem ser desenvolvidos com o objetivo de melhorar o processo adaptativo destes imigrantes, consistindo em um novo e importante instrumento para uma adaptação positiva, atendendo às necessidades do contexto multicultural, bem como, considerando as necessidades específicas dos brasileiros no Japão.

Sobre a importância do domínio da língua local, percebeu-se que a limitação na habilidade em língua japonesa os afasta das possibilidades de progredir para um trabalho qualificado no Japão e, ainda, podem-se levantar dúvidas quanto aos aspectos emocionais que isso envolve. Como viver anos em um país, com a limitação comunicativa? Quais as consequências emocionais dessa vivência?

Das crianças brasileiras que nasceram num “mundo brasileiro no Japão” surge a questão: como ajudá-las no caminho de volta? A readaptação das mesmas é realmente mais fácil pela aproximação cultural? E as que não retornarão? Tornar-se-ão mão de obra não qualificada no país?

Descrevo aqui, três problemáticas gerais em relação a este grupo, para fins de pesquisas futuras e políticas públicas: primeiro, a questão da previdência social e tratamento médico; segundo, a educação e a continuidade dos estudos de jovens brasileiros no Japão e no Brasil, a fim de se evitar a evasão e a possibilidade de competir em igualdade com jovens japoneses no Japão e também na sociedade brasileira

e; terceiro, que com o crescimento da economia brasileira, o retorno de dekasseguis ao Brasil se tornará mais frequente e, isto exigirá a qualificação dessa mão de obra para o mercado brasileiro.

REFLEXÕES FINAIS

No início do mês de março de 2009, eu concluía meu doutorado na Nagoya City University e me preparava para meu retorno ao Brasil. O Japão vivia o pesadelo de uma grave recessão econômica e talvez tenha sido o fator que mais afetou os dekasseguis desde o início desde movimento no início de 1990.

Foi lamentável ver o quanto isto afetava as famílias de brasileiros no Japão e, também, a escola brasileira na qual atuei por cinco intensos anos de minha vida.

Levei meu trabalho ao então prefeito da cidade de Minokamo, na província de Gifu, com a esperança de que, conhecendo alguns aspectos da vida dos brasileiros residentes na cidade, ele poderia melhorar as políticas públicas voltadas a este grupo.

Retornar ao Brasil, após este longo período de estudos no Japão foi, para mim, uma experiência dolorosa e repleta de incertezas. Deparei-me, eu mesma, vivenciado a temida readaptação. Entretanto, a resiliência que desenvolvi ao longo dos anos me ajudou a aproveitar todo o processo, que envolveu saudade, tristeza e muitas, muitas mudanças nas minhas perspectivas pessoais e profissionais.

Meu objetivo nessa jornada não foi o de, limitadamente, apresentar problemas, mas, de apontá-los como contribuição para a melhoria da vida desta comunidade. Minha visão em relação a estas experiências é, resumidamente, de luta, de esforço emocional e de crescimento pessoal. Nenhuma pessoa, que experiência o processo de imigração, retornará a seu país sem sofrer mudanças na sua percepção

de mundo. As experiências estão lá e, dependerá de cada um o que fazer delas.

Assim, acredito que viver no Japão pode sim ser uma experiência transformadora em termos de crescimento pessoal. Mesmo quando os objetivos iniciais foram transformados, ou não alcançados. Ainda assim, é possível vislumbrar novas possibilidades, cada vez melhores de vida. E, a experiência como dekassegui, neste sentido, tem muito a ensinar. Para isso, é necessária uma disposição individual para aprender; o que dependerá das escolhas de cada pessoa, da responsabilidade por si mesmo e pela sua família e da coragem de perceber suas necessidades, seus desejos, de encará-los como desafios e superá-los. Quem supera a si mesmo, supera o mundo. Que tenhamos medo, mas que ele não seja tão grande para nos paralisar.

MINNA-SAN: GANBATTE!

Luciane Patrícia Yano

REFERÊNCIAS

(INGLÊS E PORTUGUÊS)

A guerra contra a evasão escolar: municípios com grande concentração de brasileiros buscam soluções criativas para colocar jovens na escola. (2002, December 21). International Press Japan – IPC Digital. Comunidade brasileira. Edição 751.

Aboud, F. (1981). Acculturation and Intercultural Relations. In J. Berry, Y. H. Poortinga & P. R. Dasen, *Cross-cultural psychology: research and applications* (pp.345-383). (2nd Ed.). Cambridge University Press.

Alegría, M., Mulvaney-Day, N., Torres, M., Polo, A., Cao, Z., & Canino, G. (2007). Prevalence of Psychiatric Disorders Across Latinos Subgroups in the United States. *American Journal of Public Health*; January 2007; 97, 1; Health and Medical Complete. Page 68.

Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. 25th Anniversary Edition. Perseus books, Cambridge, Massachusetts, USA.

Altrocchi & Altrocchi, 1995; Schmitz,1992a; Ward & Kennedy, 1993a, Ward & Kennedy,1993a, Ward,1996. Acculturation and intercultural relations. In J. W. Berry, Y.H.Poortinga & P. R. Dasen, *Cross-cultural psychology: research and applications* (pp.345-383). (2nd ed.). Cambridge University Press.

Antoniazzi, A.S., Dell Aglio, D. D., Bandeira, D. R. (1998). *O conceito de Coping: uma revisão teórica. Estudos de Psicologia*, 3 (2), 273-294. Universidade Federal do Rio Grande

do Sul. Brasil.

Arends-Tóth, J., & Van de Vijver, F. J. R. (2006). Assessment of Psychological Acculturation. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Asakura, T., Gee, G., Nakayama, K., Niwa, S. (2008). Returning to the “Homeland”: Work-Related Ethnic Discrimination and the Health of Japanese Brazilians In Japan. *American Journal of Public Health*. April 2008, Vol 98, No 4.

Asakura, T., Murata, A. K. (2006). Demography, Immigration Background, Difficulties with living in Japan and Psychological Distress among Japanese Brazilians in Japan. *Immigrant Health*. 8: 325-338.

Azar, B. (1996). Wider Path to cultural Understanding. Researchers move toward a multicultural, rather than a linear, model of acculturation. Article. *In American Psychology Association*.

Bacallao, M. L., Smokowski, P. R. (2005). “Entre Dos Mundos” (Between Two Worlds): Bicultural Skills Training with Latino Immigrant Families. *Springer Science & Business Media, Inc.* 2005.

Ballone, G. J.(1999) - Estresse, in. PsqWeb, programa de Psiquiatria Clínica na Internet, <http://meusite.osit.com.br/ballone/>, Campinas, SP, 1999.

Bateson, G. (2000). Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology. University of Chicago Press. USA.

BCSP (Bicultural Competence Skills Program). *Guide for Effective Programs for Children and Youth*. 2001. Accessed in 05/12/2006. www.childtrends.org

Beltrão, K. I. (2006). Permanentemente temporário: de kassejis brasileiros no Japão. *Rev. bras. estud. popul.* vol.23 no.1 São Paulo Jan./June 2006.

Benbow, S. M., Marriott, A. (1997). Family Therapy with Elderly People. *Advances in Psychiatric Treatment* (1997), vol. 3, pp. 138-145.

Berry, J. W., Phinney, J. S., Sam, D. L., Kwak, K. (2006). Introduction: Goals, and Resources Framework for Studies Immigrants Youth. *Immigrant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Berry, J. W., (2006). Design of Acculturation Studies. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Berry, J. W. (1990); Berry & Sam (1997). Acculturation. In Human Behavior in Global Perspective: *An Introduction to Cross-Cultural psychology* (p. 301-312). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Berry, J. W. (1990). Types of Acculturation Groups. In Human Behavior in Global Perspective: *An Introduction to Cross-Cultural psychology* (p. 304). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Berry, J. W., (1994). Acculturative Stress. *Psychology and Culture*. Chapter 30. Allyn & Bacon. USA.

Berry, J. W., (2006). *Acculturative Stress. Handbook of Multi-cultural Perspectives on Stress and Coping*. International and Cultural Psychology Series. Springer.

Berry, J. W., (2006). Stress Perspectives on Acculturation. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Berry, J. W., Dasen, P. R., Saraswath, T. S. (1997). Basic processes and human development. *Vol. II of Handbook of cross-cultural psychology* (2nd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall. M. H., Dasen, P. R. (2002). *Cross-cultural Psychology: Research and applications* (2nd ed.). Cambridge University Press. United Kingdom.

Berry, J. W., Segall, M. H, Kagitcibasi, C. (1997). *Handbook of Cross-Cultural Psychology: Social Behavior and Applications. Acculturation and Adaptation*. P.291-326. Vol. III (2nd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Berry, J.W., Annis, R. (1974). The Role of Ecology, Culture and Differentiation. *Journal of Cross-cultural Psychology*, Vol. 5 No. 4, December 1974.

Berry, J.W., Phinney, J. S., Sam, D. L., Vedder, P., (2006). *Immigrant Youth: Acculturation, Identity, and Adaptation*. International Association for Applied Psychology, Published by *Blackwell Publishing*. MA - USA.

Bhattacharya, G. (2002). Drug abuse risks for acculturating immigrant adolescents: Case study of Asian Indians in the United States. *Health & Social Work*. Silver Spring: Aug 2002. Vol. 27, Iss. 3; pg.175, 9 pgs.

Bhattacharya, G., Schoppelrey, S. L. (2004). Preimmigration beliefs of life success, postimmigration experiences, and acculturative stress: South Asian Immigrants in the United States. *Journal of Immigrant Health*. Apr. 2004. Vol.6, Iss.2; pg.83.

Bochner, S., (2006). Sojourners. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Bracey, J.R., Bamaca, M. Y., Umana-Taylor, A. J., (2004). Examining Ethnic Identity and Self-Steem Among Biracial and Monoracial Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, Vol. 33 No. 2, April 2004, pp. 123-132.

Braz, M. P., Dessen, M. A., Silva., N. L. (2005). Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, 18 (2), pp. 151-161. Brasil.

Brewer,1991; Berry,1999a; Kalin & Berry,1995 Acculturation and intercultural relations. In J. W. Berry, Y. H. Poortinga & P. R. Dasen, *Cross-cultural psychology: research and applications* (pp.345-383). (2nd ed.). Cambridge University Press.

Brislin, R.W. (1994). Preparing to Live in Work Elsewhere. *Psychology and Culture*. Chapter 34. Allyn and Bacon. USA.

Camilleri, C. & Mallewska-Peyre, H. (1997). Socialization and identity strategies. In J. W. Berry, P. R. Dasen, & T. S. Saraswathi (Eds.), Basic processes and human development (pp.41-68). *Vol. II of Handbook of cross-cultural psychology* (2nd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Camilleri, C. (1990). Socialization and identity strategies. In J. W. Berry, P. R. Dasen, & T. S. Saraswathi (Eds.), Basic processes and human development (pp.41-68). *Vol. II*.

Camilleri, C., & Mallewska-Peyre, H. (1997). Socialization and identity strategies. In J. W. Berry, P. R. Dasen, & T. S. Saraswathi (Eds.), *Basic processes and human development* (pp.41-68). *Vol. II of Handbook of cross-cultural psychology (2nd ed.)*. Boston, MA: Allyn & Bacon.

Castro, V. S., (2003). *Acculturation and Psychological Adaptation*. Greenwood Press. London.

Chung, C. Moos, R. H., & Cronkite, R. C., (2006). Culture: A Fundamental Context for the Distress and Coping Paradigm. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. International and Cultural Psychology Series. Springer.

Coleman, J. C., & Hendry, L. B. (1999): *The Nature of Adolescence. Adolescence and society series*. Routledge. Third Edition. London and New York.

Collier, C. (2004). The Assessment of Acculturation. In *Comprehensive Handbook of Multicultural Psychology*. Pre- publication.

Crockett, L., Iturbide, M. I., Torres Stone, R. A., McGinley, M., Raffaelli, M., Carlo, G. (2007). Acculturative Stress, Social Support, and Coping: Relation to Psychological Adjustment among Mexican American College Students. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, Vol. 13, No. 4, 347-355.

Culhane, S. F. (2004). An Intercultural Interaction Model: Acculturation Attitudes in Second Language Acquisition. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*. Vol. 1, No. 1, pp. 50-61. Centre for language Studies. National University of Singapore.

- Cummins, J. (1991). Language Development and Academic Learning. *Language, Culture and Cognition*. Clevedon - Multicultural Matters.
- Damji, T., Clément, R., Noels, K. A. (1996). Acculturation Mode, Identity Variation, and Psychosocial Adjustment. *The Journal of Social Psychology*. August 1996 ; 136, 4 ; Health and Medical Complete.
- De Carvalho, D. (2003). *Migrants and Identity in Japan and Brazil: The Nikkeijin*. Routledge Curzon. London and New York.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2008). *Psicologia das Habilidades Sociais: terapia, educação e trabalho* Editora Vozes. Rio de Janeiro. Brasil.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (2009). *Psicologia das Habilidades Sociais: diversidade teórica e suas implicações*. Editora Vozes. Rio de Janeiro. Brasil.
- Dessen, M. A., Torres, C. (2002). *Family and Socialization Factors in Brazil: An Overview*. Online Readings in Psychology and Culture, Unit 13, Chapter 2. (<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, USA.
- Donà, G., & Ackermann, L. (2006). Refugees in Camps. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.
- Drever, E. (1995): *Using Semi- Structured Interviews in Small-Scale Research*. The SCRE Centre Publication.
- Dyal, J.A., Dyal, R.Y. (2002). *Acculturation, Stress and Coping: Some*

implications for Research and Education. Science Direct-International Journal of Intercultural Relations: Acculturation, Stress.

Endler, N., & Parker, J. (1990). Multidimensional assessment of coping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 844-854.

Erikson, E. H. (1950, 1995). *Childhood and Society*. Eight ages of man. Ch.7. W.W. Norton & Company. New York/London.

Estudantes sofrem ljime no Brasil. (2002, August 3). *International Press - IPC Digital*. Comunidade brasileira. Edição 567.

Evangélicos chamam a atenção dos brasileiros. (2003, February 1). *International Press Japan - IPC Digital*. Comunidade brasileira. Edição 593.

Falicov, C. J. (2005). Emotional Transnationalism and Family Identities. *Family Process*. Rochester: 2005. Vol. 44, Iss. 4; pg. 339, 8 pgs.

Falicov, C. J. (2007). Working with Transnational Immigrants: Expanding Meanings of Family, Community, and Culture. *Family Process*. Vol. 46, No. 2, 2007. FPI, Inc.

Farver, J. A. M., Lee-Shin, Y. (2000). Acculturation and Korean-American Children's Social and Play Behavior. *Blackwell Publishers Ltd*. 2000. Uk.

Finch, B. K., Vega, W. A. (2003). Acculturation Stress, Social Support, and Self-Rated. Health among Latinos in California. *Journal of Immigrant Health*, July, 2003; 5, 3; Health & Medical Complete.
Fonseca, C. (2002). Multiple Motherhood: Reflections on Certain Brazilian Cases. *Psicol. USP* [online]. vol. 13, no. 2

[cited 2007-05-05], pp. 49-68. Available from: (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200005&lng=en&nrm=iso). ISSN 0103-6564.

Frey, R. J. (2007). Family Therapy: Definitions. Health-Medical Encyclopedia in [www. answers.com](http://www.answers.com). Accessed in 1/1/2007.

Furtado, E. de S., Falcone, E.M. O., Clark, C. (2003). Avaliação do estresse e das habilidades sociais na experiência acadêmica de estudantes de medicina de uma universidade do Rio de Janeiro. *Integração em Psicologia*, 2003, 7(2), p. 43-51.

Georgas, J. (2003). Family: Variations and changes across cultures. In W. J. Lonner, D., L., Dinnel, S. A. Hayes, & D., N., Sattler (Eds.), *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 13, Chapter 3),(<http://www.wvu.edu/~culture>), Center for Cross-Cultural Research, Western Washington University, Bellingham, Washington, USA.

Georgas, J. (2006). Families and family Change. *Families Across Cultures: A 30 Nation Psychological Study*. Cambridge University Press. UK.

Gerstle, G. (2002) American Crucible: Race and Nation in the Twentieth Century. Princeton University Press. USA & UK.

Grossarth-Maticek, R., & Eysenck, H. J. (1990). Personality, stress and disease: Description and validity of a new inventory. *Psychological Reports*, 66, 335-373

Guinn, B., & Vicent, V. (2002). Determinants of Coping Responses Among Mexican American Adolescents. *The Journal of School*

Health. April 2002; 72, 4. Health and Medical Complete.

Haase, V. G. (2006). Stress e Coping na idade adulta e na velhice. Laboratório de Neuropsicologia do Desenvolvimento. *Departamento de Psicologia*. FAFICH - Universidade Federal de Minas Gerais.

Hadwiger, S. (2005). Acculturation and Diabetes in a New Hispanic Community. *Hispanic Health Care International*, Vol. 3, No. 3, 2005.

Hall, S., & Du Gay, P. (1996) eds. *Questions of Cultural Identity*. Sage Publications. London, Thousand Oaks and New Delhi.

Hermans, H. J. M., & Dimaggio, G. (2007). Self, Identity, and Globalization in times of Uncertainty: a Dialogical Analysis. *Review of General Psychology*. Copyright 2007 by American Psychological Association.

Hirabayashi, L. R., Yano, A. K., Hirabayashi, J. A. (2002) : The impact of Contemporary Globalization on Nikkei Identities . *In New World, New Lives: Globalization and people of Japanese descent in the Americas and from Latin America in Japan*. Ch. 2. p 19. Stanford University Press. California. USA.

Hoffman, L., Marquis, J., Poston, D., Summers, J., Turnbull, A. (2006). Assessing Family Outcomes: Psychometric Evaluation of the Beach Center Family Quality of Life Scale. *Journal of Marriage and Family*, 68 (November - 2006): 1069-1083.

Hoffman, P. D., Fruzzetti, A., & Swenson, C. (1999). Dialectical Behavior Therapy- Family Skills Training. *Journal of Family Process*, 38: 399-414, 1999.

Horenczyk, G. (1996). Migrant identities in conflict: acculturation attitudes and perceived Acculturation ideologies. In G. Breakwell & Lyons (Eds.), *Changing European identities* (pp.241-50). Oxford: Butterworth-Heinemann.

Hovey, J. D. (1999). Psychological Predictors of Acculturative Stress in Central American Immigrants. *Journal of Immigrant Health*; Oct 1999; 01 4; Health & Medical Complete.

Hovey, J. D. (2000). Acculturative Stress, Depression and Suicidal Ideation Among Central American Immigrants. *Suicide & Life-Threatening Behavior*, Summer 2000; 30, 2; Health and Medical Complete.

Hovey, J. D. (2000). Psychosocial Predictors of Acculturative Stress in Mexican Immigrants. *The Journal of Psychology*. September, 2000. 134, 5; Health and Medical Complete. Page 490

Hovey, J. D., Magana, C. (2000). Acculturative Stress, Anxiety, and Depression among Mexican Immigrant Farmworkers in the Midwest United States. *Journal of Immigrant*, Vol.2, no. 3, 2000.

Hyman, I., & Dussault, G. (2000). Negative Consequences of Acculturation on Health Behaviour, Social Support and Stress Among Pregnant Southeast Asian Immigrant Woman in Montreal: An Exploratory Study. *Canadian Journal of Public Health*. Ottawa: September/October.

Kagitçibasi, Ç. (2006). Theoretical Perspective on Family Changes. *Families Across Cultures: A 30-Nation Psychological Study*. Chapter 3. (p. 72-89). Cambridge University Press.

Kirmayer, L. J., Weinfeld, M., Burgos, G., du Fort, G. G., Lasry, J. C., Young, A. (2007). Use of Health Care Services for Psychological Distress by Immigrants in an Urban Multicultural Milieu. *Canadian Journal of Psychiatry*, May 2007; 52, 5; Health and Medical Complete.

Kitayama, S., & Markus, H., R., (1994). Emotion and Culture: Empirical Studies of Mutual Influence. *American Psychological Association*. Washington, DC. USA.

Klaassen, D. W., McDonald, M. J., & James, S. (2006). Advances in the Study of Religious and Spiritual Coping. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. International and Cultural Psychology Series. Springer.

Kozłowska, K., & Hanney, L. (2002). The Network Perspective: An Integration of Attachment and Family Systems Theories. *Family Process*, Fall 2002; 41, 3; Health & Medical Complete.

Krause, N., Goldenhar, L. M. (1992). Acculturation and Psychological Distress in Three Groups of Elderly Hispanics. *Journal of Gerontology: Social Sciences*, Vol. 47, No 6, S279-S2888.

Kurman, J., Ronen-Eilon, C. (2004). Lack of Knowledge of a Cultures Social Axioms and Adaptation Difficulties Among Immigrants. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol. 35 No. 2, March 2004 192-208. Western Washington University.

Lam, A. G., Zane, N. W. S. (2004). Ethnic Differences in Coping With Interpersonal Stressors: A Test of Self-Construals as Cultural Mediators. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol. 35 No. 4, July 2004 - 446-459. Sage Publications.

Lazarus, R. S. (1999). *Stress and Emotion: a new synthesis*. Springer publishing Company. New York. USA.

Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, Appraisal and Coping*. Springer Publishing Company Inc. New York. USA.

Leclere, F. B., Jensen, L., Biddlecom, A. E. (1994). *Health Care Utilization, Family Context, and Adaptation Among Immigrants to the United States*. *Journal of Health and Social Behavior*; Dec 1994; 35, 4; *Health & Medical Complete*, p. 370.

Lesser, J. (1999): *Negotiating National Identity: Immigrants, Minorities, and the Struggle for Ethnicity in Brazil*. Duke University Press. Durham & London.

Lesser, J. (2002): In Search of the Hyphen: Nikkei and the struggle over Brazilian National Identity . In *New World, New Lives: Globalization and People of Japanese descent in the Americas and from Latin America in Japan*. Stanford University Press. Ch. 3. p. 36. California. USA.

Lesser, J. (2003): Japanese, Brazilians, Nikkei: *A short History of Identity Building and Homemaking* . In *Searching for home abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism*. Duke University Press. p 5-19.

Linger, D. T. (2001); *No One Home: Brazilians selves remade in Japan*. Stanford University Press. Stanford, California, USA.

Lipp, M. E. N. (2001). Estresse emocional: a contribuição de estressores externos e internos. *Revista de Psicologia Clínica*, Vol. 28.

Lonner, W. J., & Malpass, R. S. (1994). The Stresses, Strains, and Challenge Facing Humans in Transition. Section VI. *Psy-*

chology and Culture. Allyn & Bacon. USA.

Mallewska-Peyre, H. (1988). Socialization and identity strategies. In J. W. Berry, P. R. Dasen, & T. S. Saraswathi (Eds.), *Basic processes and human development* (pp.41-68). *Vol. II of Handbook of cross-cultural psychology* (2nd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM- IV-TR (2000). 4ª. Edição Revisada. Artmed. Porto Alegre. Brasil.

Marín, G. (1994). The Experience of Being a Hispanic in the United States. *Psychology and Culture*. Allyn & Bacon. USA.
Markus, H.R., & Kitayama, S. (1994). *Emotion and Culture: Empirical Studies of Mutual Influence*. American Psychological Association. Washington, DC. USA.

Markus, H.R., & Kitayama, S. (1994). *Emotion and Culture: Empirical Studies of Mutual Influence*. American Psychological Association. Washington, DC. USA

Markus, H.R., & Kitayama, S. (1991). *Culture and Self: Implications for Cognition, Emotion, and Motivation*. *Psychological Review*. Vol. 98, No. 2, 224-253. Copyright by American Psychological Association. Washington, DC. USA.

Martinez Jr., C. R. (2006). Effects of Differential Family Acculturation on Latino Adolescent Substance Use. *Family Relations*, 55 (July 2006), 306-317. Blackwell Publishing. Copyright 2006 by the National Council on Family Relations.

Matsumoto, D., Hirayama, S., & LeRoux, J. A. (2006). Psychological Skills Related to Intercultural Adjustment. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. International

and Cultural Psychology Series. Springer.

Mausonnave, F., & Doretto, J. (2003). *Dekasegis vivem crise de identidade no Japão*. CMI Brasil. In: www.midiaindependente.org.

May, D. (2003). Theories of Integration Revisited: Towards an Interactive Model of Integration Strategies. Paper given at the 6th Conference. *Academy for migrant Studies in Denmark*. Aalborg Universitet. By Network.

Medeiros, E. (2003). Dekasegi: Aspectos Psicossociais e Psiquiátricos. Artigo. *Associação Apoio aos Dekasegis*. Curitiba, PR, Brasil.

Messias, D. K. H. (2001). Transnational Perspectives on Women's Domestic Work: Experiences of Brazilian Immigrants in the United States. *Women and Health*. Old Westbury: Oct 31, 2001. Vol.33, Iss.1/2; pg. 1

Ministério da Educação e Cultura – MEC. *Relação de escolas brasileiras no Japão*. In www.portalmec.gov.br. Accessed in 02/ novembro/2005.

Ministério da Educação e Cultura do Brasil (MEC): *Lei de Diretrizes e Bases (LDB 1996)*. Disponível pela Internet. www.mec.gov.br

Minuchin, P. (2002). Cross-Cultural perspectives: Implications for Attachment theory and Family Therapy. *Family Process*; Fall 2002; 41,3; Health & Medical Complete, pg. 546.

Moniz, N. H. (2002): Race, Gender, Ethnicity, and the Narrative of National Identity in the Films of Tizuka Yamazaki. In *New World, New Lives: Globalization and people of Japa-*

nese descendent in the Americas and from Latin America in Japan. Ch. 13. p. 220. Stanford University Press. California. USA.

Mori, E. (2002): The Japanese-Brazilian Dekasegi Phenomenon: An economic Perspective. In *New World, New Lives: Globalization and people of Japanese descendent in the Americas and from Latin America in Japan*. Ch. 14. p. 237. Stanford University Press. California. USA.

Muramoto, Y. (2006). Japan: Tradition and Change in the Japanese Family. *Families Across Cultures: A 30 Nation Psychological Study*. Cambridge University Press. UK.

Murphy-Shiguematsu, S. (2000). Cultural Psychiatric and Minority Identities in Japan: a Constructivist Approach to Therapy. *Psychiatric*; Winter 2000; 63, 4; *Health and Medical Complete*, Page 371.

Nascimento, A. M. (2006). População e família brasileira: ontem e hoje. Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambú-MG, Brasil (setembro/2006).

Nesdale, D., & Mak, A. (2002): *Ethnic Identification, self-esteem and immigrant psychological health*. *International Journal of Intercultural Relations*. 27 (2003) 23-40. Pergamon.

Ninomiya, M. (2002): The Dekasegi Phenomenon and the Education of Japanese-Brazilian Children in Japanese Schools. In *New World, New Lives: Globalization and people of Japanese descendent in the Americas and from Latin America in Japan*. Ch. 15. p. 245. Stanford University Press. California. USA.

Noh, S., Kaspar, V. (2003). Perceived discrimination and depression: Moderating effects of coping, acculturation, and ethnic support. *American Journal of Public Health*. Washington:

Feb, 2003. Vol. 93, Iss. 2; pg. 232, 7 pgs. of *Handbook of cross-cultural psychology (2nd ed.)*. Boston, MA: Allyn & Bacon.

Oh, Y., Koeske, G. F., & Sales, E. (2002). Acculturation, Stress and Depressive Symptoms Among Korean Immigrants in the United States. *Journal of Social Psychology*, August 2002. VOL. 142. Issue 4, P. 511-526.

Ojeda, N. (2006). Familias transfronterizas y familias transnacionales: dos conceptos en construcción en el caso México-Norteamericano. *San Diego State University*. USA.

Onishi, A., Murphy-Shigematsu, S. (2003). Identity Narrative of Muslim Foreign Workers in Japan. *Journal of Community & Applied Social Psychology*. J. Community Appl. Sco. Psychol., 13: 224-239 (2003).

Oppedal, B.(2006). Development and Acculturation. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Organista, P. B. (2002). Overview of the relation between acculturation and Ethnic Minority Mental Health. In *Acculturation: Advances in Theory, Measurement, and Applied Research*. Ch. 7. 2002. American Psychological Association.

Osawa, C. C. (2006). Trabalho “porco, perigoso e pesado” dos dekassegis e incidência de doenças psíquicas: cultura e subjetividade no movimento dekasegi. Resenhas e críticas bibliográficas - Percy Gallimberti - S.P.: Educ., 2002. Prefácio Lili Kawamura.

Padilla, A. M., & Borrero, N. E. (2006). The Effects of Acculturative Stress on the Hispanic Family. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. International and Cultural Psychology Series. Springer.

Pasch, L. A., Deardorff, J., Tschann, J. M., Flores, E., Penilla, C., Pantoja, P. (2006). Acculturation, Parent-Adolescent Conflict, and Adolescent adjustment in Mexican American Families. *Family Process*; Mar 2006; 45,1; proQuest Health and Medical Complete, pg. 75.

Pedraza, S. (2005). Assimilation or Transnationalism? Conceptual Models of The Immigrants Experiences in America. *Cultural Psychology of immigrants*.

Perez, W., Padilla, A. M. (2000). Cultural Orientation Across Three Generations of Hispanic Adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, Aug 2000, Vol. 22, Issue 3, p. 390, 9p, 1 graph.

Pesquisa com Dekasegi. Trabalho no Japão pode gerar distúrbios mentais. (2004, March 5). *International Press Japan* – IPC Digital. Comunidade brasileira.

Phinney, J. S., & Vedder, P. (2006). Family Relationship Values of Adolescents and Parents: Intergeneration Discrepancies and Adaptation. *Immigrant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Phinney, J. S., Berry, J. W., Sam, D.L., & Vedder, P. (2006). Understanding *Immigrant Youth: Conclusions and Implications*. *Immigrant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Phinney, J. S., Berry, J. W., Vedder, P., Liebkind, K. (2006). The Acculturation Experiences: Attitudes, Identities, and Be-

havior of Immigrant Youth. *Immigrant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Pierro, A., Mannetti, L. (2004). *The Social Cognition of Immigrants Acculturation: Effects of the Need for Closure and the Reference Group at Entry*. Journal of Personality and Social Psychology, Vol. 86, No. 6, 796-813. American Psychological Association.

Piko, B. F. (2002). Socio-Cultural Stress in Modern Societies and the Myth of Anxiety in Eastern Europe. Administration and Policy in Mental Health; January, 2002; 29,3; *Health & Medical Complete*, p. 275.

População brasileira no Japão. (2005, June 26). *International Press Japan – IPC Digital*. Comunidade brasileira.

Portes, A., Rumbaut, R. G. (2001). *Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation*. University of California Press. New York. USA.

Redfield, R., Linton, R., & Herskovits, M. (1936). Acculturation. In Human Behavior in Global Perspective: *An introduction to cross-cultural psychology* (pp.301). (2nded.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Reed, M. K. (1994). Social Skills Training to reduce depression in Adolescents. *Roslyn Heights*: Summer, 1994. Vol. 29, ISS. 114; pg. 293, 10 pgs.

Rego, A. (2002). Gestão de Expatriados no Mosaico Cultural. *Quatro modos de aculturação*. Lisboa, Portugal.
www.tiadro.com

Roth, J. H. (2002). *Brokered Homeland: Japanese Brazilian Migrants in Japan*. Cornell University Press. USA.

Rothbaum, F., Rosen, K., Ujie, T., Uchida, N. (2002). Family Systems Theory, Attachment Theory, and Culture. *Family Process*, Fall 2002; 41, 3; Health & Medical Complete. Pg. 328.

Roy-Byrne, P. P. (1999). Cultural issues in the Treatment of Anxiety. *The American Journal of Psychiatry*, Oct, 1999; 156, 10; Health & Medical Complete, p. 1658.

Sadock, B. J. & Sadock, V. A. (2007). *Compêndio de Psiquiatria 9ª. Edição*. Artmed. Porto Alegre. Brasil.

Sam, D. L. (2006). Acculturation and Health. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Sam, D. L. (2006). Acculturation of Immigrant Children and Women. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Sam, D. L., Vedder, P., Ward, C., Horenczyk, G. (2006). Psychological and Sociocultural Adaptation of Immigrants Youth. *Immigrant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Schinke, S. P., Botvin, G. J., Trimble, J. E., Orlandi, M. A., Gilchrist, L. D., & Locklear, V. S. (1988). Preventing substance abuse among American-Indian adolescents: A bicultural competence skills approach. *Journal of Counseling Psychology*, 35(1), 87-90.

Schiller, N. G., Basch, L., Blanc, C. S. (1992). Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Ethnicity, and

Nationalism Reconsidered. *Annals of the New York Academy of Sciences*.

Schmitz, P. (1992). Acculturation styles and health. In S. Iwawaki, Y. Kashima, and K. Leung (Eds.), *Innovations in cross-cultural psychology*, (pp. 360-370). Amsterdam: Swets and Zeitlinger.

Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., & Jarvis, L. H. (2007). Ethnic Identity and Acculturation in Hispanic Early Adolescents: Mediated Relationships to Academic Grades, Prosocial Behaviors, and Externalizing Symptoms. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*. Copyright 2007 by the American Psychological Association.

Schwarzer, R. (1999). *Stress and Coping Resources: Theory and Review*. Freie University of Berlin, Germany.

Searle, W., & Ward, C. (1991); Ward (1996); Ward & Rana-Deuba (1999). Acculturation and intercultural relations. In J. W. Berry, Y. H. Poortinga, & P. R. Dasen, *Cross-cultural psychology: research and applications* (pp.345- 383). (2nd ed.). Cambridge University Press.

Searle, Ward , (1990). Acculturation. In Segall, M. H.; P. R. Dasen; J. W. Berry, Y. H. Poortinga. *Human Behavior in Global Perspective: An introduction to cross-cultural psychology*(pp.299-323). (2nd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Segall, M. H., Dasen, P. R., Berry, J. W., Poortinga, Y. H. (1999). *Human behavior in global perspective: An introduction to Cross-Cultural psychology*(2nd ed.). Boston, MA: Allyn & Bacon.

Skogrand, L., Hatch, D., & Singh, A. (2005). Understanding Latino Families, Implications for Family Education. *Family Re-*

sources. Utah State University. 2005-02.

Smart, J. F. S., Smart, D. W. (1995). Acculturative Stress of Hispanics: Loss and Challenge. *Journal of Counseling & Development.* March/April, 1995. Vol. 73.

Smokowski, P. R., Bacallao, M. L. (2006). Acculturation and Aggression in Latino Adolescents: A Structural Model focusing on Cultural Risk Factors and Assets. *Journal of Abnormal Child Psychology.* 34:659-673. DOI 10.100/s10802-006-9049-4.

Snauwaert, B., Soenes, B., Vanbeselaere, N., Boen, F. (2003). When Integration does not Necessarily imply Integration: Different Conceptualizations of Acculturation Orientations Lead to Different Classifications. *Journal of Cross-cultural Psychology,* Vol. 34 N.2, March 2003 231-239. DOI: 10.1177/0022022102250250 C 2003 Western Washington University.

Souza, C.V., Botelho, T. R.(2001). Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. *Rev.Estud. Fem. [online].* 2001, vol. 9, no. 2 [citado 2007-02-07], pp. 414-432. Disponível em: (http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-26X2001000200006&lng=pt&nrm=iso).

Stevens, G. W. J. M., Pels, T. V. M., Volleberg, W. A. M., Crijnen, A. A. M. (2004). Patterns of Psychological Acculturation in Adult and Adolescent Moroccan Imigrants Living in the Netherlands. *Journal of Cross-Cultural Psychology,* Vol. 35 No.6, November 2004. 689-704. Sage Publications.

Stoil, M. J. (2006). Immigration and behavioral healthcare: Immigrants shouldn't count on Uncle Sam to help them with

- behavioral problems. *Behavioral Healthcare*. Jul 2006; 26, 7; pg. 8. Health & Medical Complete.
- Stone, E., Gomez, E., Hotzoglou, D., Lipnitskay, J. Y. (2005). Transnationalism as a Motif in Family Stories. *Family Process*, Rochester: Dec - 2005. Vol., 44, ISS. 4; pg. 381, 18 pgs.
- Suarez-Morales, L. (2007). Validation of Acculturative Stress Inventory for Children. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*. 2007, Vol. 13, 216-224.
- Szapocznik, J. (1999). Family Effectiveness Training (FAT). SAMHSA model Programs. www.cfs.med.miami.edu
- Tajfel, H. (1978). *The Social Psychology of Minorities. A minority rights group report*. London, UK.
- Takato, M. (2006). Imagined Ethnicity and Rites of Institution: An Ethnographic Analysis of Transnational Schooling of *Nikkeis* from Brazil. *Educational Studies in Japan: International Yearbook*. No.1, December, 2006, pp.49-62.
- Takeuchi, D., Alegria, M., Jackson, J. S., Williams, D. R. (2007). Immigration and Mental Health: Diverse Findings in Asian, Black, and Latino Populations. *American Journal of Public Health*; Jan 2007; 97, 1; Health & Medical Complete.
- Takezawa, Y. I. (2002): Nikkeijin and Multicultural Coexistence in Japan: Kobe after the Great Earthquake. In *New World, New Lives: Globalization and people of Japanese descent in the Americas*.
- Teixeira, A. T. J., Froes, R. C., & Zago, E. C. (2006). A comunicação e o relacionamento da família atual em virtude dos novos tempos. *Revista Eletrônica de Comunicação*. UniFacef - Edição 01 - Jan/Jul 2006.

Teixeira, A. T. J., Fróes, R., Zago, E. C. (2006). A comunicação e o relacionamento da família atual em virtude dos novos tempos. REC – Revista Eletrônica de Comunicação – UniFacef – Edição 01 – Jan/Jun 2006.

Teoria sobre crianças semilíngues – Parte 1. A teoria de Cummins e a relação desta com crianças brasileiras semi-língues. (2005, June 11). *International Press Japan – IPC Digital*. Opinião. Edição 716.

Teoria sobre crianças semilíngues – Parte 2. A teoria de Cummins e a relação desta com crianças brasileiras semi-língues. (2005, June 18). *International Press Japan – IPC Digital*. Opinião. Edição 717.

Thoman, L. V. (2004). Acculturation and Acculturative Stress as Predictors of Psychological Distress and Quality-of-Life Functioning in Hispanics Psychiatric Patients. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, Vol. 26, No 3, 293-311 (2004).

Thomas, T. N. (1995). Acculturative Stress in the Adjustment of Immigrant Families. *Journal of Social Distress and the Homeless*. Vol. 4, No. 2.

Tietjen, A. M. (1994): Children's Social Network and Social Supports in Cultural Context. *Psychology and Culture*. Cap. 14. Allyn & Bacon. USA.

Tong, V. M., Huang, C. W., McIntyre, T. (2006). *Promoting a Positive Cross-Cultural Identity: Reaching Immigrants Students*. *Reclaiming Children and Youth*. 14:4, Winter 2006, pp. 203-208

Tongu, E. S. (2003). *Educação e Formação de Identidade: considerações acerca da Formação de Identidade do Grupo*

Nikkei. Mestranda em Educação. FEUSP, Brasil.
In www.hottopos.com.com/videtur7/erica.htm

Torres, C. V., & Dessen, M. A. (2006). The Brazilian *Jeitinho*: Brazil's Sub-Culture, Its Diversity of Social Contexts, and its Family Structure. *Families Across Cultures: A 30 Nation Psychological Study*. Cambridge University Press. UK.

Torres, L., & Rollock, D. (2007). Acculturation and Depression Among Hispanics: The Moderating Effect of Intercultural Competence. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*. 2007, Vol. 13, No. 1, 10-17.

Trabalho puxado separa brasileiros no Japão. (2006, November 14). *International Press Japan - IPC Digital*. Comunidade brasileira. Edição 751.

Tsuda, T. (2003) *Strangers in the Ethnic Homeland*. Japanese Brazilian Return Migration in Transnational Perspective. Columbia University Press. New York, USA.

Tummala-Narra, P. (2004). Mothering in a Foreign Land. *Am J Psychoanal*. 2004 Jun;64(2):167-82.

Turnbull, A. (2002). Family Quality of Life as an Outcome of Early Intervention Services: Research and Practice Directions. *Strategies for measuring and improving family quality of life individuals with disabilities*. Directions in Early Intervention and Assessment. Chapter Twenty-five. Page 477-498.

Turner, P. M. M., Portes, P., Sandhu, D. (2002). The Cultural Adaptation Pain Scale-R (Revisited): Assessing the cultural adaptation of minority students at urban University. *American Education Research Association (AERA)*. New Orleans, LA.

Tweed, R. G., & DeLongis, A. (2006). Problems and Strategies When Using Rating Scales In Cross-Cultural Coping Resources. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping*. International and Cultural Psychology Series. Springer.

Tweed, R. G., White, K., Lehman, D. R. (2004). Culture, Stress, and Coping: Internally- and Externally-Targeted Control Strategies of European Canadians, East Asia Canadians, and Japanese. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol. 35 No.6, November 2004. 652-668. Sage Publications.

Van Dam-Baggen, R., Kraaimaat, F., Elal, G. (2003). Social Anxiety in three Western Societies. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 59; 6, 673-686.

Van de Vijver, F.J.R., Helms-Lorenz, M., & Feltzer, M. (1999). Acculturation and Cognitive Performance of migrant children in The Netherlands. *International Journal of Psychology*, 34, 149-62 (2000).

Vedder, P. H., Van de Vijver, F. J. R., & Liebkind, K. (2006). Predicting Immigrant Youths Adaptation Across Countries Ethnocultural Groups. *Immigrant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Vedder, P. H., & Horenczyk, G. (2006). Acculturation and the School. *The Cambridge Handbook of Acculturation Psychology*. Cambridge University Press. UK.

Vedder, P. H., Sam, D., Van de Vijver, F. J. R., & Phinney, J. S. (2006). Vietnamese and Turkish Immigrant Youth: Acculturation and Adaptation in Two Ethnocultural Groups. *Immi-*

grant Youth in Cultural Transition: Acculturation, Identity, and Adaptation Across National Contexts. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers Mahwah, New Jersey, UK.

Vega, W. A., & Finch, B. K. (2003). Acculturation Stress, Social Support, and Self-Rated Health Among Latinos in California. *Journal of Immigration Health.* Jul 2003, Vol. 5, ISS 3; page 109.

Vertovec, S. (2004). Trends and Impacts of Migrant Transnationalism. *Centre on Migration, Policy and Society Working Paper*, N.3, University of Oxford. UK.

Ward, C. , & Rana-Deuba, A. (1999). Acculturation and Adaptation Revisited. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, Vol. 30 N. 4, July, 1999 422-442. Western Washington University.

Wichert, R. (2004). *Acculturation and intercultural Identity in the Post Modern World.* Article. <http://www.irfanerdogan.com/identity.html>

Wong, P. T. P., Reker, G. T., & Peacock, E. J. (2006). Resources-Congruence Model of Coping and the Development of Coping Schemas Inventory. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping.* International and Cultural Psychology Series. Springer.

Wong, P. T. P., Wong, L. C. J., Scott, C. (2006). Beyond Stress and Coping: The Positive Psychology of Transformation. *Handbook of Multicultural Perspectives on Stress and Coping.* International and Cultural Psychology Series. Springer.

Yeh, C. J., Arora, A. K., Wu, K. A. (2006). A New Theoretical Model of Collectivistic Coping. *Handbook, of Multicultural*

Perspectives on Stress and Coping. International and Cultural Psychology Series. Springer.

Ying, Y., & Han, M. (2007). The Longitudinal Effect of Generational Gap in Acculturation on Conflict and Mental Health in Southeast Asian American Adolescents. *American Journal of Orthopsychiatry*. Vol. 77, No. 1, 61-66.

Yunjin, O., Koeske, G. F., Sales, E. (2002). Acculturation Stress, and Depressive Symptoms among Korean Immigrants in the United States. *Journal of Social Psychology*, August, 2002, Vol. 142. Issue 4, p.511-526, 17p, 1 chart, 1 diagram.

REFERÊNCIAS (JAPONÊS)

Gifu Shinbun

(2007)『美濃加茂市,人口1割が外国人』北川知樹 <http://www.gifu-np.co.jp/kikaku/2006/focus/fo20070126.shtml> 2007年1月26日

Inoue, T., (2006). Intercultural Contact, First Generation, and Second Generation: Body, Psyche, and Community. 異文化間教育学会, N.24/2006, p. 63-75.

特集～異文化間教育の語り直し。アカデミア出版会 [発売]

Kawaguchi, N. (2005). *The situation of Subject Learning of Brazilian School Age Students in Japan: the Results of a Survey at a Brazilian School.* 異文化間教育学会 N.21/2005

特集在日外国人教育の現在。アカデミア出版会。

Kawamura, L. (2000). 『日本社会とブラジル人移民』 明石書店

Masanori, S., Kodama, K. (2005). A Study on the Relations between Depressive Symptoms and a Sense of Belonging to Culture and Social Support Networks of Japanese-Brazilians in Japan.

コミュニティ心理学,2005,第9巻第1-13.

Nakagawa, K. (2003).

サンパウロにおける日系人の子どもたちと青少年～出稼ぎに巻き込まれた子どもたちに何が起きたか 多文化共生研究年報 (2005年3月) p. 17-33

Nakashima, Y. (1999). *Yuhikaku Psychology Dictionary*, p. 276. Yuhikaku-Japan.

Saito, G. (1996)『アダルト・チルドレンと家族』学陽書房 89ページ

Sekiguchi, T. (2003). 『在日日系ブラジル人子どもたち。異文化間に育つ子どものアイデンティティ形成』明石焦点Ch. 19. p. 311.

Tanaka, T. & Nakashima, M. (2006). Transcultural education attempts with social skills learning. 異文化間教育学会, N.24/2006, p. 92-102

特集～異文化間教育の語り直し。アカデミア出版会 [発売]

Yamada, R. (2005). Immigrants and Cultural Transformation: Analysis of Educational Strategy of Immigrants. 異文化間教育学会, N.22/2005, p. 68-79 特集～異文化間教育研究と(日本人性)。アカデミア出版会 [発売]

Yamanouchi, Y. (2006). Differentiation and Otherness: Alternative Ethnography of the Immigrant Community in Brazil. N.24/2006, p. 27-40 異文化間教育学会。特集～異文化間教育の語り直し。アカデミア出版会 [発売]

- Yano, L. P. (2007). Acculturation Orientation and psychological socio-cultural adaptation: Case Studies of 15 Brazilians Adolescents in Japan. *Transnational Identities and Multicultural Coexistence: Nikkei Identity in the era of Globalization*. p. 359-381. Akaishi Shoten – Japan.
- Yano, L. P. (2007). Imaginary home and biculturalism: Transnational Migration and Japanese-Brazilians Families. *Institute of Humanities and Social Sciences Annals*, March of 2007, Nagoya – Japan.
- Yano, L. P. (2007). Transnational Families - The Case of Japanese-Brazilian Living in Japan. *Studies in Humanities and Cultures N.8* . Graduate School of Humanities and Social Sciences. Nagoya City University. Nagoya – Japan. December-2007
- Yano, L. P. (2008). Function and Problems within Family Relations - The Case of Japanese-Brazilian Living in Japan. *The Annual Review of Multicultural Studies*, Vol. 5 March 2008. Nagoya – Japan.
- 外国人の子どもの教育をめぐる問題2002年度現代社会学科調査実習報告書第2分冊 名古屋市立大学人文社会学部、現代社会学科
 金井香里 (2006) 。日本におけるマイノリティの学業不をめぐるとの議論。東京大学大学院教育学研究科博士課程ペーパー
- 郡司英美 (2005) 『日系ブラジル人の子どもを取り巻く研究の再検討』異文化間教育学会。
 N.21/2005特集在日外国人教育の現在。アカデミア出版会。
- 新海英行,加藤長治,松本一子 (2001) 在日外国人の教育保障～愛知のブラジル人を中心に。大学教育出版
- 中島智子 (2005) 文化間教育研究と(日本人生)異文化間教育。p.2-13。第22/2005:特集異文化間教育研究と(日本人生)。異文化間教育学会
 アカデミア出版会(発売)。
- 徳永哲也 (2002) 。『宮崎県南米移住歴史』日宝製本株式会社。
- 富崎 (2002) 。『日本人移民物語』草の根出版社
- 富野&住田 (2002) 。『ブラジル学を学ぶ人のために』世界思想社。
- 北川知樹 (2006) 『進学も現実共生へ一歩美濃加茂市の外国人学習支援』岐阜新聞2006年度4月3日。<http://www.gifu-np.co.jp/kikaku/2006/focus/fo20060403.shtml>
- 木村正則 (2006) 『関西の日系ブラジル人学校における児童・生徒の言語能力意識とエスニック・アイデンティティについて～滋賀県S学校を事例として』京都女子大学研究44号